



Universidade da Amazônia

Flor de Sangue

de Valentim Magalhães

NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

www.nead.unama.br

E-mail: nead@unama.br



Flor de Sangue

de Valentim Magalhães

Il y a une justice à rendre à l'amour — c'est que plus les motifs qui le combattent sont forts, clairs, simples, irrécusables, en un mot, moins il a le sens commun, plus la passion s'irrite et plus on aime. C'est une belle chose sous le ciel que cette déraison du coeur; sans elle nous ne vandrions pas grand'chose.

Alfred de Musset..

Il n'y a jamais rien que de très simple dans les événements les plus extraordinaires, comme il n'y jamais rien que de très logique dans les hasards les plus inattendus. Un peu de réflexion nous aurait suffi le plus souvent pour empêcher les uns et pour prévoir les autres. Mais le propre de la passion est de s'absorber dans son objet tout entière.

Paul Bourget.

PREFÁCIO

Julguei conveniente, a bem da retidão do julgamento desta obra, precedê-la de algumas sinceras e curtas explicações.

Há 20 anos que escrevo para o público e mesmo, a rigor; há mais tempo ainda, pois na idade de 15 anos já eu publicava em jornais de província linhas de prosa e de verso, que só a meninice do autor tornava suportáveis à paciência benévola dos leitores. Nesses quatro lustros de atividade mental tenho feito um pouco de tudo — versos, folhetins, contos, panfletos, crítica, biografia, artigos de todo gênero, teatro, que sei eu? E tenho construído com parte desses materiais para mais de uma dúzia de livros.

A crítica tem-me reconhecido, com munificência que me há penhorado, um espírito vivaz, variável, curioso; uma atividade indefesa; um certo amor à língua vernácula, e daí pronunciado carinho no escrevê-la e um estilo correto e agradável; porém não tem ocultado o seu pesar por me não ver abalancar-me a isso que chamam os críticos "obra de fôlego" ou "trabalho sério" — um poema, um romance, um livro de crítica profunda. Ora, eu devo confessar que essa censura me calou sempre no espírito por havê-la formulado muitas vezes a mim próprio. Mas a necessidades inadiáveis da vida material, tão pesadas para um pai de família pobre nesta terra em que das letras ainda se não pode viver exclusivamente, impediram-me sempre de levar por diante esse projeto, cem vezes formulado e não poucas começado a executar. O tempo que me deixavam livre as ocupações de que provinha o pão cotidiano e o meu estado de saúde, precário, sempre, chegava apenas para escrever o conto, a notícia crítica, a crônica faceta, o artiguinho diário a que me comprometera em um ou vários jornais; não havia possibilidade de realizar o meu sonho, satisfazendo a exigência dos críticos — escrever uma obra de fôlego.

Entretanto, desde as primeiras manifestações da minha vocação para as letras senti-me atraído para o romance, e entre os meus primeiros ensaios, abandonados e perdidos, figuravam alguns capítulos de um romance O Equilibrista, apenas encetado. Mais de uma vez comuniquei aos meus amigos esboços, planos de romance, e de alguns passaram notícias às folhas.

Ora, aconteceu que nos últimos dias do ano de 1895, conversando com um editor, propus-lhe escrever para ele o meu primeiro romance. Aceitou a idéia e ofereceu-me direitos autorais que me pareceram satisfatórios, razoáveis. Como deles tinha alguma urgência, atirei-me ao trabalho: no dia 19 de janeiro do corrente ano escrevi o primeiro capítulo; no dia 2 o segundo, no dia 5 o terceiro, no dia 6 o quarto; enfim, em dois meses, tinha escrito mais de metade do livro, apesar das muitas interrupções que outros misteres impunham. Mas o editor deu parte de fraco; pediu-me que o dispensasse do compromisso, provando-me que o não poderia cumprir. Esfriou-se-me o ardor; parei. Meses depois, tendo feito contrato com os meus editores habituais, os srs. Laemmert & C. (*On revient toujours...*) reatei o trabalho interrompido, dando imediatamente à composição tipográfica os capítulos escritos. Os originais não foram recopiados por mim, quer dizer, não fiz rascunho ou borrão. Escrevi sempre de uma assentada, capítulo a capítulo, e, acabado, relia-o, corrigia-o, mandava copiá-lo por um secretário, conferia a cópia e remetia-a aos tipógrafos.

Se conto estes pormenores é para explicar as muitas imperfeições de forma que sou o primeiro a reconhecer, tais como a vulgaridade de algumas frases, a fraqueza de certas expressões, o banal de vários títulos de capítulos (e dei-lhes títulos por uma conveniência pessoal; para orientar-me em cada capítulo do estado, do ponto em que ficara o enredo, a composição), um ou outro galicismo, como "golpe de vista", e outros defeitos mais.

O capítulo que primeiro escrevi, com a intenção de fazê-lo o primeiro do livro, foi o quinto da segunda parte — um dos últimos: eu havia principiado pelo fim.

A circunstância de escrever de um jato, sem o polido e o repolido que Boileau tanto aconselhava aos ferreiros da idéia, só é prejudicial às obras mal concebidas e mal nascidas, que não trazem dentro alguma coisa de humano, de luminoso; bem sei, *Manon*, *Le Neveu*, *Candide*, *Adolphe*, são obras-primas e, no entanto, foram escritas sem rasuras, lembra P. Bourget em um de seus livros.

O fato, pois, da correntia espontaneidade, não retificada no cadinho apurador da revisão paciente, com que compus este romance, não é justificativa das imperfeições que o deslustram mas é um fato, e como tal, o denuncio à crítica para que o registre, se lhe aprouver.

Resta-me dizer algumas palavras, e justamente as mais importantes, acerca da escola e da moralidade de *Flor de Sangue*. Não me preocupei com aquela nem com esta, entendida esta no sentido que se lhe dá vulgarmente.

Não resolvi fazer um romance naturalista, nem de aventuras, nem de psicologia, nem simbolista, nem idealista; resolvi simplesmente fazer um romance. E ele foi-me saindo dos bicos da pena com um certo feitio, uma certa fisionomia, um certo caráter, que não tentarei definir e ainda menos explicar.

Se todavia me interpelasse alguém sobre tal ponto, diria que para o seu autor é o meu romance filiado à escola da verdade, a única, que como os Goncourt, acredito real e fecunda em arte. Todos os tipos que nele fiz mover-se, e não sei se viver, encontrei-os na vida social, não só fluminense, não só brasileira, mas de todos os países.

Não cogitei tampouco de discutir, provar e impor uma tese. Faço Paulino suicidar-se, não para pregar o suicídio como solução única e necessária em situações morais idênticas; porém pela simples razão de haver dado a Paulino um caráter reto, inteiriço, não contaminado da gangrena moral da época. Isso não importa negar ao meu livro moralidade, porque lhe reconheço pelo menos uma, e não somenos, que é a seguinte — quando um homem de caráter é dotado de um

temperamento que o contradiz e estorva, pode a vitória caber ao temperamento, na colisão deste com o caráter; mas o caráter reage com igual vigor e não aceita a situação moral criada pelo resultado do combate.

O Paulino que eu esbocei no segundo capítulo e fui tracejando nos subseqüentes poderia tirar a sua amada ao marido para viver com ela, confessando a sua culpa e arrostando-lhe todas as conseqüências, com uma bela impudência, bela por valorosa, se sentisse amado, porque a felicidade é cruel e injusta na hipertrofia do seu egoísmo; mas não poderia nunca aceitar a posição aviltante de terceiro no lar do seu amigo, protetor, quase pai, partilhando-lhe da mesa às claras e da cama às escondidas. Não vendo nenhum meio de conciliar a sua honra com o seu amor e não podendo vencê-lo, alvitra por sacrificar o amor à honra e mata-se.

Esta moral, toda circunstancial e relativa, bem sei, não é a moral que os mercadores dela em livros e discursos expõem ao consumo público; mas é a única que a razão admite e que a ciência explica. E cabe aqui perfeitamente repetir o que escreveu o fino psicólogo da "Fisiologia do amor moderno" no prefácio deste livro. Diz ele:

"Ser moralista (linhas acima dissera ele que a primeira e última lei para um escritor digno de empunhar uma pena é ser um moralista), ser moralista não é pregar — o hipócrita pode fazê-lo; nem indignar-se — Molière esqueceu esse traço no seu Alceste. Em dez misantropos profissionais contam-se nove farsistas, que fazem honorabilidade da sua indignação a frio. Não é concluir — o sofista conclui. Não é evitar os termos crus e as pinturas livres — nos piores livros libertinos, os do século 18, não se encontra uma frase brutal ou pinturesca. Não é tampouco evitar as situações escabrosas — não há uma nos primeiros romances de Mme Sand, e para mim eles são entre os livros belos os que mais justamente se chamariam imorais — conquanto, neste caso, a beleza da forma seja até certo ponto uma moralidade. Não, o moralista é o escritor que mostra a vida tal como ela é, com as lições profundas de expiação secreta que nela se encontram por toda parte impressas. Tornar visíveis, como palpáveis, as dores da falta, a infinita amargura do mal, o rancor do vício é fazer obra de moralista, e é por isso que a melancolia das Flores do Mal e a do Adolfo, a crueza do desenlace de Liaisons e a sinistra atmosfera de Cousine Bette fazem destes livros obras de alta moralidade".

É impossível dizer melhor.

Marcel Prévost, num artigo do Journal, intitulado Littérature et Morale, observa com grande verdade "que a literatura de uma época é sempre mais moral que seus costumes e que nenhum livro é tão libertino como as conversações correntes, na baixa como na alta sociedade".

Sou avesso a prefácios e entendo que o livro que se não explica a si próprio e por si próprio é um livro inexplicável. Mas conheço o meio em que vivo e prefiro ir ao encontro das principais objeções que ao meu romance prevejo serão feitas, e sobretudo a relativa à moralidade. Não de acusar-me de haver feito um livro que não pode ser lido por donzelas e meninos. Não me defendo; ao contrário, confesso que não daria este romance a ler à minha filha, como o não dou à minha irmã nem a meus filhos; mas romances sinceros e verdadeiros, isto é: honestos e morais não se escrevem para serem lidos por donzelas e donzéis. E aqui me socorro ainda do excelente prefácio de Bourget, de que acima fiz alguns extratos:

"Imaginemos para a nossa obra um leitor de 25 anos e sincero: que pensará ele do nosso livro ao terminar a leitura? Se ele, depois de lida a derradeira página, é levado a refletir nas questões da vida moral com seriedade maior, o livro é moral. Aos pais, às mães e aos maridos compete proibir a sua leitura aos rapazes e às

raparigas, para quem um livro de medicina também podia ser perigoso. Tal perigo não nos respeita. Só o que nos incumbe é pensar o mais justo que pudermos e dizer o que pensamos".

E justamente o que dizia há mais de 20 anos Guerra Junqueiro no prefácio da Morte de D. João, e num estilo mais colorido e imprevisto. Lembram-se?

"Não aconselho a ninguém que dê a ler a uma rapariga de nove anos nem a Morte de D. João, nem romances, nem dramas, nem comédias, nem o novo e, sobretudo, nem o Velho Testamento.

E linhas mais longe:

"Não se dá um poema a uma criança pelo mesmo motivo por que se lhe não dá uma garrafa de vinho ao jantar".

Mas a razão mais poderosa para que o romancista desdenhe preocupações de moralista banal, de convenção, é a que dá Edmundo de Goncourt nas seguintes linhas:

"Hoje que o romance se alarga e cresce, que vai sendo a grande forma séria, apaixonada, viva, do estudo literário e do inquérito social, que se vai tornando, pela análise e pela pesquisa psicológica, a história moral contemporânea, hoje que o romance se impôs aos estudos e aos deveres da ciência, ele pode também reivindicar suas liberdades e privilégios".

Estou bem apadrinhado, como vêm.

Por último, uma confissão.

Tive tanto gosto em escrever o meu primeiro romance, o gênero agradou-me tanto, deu-me tão belas horas de gozo intelectual, que o meu desejo era e é não escrever de ora avante outra coisa.

O romancista vive com as suas criaturas — ri, chora, goza, sofre com elas. É uma segunda vida, uma outra sociedade que trazemos palpitante dentro de nós — na rua, em casa, por toda parte. Como eu compreendo o velho grande Dumas dizendo ao filho, que o fora encontrar chorando e lhe perguntara qual a causa daquelas lágrimas:

"Um grande desgosto! Portos morreu! Acabo de matá-lo! E não posso deixar de chorar-lhe a morte! Pobre Portos!"

O poema e o romance são as duas formas literárias diferenciais, extremas, positivas. Tudo o mais — contos, odes, sonetos, peças teatrais são matizes, variações, gradações; motivos musicais, apenas, porque as óperas são eles. Ora, o poema não pode respirar e medrar neste nosso meio de hoje, excessivamente despoetizado pela indústria, pela ciência e pelo epicurismo. Resta o romance. O romance é o grande instrumento de reconstrução social. A princípio foi camartelo: destruiu; no século vindouro será escopro e trolha: construirá. O romance era fábula: hoje é história e crítica; será filosofia amanhã.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

Fernando e Corina

Vamos, Sinhá, vão se fazendo horas — disse Fernando Gomes, tomando o chapéu e a bengala.

— Já vou; estou quase pronta — respondeu, do gabinete de toalete, uma voz moça e clara.

Fernando consultou mais uma vez o relógio: eram sete e meia. A entrada do Orénoque estava anunciada para as dez, mais ou menos: não havia tempo a perder. E foi se dirigindo para a porta.

— Já encomendaste o carro, Fernando?

— Já, na cocheira da rua do Haddock Lobo, onde devemos tomá-lo. Mas, vem daí; senão perdemos este bonde. Eu vou para o portão esperá-lo.

E, descendo a escada da sala de jantar, veio para o jardim.

Era uma esplêndida manhã de julho, fresca, vibrante de claridade e de gorjeios de passarinhos. Os cabeços da serra da Tijuca iam-se destoucando dos véus brancos da névoa, em que se envolveram para dormir, e o sol, acima de um deles, com o seu disco indistinto e refulgente, parecia um grande brilhante engastado na porcelana azul da abóbada. Os seus raios, finos e nítidos, apenas tépidos, acendiam delicadamente todas as cores do íris nos cristais do orvalho que aljofravam as folhas das roseiras, dos jasmineiros, das begônias, dos crótons; e os verdes tapetes de grama, talhados à inglesa, com uma elegância severa e simples, pareciam cobertos de pó de prata.

Dois jardineiros solícitos faziam a primeira rega com o auxílio de longos tubos de borracha, de um lado e de outro; e sob o chuvisqueiro fino, irisado de sol, as plantas verdes e tenras sacudiam-se, agitando os braços, erguendo as cabeças flóreas, tomando no seu banho matinal forças novas para resistir ao calor fecundo do dia.

Era um jardim magnífico pela vastidão e pelo bom gosto no corte e disposição dos canteiros — uns formando corbelhas variegadas, outros elipses, losangos e meias-luas; e de dentro do qual o chalé surgia garridamente, cor-de-rosa e branco, com a sua construção simples de um só pavimento, mas alto bastante, inteiramente circundado por uma varanda larga sob a coberta leve, recortada em lambrequins de madeira.

Para trás ficava a chácara imensa, plantada de velhas e copadas mangueiras e muitas outras árvores de fruto, e nela, a uns cem passos do chalé, um outro, pequeno, muito alto, espécie de mirante, que olhava para longe, Tijuca abaixo, por sobre o telhado daquele. Fernando chamara-lhe o belvedere, e era nele que ia instalar o seu querido viajante, para o que o fizera mobiliar a capricho.

Era uma das melhores vivendas da Tijuca, sobre um outeiro, junto à raiz da serra, tendo sobre tantas outras ainda a vantagem da facilidade da condução, pois dispensava diligência, carro ou cavalo, bastando o bonde e um pequeno trajeto de cinco minutos a pé.

Fernando dava uma ordem a um dos jardineiros quando Corina, descendo rapidamente, muito risonha, as escadas de pedra, num farfalhar de sedas novas, espalhando em torno uma onda de perfumes discretos, veio juntar-se ao marido:

— Ah! Cá estou. Nem sei como estou vestida! Se isto são horas de obrigar uma dama a sair, senhor doutor Paulino! — exclamou ela, erguendo com faceirice um dedo ameaçador na direção do mar. E, voltando-se para o marido com um recuo ligeiro, abrindo os braços:

— Achas-me bem?

— Estás divina. Mas vamos.

— Sem café? Esquecia-nos o café. Aí vem ele.

Um mulato claro e alto, muito magro, com um avental branco, que lhe descia dos ombros aos pés, aproximava-se com uma salva de charão, em que se via um delicado meio serviço de prata para petit déjeuner. Corina trincou um biscoito e sorveu alguns goles de leite, enquanto o marido ingurgitava o cheiroso e negro café da sua canequinha branca.

— Pronto; desçamos.

Saíram o gradil de ferro e desceram a colina, entre os dois renques de soberbas palmeiras. O bonde tilintou perto, embaixo. Apressaram o passo e tomaram-no.

— Quase oito horas, Sinhá. Tenho receio que não cheguemos a tempo.

— Que idéia! Nem tão grande é a distância!

E Corina calçava as luvas cor de pérola, olhando, com desembaraço, um pouco para toda parte.

É uma encantadora morena de 21 anos. Alta, bem lançada, cintura fina e cadeiras largas, peito farto, sem exagero, sentindo-se-lhe a opulência firme dos seios no ofego brando do colo, adivinhando através da seda; braços longos, mãos pequenas, de dedos afusados; uma fragilidade e esbelteza de *fausse maigre*. A cabeça, de brasileira pura, aliando a garridice e a espiritualidade francesas ao encanto forte e quente das espanholas nos olhos grandes, negros, admiráveis; no nariz, a um tempo delicado e forte, de asas largas e palpitantes; na boca, rasgada em sorriso, de lábios carnudos e róseos; no moreno aveludado da tez, de uma palidez sensual, que parece arder de um fogo incessante do sangue, refluxo ao coração.

E em toda ela, nos olhos, nos risos, nos gestos, nas falas — uma alegria, uma ingenuidade, um capricho de criança.

Onde quer que aparecesse atraía todas as atenções, acendia invejas nas damas, inflamava em desejos cúpidos os homens. Quando entrava em um bonde, enchendo-o com a sua mocidade e a sua formosura de Diana, vestida pelo último figurino de Paris, todos se volviam para vê-la e corriam sussurros.

Os homens que conheciam o marido apressavam-se em saudá-lo para terem pretexto de olhar para a mulher com mais liberdade, e se ia no carro algum elegante, algum leão da rua do Ouvidor, uma espécie de fluido elétrico se estabelecia entre ela e ele: sentiam-se, adivinhavam-se mutuamente, farejavam-se, por assim dizer, como no bosque espesso a corça e o tigre se pressentem e se aproximam — uma com a certeza do seu fim desgraçado, o outro com a segurança da sua força.

E se o acaso os juntava no mesmo banco, era um telegrafar imperceptível de contatos sutilíssimos: ora a manga do fraque dele roçando a manga do corpete dela, o joelho dele, que num movimento natural, toca ligeiramente nos estofos que resguardam a perna da dama; não se olham e, no entanto, observam-se; não se falam, mas compreendem-se.

É uma espécie de duelo mudo, que se trava entre toda mulher formosa e coquete e os homens da moda e do mundo; duelo terrível, em que ela tem de defender-se heroicamente contra muitos adversários, mais fortes e mais experimentados, e no qual se joga sempre a honra do marido, que não raro recebe um golpe mortal.

O de Corina, entretanto, não era dos mais animadores. Era um homem fisicamente digno daquela esplêndida mulher — alto, robusto, espáduas largas, cabeça enérgica, sangüínea, respirando força e coragem pelos olhos francos, pela boca forte, pelo nariz grande e adunco. Usava bigode e suíças curtas e sedosas, de um louro escuro, e que ele anediava quase constantemente. Representava ter 36 anos. Sócio de uma casa bancária e interessado em várias empresas industriais, distribuía sem cessar a sua prodigiosa atividade por muitos negócios de especulação mercantil e transações de bolsa, em que fizera sólida e próspera fortuna. Era conhecidíssimo no Rio de Janeiro, cuja melhor sociedade freqüentava, figurando infalivelmente em todas as comissões de festejos públicos e obras de caridade.

Havia três anos apenas que desposara Corina, a sobrinha e afilhada do conselheiro Prestes, o abastado homem político, um dos mais prestigiosos chefes do partido então no poder. O conselheiro, não tendo filhos, concentrara naquela menina todas as suas afeições e esperanças, adotando-a com sua esposa, a célebre Chiquita Prestes, de quem se contavam aventuras escandalosas, em que figuravam até personagens de sangue azul.

Bonita, elegante, herdeira da fortuna considerável dos tios, educada com excessiva liberdade e mimos demasiados, freqüentando todos os bailes e festas, vivia a jovem Corina assediada constantemente de adoradores, que se disputavam com encarniçamento uns aos outros aquela presa apetecível.

Mas a própria liberdade em que a deixavam os padrinhos teve para ela uma vantagem — foi fazê-la conhecer ao justo o valor de cada um dos seus inúmeros pretendentes. Ganhou fama de namoradeira; mas também adquiriu a de conquista difícil, tantas foram as tábuas que distribuiu, brincando e rindo, a muitos deles.

Gastou três anos, dos 15 aos 18, nesses perigosos brincos de salão, estafando pretendentes nessa steeple-chase ao seu dote e à posse do seu corpo adorável.

Mas aos 18 anos, deixou-se prender e cativar. Encontrara Fernando em um baile do cassino — valsando como um silfo, conversando com espírito e fazendo-lhe uma corte delicada e séria, sem pieguices. Sentiu nele uma virilidade sadia e uma afeição firme e profunda: correspondeu-lhe.

Fernando, que de há muito a seguia timidamente, através de todos os bailes, espetáculos e festas com uma simpatia crescente, sentiu-se, por fim, tomado de um amor grave, fundo, irresistível, por aquela perturbadora criança. E, com a sua vontade educada, que não conhecia impossíveis, resolveu que a desposaria.

Mui raro é que um amor sincero e grande, um amor verdadeiro — o amor, enfim — não desperte, não atraia, não gere senão amor igual, ao menos uma afeição forte, uma simpatia acentuada, como o abismo atrai o abismo; mui raro é que o amor não vença e não triunfe.

Dona Sinhá — a frívola Corina —, a coquete borboleta do flerte, sentiu-se atraída de um modo estranho e poderoso para aquela viva e grande chama que ardia tranqüilamente a seu lado e deixou-se arrebatada para o cárcere dourado do casamento pelos braços do seu valsista lépido e varonil.

Após três meses de noivado — meses deliciosos, em que a festa nupcial foi preparada entre carinhos e devaneios, com mil pequenos cuidados e requintes, acabando cada uma dessas noites de oratório com um beijo casto e tímido, e em que os primeiros ardores do delírio da posse foram pouco a pouco entrando — após esses três meses de sonho, realizou-se o casamento de Fernando Gomes com Corina Prestes na casa dos padrinhos, partindo os noivos na mesma tarde para

Petrópolis. Ali passaram a lua-de-mel, escondendo-a avaramente em um delicioso cottage no alto da Serra, no qual só receberam a visita do conselheiro e da esposa e a de Paulino, o seu maior amigo, a quem estimava como a um filho, e que dentro de duas horas ia estreitar nos braços, depois de uma ausência de três anos, em que fora viajar e aperfeiçoar os seus estudos médicos na Europa.

Paulino embarcou para Bordeaux dois meses depois do casamento do seu amigo e protetor.

Para Fernando Gomes esses três anos pareciam três dias. No firmamento da sua felicidade somente uma nuvem passou, toldando-o, mas passou ligeira, para não mais voltar — esperava-o.

Mas era bastante negra essa nuvem; foi grande esse primeiro desgosto.

Corina fizera-se abortar duas vezes; da primeira Fernando ignorou-o completamente; mas da segunda foi advertido pelo médico, que, ainda incerto quanto ao primeiro aborto, tivera certeza do segundo pelos profundos e iniludíveis efeitos por ele deixados na natureza delicada da moça, e julgara de seu dever informar o marido, em particular e com cautela.

Fernando teve uma cena violenta com a esposa — a primeira, mas que lhe deixou um vago pavor. A princípio ela negou o fato, mas teve de confessar a verdade quando o marido lhe disse que fora o próprio médico que lho revelara. Interpelada sobre o sentimento que a levava à prática daquele crime, de que ela não tinha, aliás, consciência, considerando-o um ato lícito, sem maior importância: se era o horror ou o medo de ser mãe, respondeu isto — que desejaria ter um filho porém mais tarde, quando já houvesse gozado mais da existência, que se sentia moça e forte, que gostava de se divertir e que os filhos estragam as mulheres, acabam-lhes com a vida, condenando-as a toda sorte de trabalhos, desgostos e sofrimentos. E nos seus olhos imensos, marejados de lágrimas, lia-se o terror animal da dor, e nos seus gestos de desespero o aferro egoístico aos gozos fáceis e brilhantes da vida mundana — a todos os regalos do luxo, da moda, da convivência.

Fernando, que esse golpe inopinado abatera, escreveu a Paulino longamente, expondo-lhe sem reservas o que se passara e pedindo-lhe o seu juízo a respeito. A resposta veio pela volta do pacote e restituiu ao pobre homem a calma e a alegria que aquele incidente lhe roubara.

Pensava o médico que fora um ato de leviandade, uma criancice, apenas; produto talvez de maus conselhos; mas dizia estar convencido de que ela não compreendia absolutamente a gravidade, nem medira as conseqüências do que fizera e que devia ficar muito espantada quando lhe dissessem que fora um crime esse ato.

Paulino lembrava ainda ao amigo a deficiência da educação moral que haviam dado à esposa, a qual, saída do colégio das irmãs de caridade, de um meio de hipocrisia e disfarce, tivera como mãe, durante os três anos que mediaram entre a saída do colégio e o casamento, a quem? À famosa Chiquita Prestes! E concluía aconselhando ao amigo que se lembrasse de tudo isso para não esquecer que devia pôr no seu amor conjugal um pouco do desvelo e da severidade de um pai.

Essa carta foi para Fernando, além de um suave conforto, uma revelação preciosa. Absorvido pelos seus negócios, depositando na esposa confiança completa, tendo um gênio descuidoso, franco, pouco refletido, incapaz de prever o mal, nunca ponderara os precedentes da esposa, o seu gênio, a sua educação, os seus gostos, nem os perigos e os males que podiam vir da excessiva liberdade, sem nenhuma vigilância, em que ele deixava aquela criança fogosa, travessa e mal educada.

Era tempo. A sua honra já era pasto da maledicência pública em Petrópolis, onde passavam os verões. Apontava-se como amante da formosa dona Sinhá o jovem e louro secretário da legação francesa, sr. de La Motte, seu par quase constante de valsa, seu companheiro habitual de passeios a cavalo. e de canto nos duetos ao piano. Fernando, sem alterar os hábitos do casal de modo alarmante, foi restringindo habilmente o círculo das festas e modificou os seus próprios hábitos de modo a ser muito mais assíduo junto à mulher — nos bailes e nos passeios. E como valsava e montava ainda primorosamente, recomeçou a valsar com a mulher e a fazer com ela longas excursões a cavalo.

Esse manejo, que não podia passar despercebido à sociedade dos veranistas de Petrópolis, criou para Fernando uma reputação muito lisonjeira de homem de espírito e finura e fez achar bastante cômica a atitude enfiada e esquerda do louro sr. de La Motte.

Assim, pois, apesar dos elementos sobreexistentes de perigo — dos quais o mais temível era a amizade de Santinha, a famigerada mulher de Viriato de Andrade — as precauções despertadas por Paulino na sua carta providencial, inteligentemente postas em prática por Fernando, garantiram-lhe a integridade da honra matrimonial e o respeito público à sua bela cabeça loura, em que a luzidia cartola ou o leve chile continuaram de assentar perfeitamente, até esta luminosa e fresca manhã de julho de 1889, em que o belo e invejável casal partia do seu esplêndido chalé da Tijuca para ir a bordo do Orénoque receber o seu querido e saudoso amigo dr. Paulino José de Castro.

CAPÍTULO II

PAULINO

Graças à amabilidade do ajudante de guarda-mor da Alfândega, o prestativo e florescente Lírio, conseguira Fernando a excelente lancha daquela repartição para ir a bordo do Orénoque buscar o seu amigo.

Iam nela também, e para o mesmo fim, a irmã e o cunhado do médico, com um filho, e o seu amigo o farmacêutico Honorato Campos.

Àquela hora o sol, alto e largo, já bastante quente, punha uma palheta de platina fluida em cada onda, e como que estendia por sobre o mar, de tão alto, a sua cauda imensa de luz ofuscante.

Junto ao cais apertavam-se aos encontrões inúmeras embarcações miúdas com os catraeiros em pé, gesticulando para as pessoas que estavam no cais e fazendo um alarido infernal.

— É pro francês, patrão? Pronto.

— Pro alemão, patrãozinho? É comigo.

— Ó senhor! Eu faço mais barato! Levo-o e mais a senhora a bordo do nacional por cinco mil-réis. É a Fama de Netuno!

Passageiros desembarcavam de lanchas a vapor e de botes, carregados de malas e chapeleiras, numa confusão de tipos das raças as mais diversas, com um ar atordoado, olhando e ouvindo sem falar.

A lancha, impulsionada pela máquina vigorosa, cortava como uma flecha a face do mar ofegante, verde-escuro, e em breve, aprofundando ao Poço, deixava para trás, num afastamento rápido, o cais do Mineiros, a Alfândega, o arsenal, as docas.

Dona Sinhá agarrara-se fortemente ao braço do marido, muito medrosa, queixando-se das guinadas da lancha, arrependida de ter vindo.

— A senhora enjoa, dona Sinhá? — perguntou a irmã de Paulino.

— Muito, dona Benga; é uma desgraça.

— Não pode olhar para um navio, mesmo pintado, sem deitar carga ao mar!

— disse, rindo, Fernando.

Todos riram, principalmente a irmã de Paulino, que não perdia ensejo de mostrar os seus lindos dentes. Era uma mulher baixinha, muito gorda, mas com uma certa elegância, apesar disso, por ser uma gordura proporcional; belas cores, olhos pequenos, mas negros e inquietos; um ar de franqueza, atividade e bondade, que logo cativava.

O marido, Domingos Castrioto, chefe de seção na Secretaria de Agricultura, era um desses tipos incolores, apagados, metódicos, que o hábito longo e constante da burocracia acalcanha e descaracteriza — uma espécie de ofício em branco, no qual a esposa escrevia à vontade. Tinham uma escadinha de filhos, a quem ela dedicava toda a sua existência, com um afeto e uma abnegação comoventes.

O Dano, que os acompanhava, era o terceiro — um bonito petiz de oito anos, inquieto, espigado, tagarela, afilhado do tio e que, por isso, ia também a bordo recebê-lo. Desde que a embarcação largara, arremangou ele o braço direito, meteu-o na água e deliciava-se com a frescura e o movimento dela.

Dali a momentos Corina tinha vômitos. O farmacêutico Honorato, muito gentil por sistema com as senhoras, para obter a freguesia das famílias, e prevenido sempre para estes casos, sacou do bolso um vidrinho, contendo um líquido branco, que deu a cheirar à doente, a qual melhorou de pronto, o que o fez explicar:

— Também é um preparado meu — o elixir milagroso.

— Milagroso, em verdade; hei de comprar-lhe alguns vidrinhos — disse Fernando, como agradecimento.

— Que navio é aquele, papai? — gritou o Dano, tirando de repente o braço da água e respingando o vestido de Corina; o que fez a mãe exclamar:

— Que modos são esses, Dadá? Estás molhando a senhora.

— Hein, papai? — insistiu o menino, sem atender à repreensão.

— É um encouraçado, o Aquidabã, meu filho — fez a voz fanhosa e arrastada do pai.

— Lá está o Orénoque! — gritou Fernando. — Belo pacote!

Mais algumas braças e já se podiam distinguir as pessoas que estavam no tombadilho. Fernando pôs-se em pé, fazendo viseira com a mão para ver melhor.

— Já o distingues? — perguntou Corina.

— Ainda não, espera; agora. Lá está ele, encostado à amurada; olha, acolá, junto do último escaler suspenso, de roupa cinzenta e chapéu preto mole. Vês?

E entrou a acenar vivamente com o lenço. O vulto, cada vez mais distinto, reconhecendo-os também, correspondia às saudações. Dona Benga, que, ao

distinguir o irmão, pusera-se a rir, a rir, chorava agora em silêncio, sem cessar de sorrir, sem forças para agitar o lenço.

Dez minutos depois, subiam todos a escada do portaló e entravam no paquete, em meio de uma confusão indescritível.

Passou-se então uma cena tocante. Fernando e dona Benga atiraram-se ao viajante e sem lhe darem tempo para articular uma palavra, o apertaram nos braços, cobrindo-lhe o rosto de beijos e lágrimas.

Castrioto olhava para aquilo com o seu ar apático, com o sorriso e a destra de prontidão, à espera da sua vez: Dano encarrapitara-se na amurada e entretinha-se a observar o movimento dos botes e lanchas embaixo, junto à escada do portaló.

Corina tinha uma umidade brilhante nos olhos e a sombrinha tremia-lhe na mão enluvada.

Por fim desabraçaram-se os três e Paulino enxugou vivamente os olhos.

Só então pôde ver Corina. Tirou imediatamente o chapéu e estendeu-lhe as mãos:

— Oh! Dona Sinhá!

Esta, sem responder, estendeu-lhe as suas.

— Ora façam-me o favor de abraçar-se! Pois você vem de Paris e perde a ocasião de beijar uma mulher bonita? — exclamou Fernando.

Paulino obedeceu, apertando levemente ao peito o busto elegantíssimo da moça e beijando-a nos cabelos.

Depois o médico e o farmacêutico, antigos companheiros de estudo, abraçaram-se afetuosamente.

— Olha o Castrioto, meu irmão, e o teu afilhado, o Dadá. Mas onde está ele? Dadá! Que diabinho de criança!

— Oh! Não o tinha visto ainda. Desculpe-me, Castrioto.

E o médico abraçou o cunhado, que tirara o chapéu, num acanhamento, muito atrapalhado com a comoção.

— Como está crescido o Dadá! Você lembra-se de seu padrinho? Qual! Não se lembra. Há três anos! Trago para você um boneco ainda mais travesso que você.

— Bem, agora toca a safar. Onde estão as tuas malas de cabina?

— Aqui.

— Bem. Vamos a isto. O plano é o seguinte: almoçamos todos no Globo, depois as senhoras vão para casa e nós vamos à Alfândega tirar a bagagem.

Meia hora depois almoçavam todos no salão do Globo, onde Fernando havia de véspera encomendado o almoço. A mesa estava muito chique, toda coberta de flores; num grande gateau ornamental, ao centro, havia um anjinho de açúcar erguendo uma bandeirola em que se lia — Boas-vindas! O recém-chegado sentou-se entre dona Benga e Corina; do outro lado Fernando, Castrioto, Honorato e o menino.

O primeiro prato servido foi uma feijoada, preparada a capricho, que foi saudada com grandes aclamações e que Fernando obrigou a rebater com um golezinho de legítima crioula — para dar à cena toda a cor local.

— Faço questão que você se reabituê desde já aos costumes pátrios. Três anos de estranja quase que desnacionalizam um homem. Mas, caramba! Você volta-nos um rapagão, seu Paulino! Olhem-me para aquilo! Que belas cores! Que bigode petulante e que elegância! Você vai ser o pesadelo dos maridos e o sonho dos pais que têm filhas casadeiras.

Paulino transformara-se de fato naqueles três anos de ausência. Partira um pouco debilitado e pálido, em consequência dos estudos e trabalhos da formatura, e sem aquela carrure, aquele ar sadio, robusto, desempenado. Muito moreno, ao partir, a cor abrira-se-lhe lá fora, tomando um tom rosado, e em todo ele — no corte do cabelo, no jeito dos bigodes, no vestuário, nas maneiras, no modo de dirigir-se às pessoas, no de servir-se à mesa, nos menores gestos havia um ar novo e fino de distinção, essa espécie de verniz que o simples contato e a observação inteligente das civilizações européias, em constantes viagens, fazem insensivelmente adquirir.

Era um belo exemplar da raça esse homem. Mas o que o tornava encantador era a rara, a perfeita delicadeza de sentimentos e a direitura de caráter, que se sentiam, que se viam quase sob aquela varonilidade culta e na seriedade, na quase austeridade que respirava a sua fisionomia enérgica e serena.

Fora sempre um rapaz sério, isto é, criterioso, ponderado, pacato, durante todo o tirocínio acadêmico. Por isso adquirira a afeição dos mestres e dos colegas, tendo recebido destes a honra de ser o seu representante na cerimônia da colação de grau.

Nascera no Rio Grande do Sul, de um magistrado paupérrimo e probo, a quem a mulher deixava cinco filhos, dos quais só existiam três — Paulino, d. Benga e Adolfo. Este fizera companhia, em Porto Alegre, ao pai, velho e quase cego, desembargador aposentado, até seu falecimento em 1888, havia 13 meses. Com grandes sacrifícios conseguira Paulino formar-se, tendo sido obrigado a lecionar de dia e a rever provas à noite, na redação de um jornal, para poder prosseguir nos estudos.

Foi no terceiro ano do curso médico que Fernando o conheceu, apresentado por um amigo comum. Quis o acaso que eles se encontrassem várias vezes, e uma tal afeição os ligou, que Fernando, solteiro e já abastado, obrigou o estudante a morar com ele e a aceitar-lhe a proteção, que ele, aliás, sabia dispensar sem vexame nem humilhação.

Foi ainda Fernando quem editou o seu primeiro livro — um estudo da influência e do papel da mulher na sociedade, livro que levantou grande celeuma entre os críticos, pelo pessimismo que todos eles julgaram descobrir na obra.

E, finalmente, foi graças à influência e aos esforços de Fernando que o dr. Paulino foi nomeado pelo governo em comissão para estudar em Paris, Viena e Berlim bacteriologia e higiene.

A diferença de idade entre os dois amigos era de dez anos, mais ou menos. Fernando tinha 33 anos e 23 para 24. Paulino, quando este recebeu o grau de doutor em medicina; e esses dez anos de diferença, juntos à proteção do mais velho pelo mais moço, davam ao afeto de Fernando por Paulino um quê de paternal, que muito agradava àquele.

Esse tom paternal não impedia, contudo, que os dois amigos tivessem a máxima familiaridade e franqueza um com o outro e várias vezes entrassem nessas alegres partidas de prazer, próprias de rapazes sem família e das quais os amores fáceis constituem quase todo o programa.

Paulino era o que os franceses chamam un homme à femmes. Temperamento cálido e nervoso, constituição forte, adorava a mulher, isto é, todas as mulheres capazes de dizer-lhe aos sentidos alguma coisa nova.

Inimigo irreconciliável do casamento — que ele considerava uma instituição absurda por antinatural e hipócrita, sendo o homem polígamo, como é, por natureza e hábitos e pela dissolução dos costumes contemporâneos —, achava a mulher indispensável à vida física e intelectual do homem, só lhe admitindo a influência moral quando mãe, não como companheira, e menos ainda como esposa.

Coerente com as suas doutrinas, tendo horror ao matrimônio como à colagem, mudava de amante como de gravatas, escolhendo sempre aquelas como escolhia estas — entre as mais novas e mais bonitas. Não admitia nem perdoava o homem que conspurca um leito matrimonial: perdoava à mulher, "ente irresponsável, que o nosso egoísmo estragou completamente, reduzindo-a à eterna servidão física e moral" (palavras suas), mas ao amante, não. Este tem centenas de mulheres livres diante de si para saciar os apetites da besta; não tem o direito de desejar aquelas que, por força da convenção e do preconceito embora, têm um senhor, um dono. "A mulher é coisa do marido; há tanto o direito, para um terceiro, de se servir dela como de um objeto dele — do guarda-chuva, da carteira, das lunetas...", dizia ele.

Estas idéias extravagantes tinha-as Paulino exposto e desenvolvido, em grande parte, no seu livro A Mulher, que tantos ataques lhe trouxe, e divertiam muito o seu amigo. Mas o que é verdade é que frei Tomás fazia o que pregava. No demi-monde as mulheres tinham, por fim, medo dele, porque sabiam que daquele belo e robusto rapaz nada havia a esperar senão algum dinheiro e algumas noites de gozo; afeição, rabicho — como elas dizem —, isso nunca. É que elas também têm o seu orgulho e o seu amor — próprio e não podem, sem se sentirem ofendidas nesses pontos melindrosos da alma, admitir essa invulnerabilidade desdenhosa, essa couraça protetora do coração masculino.

Tanto queria como temia as mulheres, e se por todos os modos e a todo custo evitava apaixonar-se, se procurava conservar o coração alheio aos seus caprichos sensuais, era porque tinha a intuitiva certeza de que se tivesse um amor, entregar-se-ia a esse amor inteiro, cego, com delírio, com loucura, pronto a sacrificar-lhe tudo, a começar pela vida.

Ora, justamente, no correr do almoço, quando os vinhos, vários e bons, já tinham posto nas línguas e nos espíritos essa alegria comunicativa e indiscreta, própria desses momentos e que constitui um estado bastante agradável e inocente com a condição de não subir nem mais um ponto, Fernando Gomes perguntou, de repente, ao seu amigo, com um pisco de olho malicioso:

— E no capítulo mulheres, que tal? Você, com essa cor morena e esses olhos e cabelos negros, devia fazer furor! Muitas aventuras? Talvez alguma paixonite, heim?

Paulino riu-se sem acanhamento e respondeu com perfeita naturalidade:

— Você esquece-se de que sou invulnerável. O coração conservou-se mudo e calmo, como até então e como até agora.

— Mas um capricho, uma simpatia passageira... nem isso ao menos?

— Ora, meu caro Fernando, isto é uma confissão em regra! Não me recuso à confissão, nem rejeito o confessor; mas exijo, apenas, o sigilo do confessor.

— Percebo: as senhoras acanham-te. Mas repara que ambas são casadas; depois uma é tua irmã e a outra...

— Perdão, ambas são minhas irmãs; não é verdade, Corina? — disse Paulino, voltando-se todo para a sua vizinha e procurando-lhe os olhos.

Dona Sinhá desviou-os com um certo embaraço, mas respondeu com voz clara e um sorriso breve:

— De certo; pois que havíamos de ser?

— Ora muito bem, se assim é, não há nenhuma razão para você se fazer de santo; vá, faça confissão, à pureza, dos seus pecados de amor na Europa — tornou Fernando, enchendo a taça do amigo e a sua de vinho espumante.

— Foram tão veniais que nem vale a pena confessá-los.

— Pois sim, mas vá confessando sempre — exclamou dona Benga, em cujos olhos, de ordinário risonhos, ridentíssimos agora, brilhava uma curiosidade viva, picante de malícia.

Dona Sinhá nada dizia e o seu sorriso parecia contrafeito; as suas faces, que a excitação do almoço havia rosado, estavam agora ligeiramente pálidas. Dir-se-ia que o assunto lhe dava um constrangimento sem razão, que ela própria não poderia explicar.

— Pecadinhos sem importância, repito. Uma dançarina aqui, uma grisette acolá...

— E parece-lhe que foi pouco? — perguntou Corina com a voz um pouco trêmula.

Tão estranho pareceu a Paulino o tom dessas palavras, que olhou para ela, admirando-se muito vê-la com um ar sério, muito esquisito em meio do ar alegre de todos, e um véu de umidade nos olhos. "Fui inconveniente, não há dúvida, e feri-lhe o pudor com as minhas revelações. Fui desastrado!" E alto, com muita solicitude: — Peço-lhe mil perdões de havê-la melindrado com as minhas inconveniências. Mas a culpa é de seu marido, que me obriga a cometê-las.

E para o amigo:

— Você, decididamente, põe a minha alma no inferno.

Mas Fernando, rindo-se muito:

— Isso é cisma tua, Sinhá não se ofendeu, nem tinha de que. Se você até foi discreto demais! Mas vamos, diga cá: de toda a tua coleção de mulheres, qual foi a que mais te agradou, a que mais viva impressão te deixou no espírito? A espanhola? A francesa? A italiana?

— Ah! Mais non, ça c'est trop fort! Assez de bavardage, voyons! — exclamou Paulino; e pela espontaneidade com que a frase francesa lhe saltou da boca via-se que não dissera propositalmente, por pose ou pedantismo.

Dona Sinhá, ou sinceramente ou para afastar uma suspeita que lhe não agradava, interveio, tardiamente mas já senhora de si, com um sorriso encantador enflorando-lhe aos lábios:

— Que idéia! Eu, ofendida! E por quê? Se o doutor nada disse de inconveniente, que uma senhora nas minhas condições não pudesse ouvir!

— Mas, afinal, para um homem com aquela cor e aqueles olhos dez conquistas por dia não seria muita coisa! — exclamou Fernando, rindo gostosamente.

Todos riram com ele, exceto Corina, que enrubesceu até a menina dos olhos, e o médico, que disfarçou como pôde a confusão que lhe causaram aquelas palavras. Honorato cessou de rir para murmurar ao ouvido do impassível e taciturno Castrioto:

— O Fernando apanhou uns chuviscos. Se continua a beber, temos uma pancada de água de alagar tudo. — E, dizendo isso, tinham os seus olhos um quebranto de sonolência muito característico.

CAPÍTULO III

NOVAS FIGURAS

A festa com que Fernando Gomes celebrou na sua vivenda principesca o regresso feliz do seu amigo foi digna de ambos.

Homem de gosto educado, pronto a gastar largamente sempre que o julgava necessário, eram notáveis as festas por ele oferecidas ou organizadas, por serem brilhantes e completas: tudo o que tinham era superior e nada lhes faltava. A dessa noite, na opinião dos convidados, não desmerecia as anteriores.

O aspecto exterior da casa deixava nos passageiros dos bondes a visão rápida de um castelo fantástico em noite de festim. Por toda a alameda de palmeiras que da rua levava ao chalé subiam dois renques de grandes, variegados e brilhantes lampiões venezianos, e o prédio, no alto da colina, iluminando esplendidamente a giorno, desaparecia sob as lanternas, globos e folhagens, num amontoado de cores e fulgurações, destacando no seio tenebroso da noite como um coágulo multicolor de luz.

No cimo do belvedere queimavam-se de quando em quando magníficos fogos de bengala: verdes, vermelhos, roxos, brancos, que banhavam de repente e durante um ou dois minutos na mesma tinta fulgurante os matagais que cobrem os montes circunjacentes e os telhados e paredes das casas semeadas na encosta e no vale.

Em um dos pavilhões chineses do jardim tocava uma banda de música alemã, e as estrepitosas peças do seu rico repertório não eram desaproveitadas — um enxame de crianças, numa variedade encantadora de tamanhos e de vestuários,

dançava-as sobre a areia branca, em meio de uma algazarra de risos, gritos e cantos capaz de desensurdecer um surdo.

Desde as nove horas começara a entrada dos convidados a maioria dos quais transportada em carros particulares ou de cocheira. O salão principal, vasto e quadrangular, forrado de um rico papel vermelho e ouro, fartamente iluminado pelo grande lustre central, apresentava às 11 horas um aspecto deslumbrante. Mais cortinas e reposteiros, um pouco mais de pose nos homens e de decote e pintura nas mulheres, um criado hirto anunciando os convidados — e dir-se-ia um baile no faubourg Saint-Germain.

As senhoras, umas sentadas nas cadeiras apostas às paredes, outras passeando pelo braço dos seus cavalheiros, algumas decotadas e com longas caudas, abanando-se languidamente com vastos leques de penas ou com pequeninos leques de madrepérola, ofereciam com as suas toaletes de todas as nuances o aspecto de uma exposição de flores, de que uma brisa suave fizesse mover-se algumas.

Fernando e a esposa recebiam com uma graça e uma distinção perfeitas.

Ela vestia um maravilhoso vestido de faile cor de creme, bordado a matiz de botões e folhas de rosas soltas, com tufos de fitilhos grenás nos ombros, na cinta, nos apanhados da saia. O decote estreito e fundo deixava a descoberto as espáduas olímpicas e o começo do ângulo convexo dos seios; os braços longos e nus, admiravelmente torneados, tinham a aparência de pescoços alvíssimos de cisnes. Multiplicava-se graciosamente para atender a todos com um cuidado ou um cumprimento.

Fernando estava no seu correto e fino terno de casaca do Raunier com uma elegância e naturalidade de grande mundano que o envergasse todas as noites, e secundava a esposa ativamente nas honras da casa, não se cansando de apresentar o seu amigo, objeto da festa, a quantos o não conheciam ainda.

Uma das primeiras apresentações foi a do casal Viriato de Andrade. Ele — 40 anos, baixo, forte, cabeça grande, grossos bigodes pendentes, olhos suínos, ar massudo, gestos pesados, poucas falas, risadas raras, mas destemperadas, descorteses. Ela — 35 anos que parecem 30, alta, quase gorda, seios e quadris opulentos, cara apenas bonita, mas de traços grosseiros, olhos castanhos, úmidos e brilhantes, boca espessa e sensual.

As relações entre esses dois casais foram feitas num baile do Clube do Engenho Velho, há cerca de um ano, e estreitaram-se rapidamente, sobretudo do lado das mulheres, que se tornaram amigas íntimas, devido ao poder extraordinário de insinuação e de agrado de Santinha — que tal era o apelido da esposa de Viriato — e a haverem os respectivos maridos tido transações comerciais freqüentes e vantajosas a ambos.

Essa amizade causou estranheza na roda de Fernando, porque o casal Andrade quase não tinha relações, tão mal reputado era, correndo a seu respeito os mais desonrosos boatos.

Dizia-se geralmente que Santinha, pertencente a uma abastada família de Pernambuco, havia sido deflorada aos 16 anos por um cunhado, o qual falecera, meses depois, das conseqüências de uma queda. A família procurou um sujeito acomodaticio que encampasse a avaria da menina com o casamento, e encontrou-o em Viriato, homem pobre, sem ofício nem benefício, mediante um dote de 30 contos de réis. Sete meses depois do consórcio, dava Santinha à luz um menino; mas queriam ainda os boateiros que, se fizesse bem a conta, dia por dia, se chegaria a

verificar que o pimpolho tivera a gestação extraordinária de seis meses. Essa criança morreu com três anos.

Com o dote da mulher entrara ele de sócio em uma boa casa de couros curtidos do Rio de Janeiro, de que era hoje o sócio comanditário, possuindo vários prédios de boa renda e jogando na bolsa forte e bem.

Mas os boatos não paravam ali; asseguravam eles ainda que Santinha enramava o marido com entusiasmo e sem fadiga, com amantes sucessivos e, algumas vezes simultâneos.

Fernando, ao princípio, de nada sabia, e quando alguns dos boatos lhe chegaram ao conhecimento, já as relações eram tão estreitas e ele achava o amigo um homem tão sisudo, de costumes tão austeros, que julgou tudo calúnias de invejosos e despeitados. Não era homem que facilmente acreditasse no mal, repugnando-lhe a desonestidade instintivamente. E a amizade continuou, radicando-se mais.

Santinha fez ao jovem médico um acolhimento excessivamente caloroso e cordial:

— Conhecia-o imenso de nome, e do modo mais lisonjeiro. Dona Sinhá não se cansava de fazer-me o seu elogio — que era assim, que era assado... maravilhas! Vou agora verificar até que ponto eram justos os seus gabos. — E tomou-lhe familiarmente o braço, estreitando-o um pouco de encontro ao seio e levando assim docemente o seu cavalheiro a dar um giro com ela pelo salão.

— Oh! Minha senhora, receio muito que V. Exa. tenha um desengano completo. Dona Sinhá deixa-se cegar pela amizade de irmã com que me honra e daí pintar-me a seus olhos com cores e traços que infelizmente não possuo. O prejudicado sou eu e sem poder queixar-me!

— É o que veremos.

Paulino julgou ter sentido um movimento de mais estreito aconchego no braço da sua dama, o que o levou a encará-la. Ela tinha justamente os olhos erguidos para ele com uma expressão singular, que ele não ousou traduzir logo: naquela umidade luminosa de quebranto e meiguice boiavam promessas vagas de gozo imenso.

"Homem, esta! Dar-se-á caso que esta mulher...? Era o que me faltava!...", monologava entrecortadamente o pensamento dele. E alto, para fazer derivar a conversa:

— Uma bela reunião, esta. Creia, minha senhora, que não as vi mais brilhantes nas grandes capitais européias.

— Ardia por ouvi-lo a respeito das suas impressões de viagem. Diga-me: qual dessas capitais lhe agradou mais?

— A resposta não é fácil, minha senhora. Cada uma delas é inigualável em alguma coisa, tem as suas belezas ou qualidades especiais e peculiares; cada uma delas é única a um certo respeito: Roma pelos monumentos, Madri pelos passeios e jardins, Lisboa pela posição topográfica, Londres pela grandeza, Haia pelo asseio e frescura, Viena pela beleza e harmonia das construções, Paris...

— Ah! Fale-me de Paris. Eu adoro Paris e desespera-me a idéia de morrer sem lá ir. Fale-me de Paris!

— Paris tem um pouco de cada uma das coisas que celebrizam as outras grandes cidades e tem muitas coisas que nenhuma delas tem, como por exemplo: a

alegria da população, o chique das mulheres, a facilidade de tudo se obter prontamente com dinheiro, a Comédia Francesa, a avenida dos Campos Elísios, a Vênus de Milo... Muito longe iria eu se tivesse de enumerar todas as coisas que só Paris tem e que só ela oferece ao estrangeiro. Só se admira essa cidade com inteira justiça, como ela merece, quando dela a gente se ausenta, e só se mede o quanto nos cativou, o quanto lhe queremos, quando a ela voltamos. E a cidade ideal para todos: para o sábio como para o boêmio, para o milionário como para o miserável. O trabalho e o prazer andam pelas ruas e pelos bulevares esplêndidos de braço dado, amigos inseparáveis que são, dando aos mais indolentes o desejo imperioso de trabalhar muito para gozar.

Estas coisas está as dizendo agora o médico à sua dama, parado com ela junto ao bufete, em que lhe fora oferecer um refresco. Insensivelmente uma roda de ouvintes, homens e mulheres, fora-se formando em torno dele, atraídos pela curiosidade, entre os quais Castrioto com a mulher, que sorria embevecida e orgulhosa de ouvir o irmão, e o próprio dono da casa; mas, não tendo reparado naquele auditório fortuito, Paulino continuava com ar natural e um calor de expressão comunicativo:

— E, depois, que intuição artística prodigiosa a desse povo! As mulheres pobres vestem-se com um trapo; mas um piparote dos seus dedos mágicos dá a esse trapo uma elegância e um chique encantadores, e as ricas tiram os veludos e às sedas parte da brutalidade insolente do luxo desses estofos caros imprimindo-lhes uma simplicidade e uma graça deliciosas. Paris concede aos milhões o direito de deslumbrá-la com a condição, porém, de terem espírito, não admitindo o dinheiro estúpido, a riqueza sem inteligência.

— Mas é um povo frívolo, todo de superfície — objetou a um lado uma voz de homem.

Era o farmacêutico Honorato, que dera aquele aparte para chamar a atenção de Santinha, a quem andava fazendo uma corte platônica, de longe, havia algumas semanas, e queria aproveitar aquela ocasião, a primeira em que se encontravam juntos.

— Frívolo! Frívolo porque é alegre, superficial porque é artístico, inconstante porque é entusiasta, ignorante porque é simples. Ora, ai está! Um povo que dá à ciência, às letras e às artes tantos e tão grandes vultos, esse povo é tão sério, tão fecundo, tão grande, tão forte, tão nobre como o alemão, o inglês ou o russo. Frívola e ignorante a França! Entretanto é na França que todas as grandes quando não nascem, são batizadas; é pela França que têm de passar forçosamente todas as grandes descobertas científicas, todas as novas idéias morais, todas as reformas políticas, todas as escolas literárias, para que possam conquistar o mundo. Querem a imagem da França? É a torre Eiffel. Vista de longe é um joujou uma filigrana, uma tetéia recortada em papel Bristol: aproximem-se e encontrarão uma formidável mole de ferro, que desafia as tempestades do céu e os ultrajes dos séculos!

— Bravos! Bravos!

— Muito bem!

— Muito bem! — exclamaram várias vozes em torno.

Estes aplausos chamaram o médico à realidade da sua situação que ele, recém-vindo de meios sociais em que ela seria completamente risível, achou ridícula, tão ridícula que se calou, enrubescendo fortemente, e procurou um meio de safar-se dali o mais depressa possível.

Veio trazer-lho, sem o saber, dona Sinhá, que chegava em procura dele.

— Venho buscá-lo dr. Paulino. Papai e mamãe chegaram há pouco e desejam vê-lo.

Paulino ofereceu-lhe o braço com açodamento e afastou-se com ela, ainda enfiado da cena, esquecendo completamente Santinha, que, despeitada, mordida os lábios. Mas Honorato veio-lhe em socorro, oferecendo-lhe o braço para reconduzi-la ao salão e dizendo-lhe logo, à queima-roupa, como quem sabia com quem tinha de haver-se:

— Ah! Minha senhora, com que ansiedade eu esperava este momento de ventura!

E como a orquestra atacasse uma valsa de Strauss:

— Tem par para esta valsa, dona Santinha?

Paulino saiu, com Corina pelo braço, da sala do bufete, cheia de rumor e confusão, e entrou na sala contígua ao salão de baile, pelo corredor largo e extenso por onde iam e viam os convidados, sem trocar uma palavra com a mulher do seu amigo.

Sentia-se levemente perturbado por uma espécie de indefinido mal-estar, que ele não poderia dizer se era físico ou moral, um estado confuso e complexo, em que havia inquietação, desejo e relutância.

Mas acabava de avistar o conselheiro Prestes e a mulher, sentados em um canapé, conversando com outro casal — um velhinho, muito branquinho e muito pequenino, e uma matrona enorme, pomposa.

— Oh! Como está mudado o seu padrinho!

— Não é? — acudiu Corina. — Muito acabado! Tem envelhecido rapidamente, é uma diferença espantosa de dia para dia; entretanto não se queixa, nem parece estar doente. Vai definhando aos poucos.

Nesse momento chegavam em frente aos dois casais, entretidos a conversar, e então Corina, erguendo a voz:

— Cá está o nosso viajante, papai.

O conselheiro volveu para ele o seu rosto magro e lívido, que as barbas grisalhas mais alongavam, e em que os olhos morriam lentamente, como lâmpadas cujo azeite vai secando; ergueu-se com alguma dificuldade e estendeu-lhe as mãos com um arremedo de sorriso amável.

— Oh Dr. Castro, folgo imenso de vê-lo entre nós novamente, e forte, bem disposto.

— Agradecido a V. Exa. e creio que o meu prazer em tornar a vê-lo é igualmente grande. — E, voltando-se para d. Chiquita:

— E quanto a V. Exa. permita-lhe que lhe beije a mão, grato sempre à sua inestimável bondade para comigo; e, curvando-se, beijou-lhe galantemente a mãozinha gorducha, apertada na luva branca, cortada no punho por um cintilante bracelete de brilhantes e esmeraldas.

— Como nos volta bonito e galanteador o nosso Paulino! Se eu tivesse 20 anos menos apaixonava-me pelo senhor, sabe?

— E a sua benevolência que me empresta dons que não possuo.

— Que saudades nos fez! Falávamos sempre na sua pessoa; o Fernando dava-nos freqüentemente notícias suas e transmitia-nos os cumprimentos que tinha a bondade de nos mandar.

— A bondade não, minha senhora; o dever.

— Quando vai jantar conosco? Olhe, quero que me destine uma tarde e uma noite inteirinhas para me contar miudamente as suas impressões de viagem.

— Com todo o gosto, minha senhora.

O conselheiro Prestes interrompeu-os nesse momento para apresentar Paulino ao desembargador Vidoeira — o velhinho muito branco. D. Chiquita Prestes puxou para si a afilhada, fazendo-a sentar de leve na ponta do canapé, enquanto o médico, do outro lado, tomava uma cadeira e entretinha-se com os dois velhos.

— Ele não teria deixado alguma paixão lá pela Europa?

— Sei lá, mamãe! Que pergunta! — volveu a moça, rindo-se.

— É impossível que não tenha inflamado algum coração de italiana. São tão ardentes as italianas! Hei de perguntar-lho, deixa estar.

Era uma mulher de 42 anos, que empregava todos os recursos da arte e do artifício para os reduzir a 30. Uma perfeita boneca de armazém de confecções — espartilhada a estalar, penteada a primor, alva, corada, lábios carmíneos, dentes deslumbrantes e falsos, olhos vivazes, cuja grandeza e brilho um lápis especial todas as manhãs aumentava, orelhas que pareciam conchas de nácar.

Era ainda um pouco apetecível a famigerada Chiquita Prestes, de tão escandalosa tradição: naqueles destroços da passada formosura havia ainda com que atrair sedutores fatigados da inexperiência e da ingenuidade das muito novas, blasés que no amor já não buscam mais do que um certo "saber, de experiências feito", convictos de que isso vale mais que verduras por educar. E, a dar crédito aos boatos das salas, aquela majestade decadente continuava tendo súditos fiéis que lhe rendessem o devido preito.

O marido — veneranda relíquia de um glorioso passado político, cujo mais belo florão era a confiança ilimitada e a estima particular do imperador — o marido ia envelhecendo e morrendo suavemente, sem nada ver, sem nada ouvir, sem sentir sobre a cabeça, outrora altiva e firme, hoje trêmula e pensa, o peso das aventuras da esposa.

Após cerca de meia hora de conversa banal, Corina, levemente entediada, como a orquestra começasse uma valsa de Metra, perguntou a Paulino:

— Não valsa? Dantes não dançava. E agora?

— Ah! Minha senhora! A Europa perverteu-me, ensinou-me todos os vícios! Agora danço; danço tudo: desde o solo inglês até a giga e a jota!

— Há de dançar isso um dia para eu ver, lá em casa — acudiu Chiquita. — Mas não perca a valsa: quero ver esse chique.

E levantou-se para acompanhá-los ao salão.

Paulino calçou as suas luvas cor de pérola, enlaçou levemente a dama, e eilos que partem girando. Valsou tão bem, com tanta correção, elegância e donaire que atraiu as atenções gerais: nas portas apinhavam-se os curiosos e alguns pares deixavam de dançar para admirá-los também. Mas em um grupo de rapazes não era a admiração o sentimento dominante.

— Olhem que pedante! — comentava um deles. — O Miranda Júnior, um magricela com ar de cegonha, que se tinha na conta de leão das salas. — Calçou as luvas para dançar! E se aquilo algum dia foi valsa, afastado meia légua da dama; e é cada passada!

— E para mostrar que chegou da Europa, o tolo! — confirmou outro elegante, o Fangote, baixinho, de grande cabeleira romântica e um ar fatal de Manfredo nas maneiras, no olhar, nas melenas.

— Vocês o que estão é com inveja, confessem! — exclamou Honorato, acudindo em defesa do amigo. — Aprendam com ele, andem, aprendam. Vejam que elegância, que distinção, que correção!

— Ora, vá fazer pílulas! — praguejou o Fangote, furioso.

A verdade é que o herói da festa estava fazendo um sucesso colossal. As mães de moças solteiras acompanhavam-no com olhares cobiçosos e diziam aos maridos que se lhe fizessem apresentar, e, uma vez a apresentação feita, eram oferecimentos de casa, protestos de estima, convites etc.

A família do dr. Meio Peixoto, essa então atormentou-o durante um terço da noite. Compunha-se de seis mulheres — a mãe e cinco filhas; — o pai, nunca ninguém o via em bailes, festas ou passeios: não acompanhava nunca a família a divertimentos.

Sabia-se vagamente que era advogado e viera do Norte. Tinha 11 filhos — aquelas cinco mocinhas, mais duas meninas e quatro rapazes. Ninguém o via nem de dia nem à noite pela razão simples de que as noites passava-as ele jogando e os dias dormindo. As filhas andavam saracoteando de baile em baile, de sarau em sarau, muitas vezes até sem a mãe, que ficava em casa tomando conta do resto da ninhada.

Eram as Peixotinhas cinco raparigas mais ou menos da mesma altura, um pouco menos que mediana, morenas, muito parecidas todas com a mãe, a mais velha das quais tinha 22 anos e a mais nova 14.

A mãe, do mesmo corpo das filhas e mais bonita que algumas, confundia-se com elas, parecendo ser apenas a irmã mais velha.

Dançava também e com igual entusiasmo, como se também procurasse noivo.

Eram conhecidas geralmente as cinco irmãs pelos seus nomes familiares — Biloca, Milu, Filó, Lili e Tetéia. Os homens mesmo as tratavam assim, apenas com a precedência de uma dona respeitosa: dona Filó, dona Tetéia, dona Milu etc.

A família do dr. Peixotinho era convidada para todos os bailes, sempre; o que se compreende facilmente: só ela fornecia pessoal para uma quadrilha; era uma garantia de êxito.

O pobre Paulino teve de dançar com todas, inclusive a mãe, que o fez prometer visitá-la muito breve.

— Pobre dr. Castro! — disse-lhe Santinha tomando-lhe o braço, quando, lá para o fim da noite, ele ia refugiar-se na sala de jogo. Que tarefa e que maçada, heim? Dançar com toda família!

— Muito interessantes estas meninas — respondeu ele sem convicção.

— Sabe que sou íntima amiga de dona Sinhá? — perguntou ela, após uma curta pausa.

— Sabia que eram amigas...

— Somos íntimas, não temos segredos uma para a outra.

— Folgo muito — respondeu o médico, sem saber que dizer.

— No domingo próximo ela e Fernando vão jantar em nossa casa. Peço-lhe que vá também; não falte!

— Não faltarei.

Entraram na saleta de jogo. Em uma das mesas, Fernando, Viriato e mais dois convidados jogavam o pôquer. Havia dois pequenos divãs de marroquim. Em um deles arrulhava um casal de noivos, que ali viera refugiar-se, acossado pelo rumor e movimento das salas. Não se falavam quase; tinham as mãos enlaçadas e olhavam vagamente para os jogadores com olhos cheios de tédio e de uma ternura cansada.

— Olhe, acolá, que idílio! Estão assim agarrados um ao outro desde o princípio do baile.

— Quem são?

— Pois não vê? São noivos, casam-se para o mês.

— Devem divertir-se muito! — disse o médico com um sorriso.

— Por que não, se amam? Não crê no amor? — perguntou Santinha, sentando-se no outro divã e obrigando-o, dessa forma a sentar-se também.

Ele olhou-a com certo ar de surpresa. A apeteável trintona apresentava nos olhos quebrados, nos lábios entreabertos e na atitude abandonada indícios evidentes de querer discutir o assunto tanto no terreno teórico quanto no prático.

— Se creio no amor? — respondeu o interpelado, procurando as frases com cautela. — Sim, minha senhora, creio no amor como creio na sorte grande: um número premiado entre milhares de números brancos.

— Que ceticismo! — exclamou ela.

— Que topete! — pensava ele, lembrando-se que aquela mulher estava ali a provocá-lo a dois passos do marido, todo entretido a blefar no seu pôquer.

E a conversa continuou sobre o mesmo tema, muito a contragosto de Paulino, que não sabia como safar-se.

Felizmente, alguns minutos passados, assomou à porta a figura de Corina. Procurava, evidentemente, alguém, e que era o médico, mostrou-o, vindo logo a ele. Quando o viu naquele canto em colóquio íntimo com a sua amiga, uma contrariedade carregou-lhe o semblante e fê-la morder levemente os lábios; mas, disfarçando logo, dirigiu-se aos dois:

— Ah! Estavam aqui? Bem podia eu procurá-los. Dr. Paulino, pode fazer-me um favor?

— Mil, dona Sinhá — e ergueu-se.

— Consente que o apresente a um amigo nosso que deseja conhecê-lo?

— Como não? Com todo o prazer.

— É o barão de Santa Lúcia. Um moço distintíssimo, muito viajado. Vamos?

Paulino estava bastante embaraçado, não sabendo que fazer a qual das duas dar o braço. Por fim ofereceu o braço a cada uma. Chegando à sala, Santinha, que vira Honorato em disponibilidade, deixou o braço do médico, murmurando um "com licença" muito seco, e foi tomar o do farmacêutico, perguntando-lhe:

— Pode fazer-me o favor de conduzir-me ao bufete?

E enquanto seus lábios proferiam essa frase banal, no seu cérebro este pensamento desenhava-se nitidamente e repetia-se com insistência: "Queres disputar-mo; bem vejo. Mas não será tua a vitória".

Que idéias estranhas nascem, que monstruosos planos se formam num cérebro de mulher, enquanto a sua boca risonha fala de flores, de poesia, de amor, das coisas mais aprazíveis e mais inocentes!

CAPÍTULO IV

PRIMEIROS SINTOMAS

Paulino ficou encantado com a instalação que no belvedere lhe preparara o amigo.

Mas não só este, que bem se adivinhava a mão leve e inteligente de uma mulher de gosto e educação na escolha de alguns móveis, e sobretudo na desses pequenos objetos íntimos indispensáveis a um homem de tratamento: escovas, pequenos espelhos, estojo de unhas, porta-jornais, vide-poches, porta-relógio, cinzeiros etc.; tudo isso disposto com aparente descuido, mas com requintado instinto artístico.

Da cama — de um gosto antigo, de colunas altas e torsas, sustentando um laquear do tamanho do próprio leito, e acolchoado de cetim azul — podia o hóspede, ao acordar, estender e passear os olhos, cansados de sono, pelo paradisíaco panorama que daquela elevação se desfrutava.

Uma campainha elétrica ligava o belvedere ao chalé, para chamar os criados; precaução inteligente, mas que pouco serviria, por haver o médico trazido o seu valet de chambre, o Alfred — um rapaz de 30 anos, de bigodes louros e olhos azuis, ar felino, cheio de astúcia e a quem foi dado o outro quartinho contíguo ao do amo. Esses dois quartos, uma sala-gabinete e um vão, no teto, para malas e caixas, eram todos os cômodos do belvedere.

Na sala-gabinete nada faltava — havia uma mesa central, redonda, uma excelente secretária americana, meia mobília do mesmo tipo, e estantes envidraçadas, esperando os seus futuros moradores.

— Então você tinha decretado a minha residência aqui, sem mesmo consultar-me? — perguntava o médico a Fernando no dia seguinte.

— Sim, tinha-o decretado e sem te dar a honra de consultar-te; Só o que faltava é que não viesses morar conosco!

— Principalmente havendo este chalezinho independente, onde podia estar em toda a liberdade acrescentou Corina, acentuando com um sorriso intencional as últimas palavras.

— Ah Em liberdade completíssima: podes entrar e sair quando quiseres. E a propósito: aqui tens as chaves.

— Obrigado — disse Paulino, recebendo-as, e acrescentou: — só lhes peço uma coisa, mas que é indispensável — é não se incomodarem comigo, não me esperarem nunca para almoçar ou jantar.

— Fica entendido. O almoço é às dez, o jantar às cinco ou cinco e meia. Teu talher lá estará sempre na mesa, quer eu esteja em casa quer não. Quando não estiveres à hora das refeições, fica entendido que não vens. Dessa forma nem tu nem nós nos incomodaremos.

— Perfeitamente. Vocês são um casal de anjos — respondeu Paulino.

E a vida dos três ficou assim regulada.

O médico abriu consultório na Rua dos Ourives e arranjou-o com um certo luxo, que contrastava com a generalidade dos consultórios médicos: escuros, sujos, tristíssimos, cheirando a mofo e a baratas.

Aconselhado pelo amigo, e mesmo um pouco constrangido por ele fez anúncios um tanto espetaculosos, em que se declarava "ex-chefe de clínica do doutor X, de Viena, com prática nos hospitais de Paris, Londres, Viena e Berlim, especialista em moléstias do sistema nervoso e do aparelho circulatório" etc.

Não foi mau o conselho.

Dentro de algumas semanas já tinha uma clientela de cinco e seis consultantes por dia; o que o enchia de esperanças.

O seu plano, o seu sonho era clinicar, trabalhar incessantemente durante oito ou dez anos e com o dinheiro ganho, que devia constituir uma pequena fortuna, ir residir na Europa, em Paris provavelmente.

A sua prática de hospitais e os sérios estudos que fizera no estrangeiro haviam-no aparelhado para tornar-se dentro em pouco tempo um dos médicos mais procurados e mais reputados da corte. O seu programa apresentava-se, pois, em condições de fácil execução.

Seguindo os conselhos de colegas mais velhos, alguns seus ex-professores, limitou muito a sua clínica domiciliária, para evitar os ossos e não se fatigar depressa.

Descia geralmente muito cedo, logo após a ducha e o café, de modo que quase só nos domingos almoçava no chalé: mas jantava lá regularmente, quase sempre.

As vezes Fernando não vinha, o que acontecia todas as quintas-feiras, em que tinha a sua partida de voltarete em casa do corretor Paranhos. Nesses dias o médico e dona Sinhá jantavam sós. Depois do café davam um longo passeio pela chácara, conversando sobre mil coisas banais, descansando sob a copa das mangueiras: voltando a casa, Corina fazia um pouco de música, ele recitava versos de Coppée, Musset, Victor Hugo, ou jogavam as damas, e às dez horas, depois do chá, ele despedia-se e subia para o belvedere.

Nessas noites a luz do seu gabinete continuava acesa até muito tarde, acontecendo algumas vezes que Fernando, ao recolher-se lhe viesse dar as boas-noites e conversar um momento sobre as novidades do dia, antes de ir deitar-se.

Assim decorreram três meses.

Uma noite, Paulino voltando do Lírico onde fora com Fernando e a mulher ouvir a velha Força do Destino, e tendo-se despedido deles junto da escada que levava à sala de jantar, subiu para o belvedere e fez a sua toailete de dormir; mas, como não tivesse absolutamente sono, acendeu um charuto e veio debruçar-se a uma das janelas.

Noite encantada. O plenilúnio opalino, de uma transparência e suavidade dulcíssimas, banhava tudo, inundava o céu e a terra; envolvia as copas unidas das árvores, montes abaixo, num véu tenuíssimo de bruma luminosa e fazia-as projetar sombras fantásticas no chão.

O golpe de vista era imponente; abrangia todo o vale da Tijuca e Andaraí. Longe, muito longe, num formigueiro de pontos tremeluzentes, a cidade adormecida; umas filas deles destacavam retas, muito longas, algumas paralelas, outras cortando-se — eram os lampiões das ruas.

Um tilintar de campainha ouviu-se; era o bonde que os trouxera, que voltava para a cidade: lá passou ele, muito embaixo, ao fundo, rua Conde de Bonfim afora, como uma rubra lagarta fosforescente.

Era uma noite cariciosa de outubro — nem quente nem fria, apenas tépida, cheia de mistérios, em que se ouviam no silêncio augusto do luar os leves rumores da natureza no seu trabalho incessante, e um amavio lânguido e poderoso avassalava as almas, romantizando-as docemente.

Paulino, só, no alto do seu mirante, em face da profunda noite luminosa, sentiu-se, subjetivando-se a pesar seu, penetrado de uma melancolia inquieta e grave, como um pressentimento. Era o mesmo estado de alma em que se surpreendera na noite da festa da sua chegada, mas muito agravado; o que era então lineamento era agora traço, o que então era névoa fizera-se nuvem. Até aquele momento fora protelando covardemente o exame, a análise severa do seu estado psicológico, que ele sentia agravar-se progressivamente, Mas a intuição súbita e clara da sua gravidade decidiu-o a fazê-la naquela noite perturbadora. "Que tenho eu? Que se passa em mim? Amo eu porventura Corina? E quando nasceu em mim este sentimento desgraçado? Mas será mesmo amor?"

Estas interrogações formaram-se-lhe atropeladamente no cérebro. Não sabendo a qual responder primeiro, socorreu-se à memória e procurou recordar as primeiras impressões que lhe causara Corina.

Lembrava-se bem.

Morava com Fernando, seu amigo, seu protetor dedicado e delicado. Absorvido e ocupado inteiramente pela confecção da sua tese inaugural e depois com a revisão das provas e preparo dos exames finais, não acompanhava senão mui raramente o amigo nos seus passeios e divertimentos.

Um dia, voltando aquele de um baile, alta madrugada, e encontrando-o ainda curvado sobre os livros, confessou-lhe Fernando que estava apaixonado, mas apaixonado como Romeu por Julieta ou Paulo por Francesca di Rimini, e declarou-lhe que decididamente ia casar.

Era Corina, a afilhada do conselheiro Prestes, a mulher que ele amava e queria desposar. Não lhe pediu conselho; fez confidências.

Em breve estabeleceu-se correspondência entre ela e ele, trocaram-se os retratos. Fernando mostrou-lhe o dela: era formosíssima.

Fez um esforço violento da memória para recordar a impressão que lhe deixara o retrato de Corina, e lembrou-se: fora muito forte, mas rápida, logo apagada.

Cerca de um mês depois Fernando pedia e obtinha a mão da moça e convidava-o a acompanhá-lo a sua casa para apresentar-lha.

Foi com ele uma tarde quente de verão, 15 dias antes da formatura, à casa do conselheiro, nas Laranjeiras. Lembrava-se perfeitamente do seu vestuário, do seu penteado, das jóias que ela trazia naquela tarde. Vestia uma toailete de cassa branca com pintinhas vermelhas e fitas cor-de-rosa e tinha o cabelo suspenso das fontes e da nuca, deixando livre o pescoço, tendo nos lóbulos das orelhas, nos pulsos e no peito as peças de um adereço de coral rosa e branco.

Ficara perturbado ao vê-la e muito enleado ao falar-lhe. Por quê? Atribuíra-o na ocasião a ser Corina a futura mulher do seu melhor amigo, tomando aquela impressão por um reflexo da amizade que a este o ligava tão estreitamente. Mas aquela impressão repetiu-se da segunda vez que lá foi, e, se a perturbação passou por fim, não passou a timidez que sua presença lhe infundia sempre.

Formou-se; o banquete de sua formatura efetuou-se no Hotel do Globo, mas no dia imediato a família Prestes, em atenção a Fernando, ofereceu ao médico um sarau comemorativo da sua investidura científica. Lembrava-se nitidamente de quanto o fez sofrer a presença olímpica daquela mulher, que ia ser, que já era de outro homem, do seu amigo, do seu protetor. Mas, senhor de uma vontade firme e disciplinada, conseguiu dominar-se, abafar aquele sentimento absurdo e considerar sagrada, mesmo para o seu pensamento, aquela criatura adorável.

Assistiu ao casamento sem comoção, apenas triste, como invadido de um desânimo; mas, depois, quando ia, espaçadamente, visitar os noivos a Petrópolis, o espetáculo da felicidade do seu amigo, que parecia completa, enchia-o de alegria e de serenidade. Recordava-se ainda e muito bem que, ao contemplar demoradamente o retrato de Corina, tivera o pressentimento subitâneo, violento, claro como um fato, de que aquela mulher havia de exercer na sua vida uma influência, não só decisiva como funesta.

Todas essas idéias e todos esses sentimentos estavam sem dúvida profundamente adormecidos, se não estavam mortos, quando ele, dois meses depois do casamento de Fernando, embarcou para a Europa; mas, agora, perguntava a si próprio se não teriam influído na sua resolução de partir e no fato de ter-se demorado tanto lá fora.

Acreditava que não foram estranhos a essa dupla resolução porque se lembrava de tê-la formado no dia mesmo em que impôs à sua vontade o não pensar mais naquela criança.

Três anos de ausência não havia, então, bastado para matar o embrião daquela paixão criminosa? Entretanto, na Europa não pensara mais nela de modo especial, com idéias afetivas, mas, naturalmente, com a atenção comum que dispensava a tudo que o interessava mais ou menos.

Na viagem de regresso foi ainda dessa forma que pensou nela, como pensava na irmã, em Fernando, nos outros amigos: com uma alegria calma, sem ansiedade nem receio. Mas, ao chegar, quando, a bordo, ela, por ordem do marido, juntou seu busto ao dele, passando-lhe os braços em torno, pondo a cabeça ao alcance de seus lábios e ele a abraçou e lhe beijou os cabelos cheirosos... oh! Nesse instante sentiu uma comoção profunda, imensa, igual à que havia experimentado três anos e meio antes, naquele inolvidável sarau da casa do conselheiro. Naquela ocasião não ligara a essa comoção a importância que tinha realmente: julgava-a produzida pela solenidade daquele grande momento, em que revia quase todos os entes que lhe eram caros e a querida terra do seu berço. Mas nesse dia mesmo, à mesa do almoço, e à noite, no baile, o seu mal-estar indefinido,

a sua inquietação sem causa, que foi crescendo dia a dia, terrivelmente, como uma planta venenosa, e que agora o subjugava, clara, enorme, inocultável, como um sol, esse estado enfermo da sua alma, tudo isso... Ah! Não podia mais fugir à evidência, como não se foge à dor: era preciso suportar-lhe a presença, admiti-la, reconhecê-la, confessá-la! Amava Corina, amava a mulher do seu amigo, amava-a como um louco, como um perdido, como um réprobo, como um miserável! E, em face da noite profunda, augusta, serena, à luz melodiosa do plenilúnio argênteo, o desgraçado soluçou longamente, angustiadamente, a infinita miséria do seu criminoso amor!

Depois que as primeiras lágrimas correram, abundantes e ardentes, num desaforo largo, uma tranqüilidade desceu sobre o espírito do médico. Dir-se-ia que elas o haviam deixado quite com a sua consciência; já podia suportar a idéia do seu crime: comprara com uma grande dor e com amargo pranto o direito de ser infame! E a sua consciência repetia-lhe: "Amas a mulher do teu melhor amigo, do teu protetor", sem que ele se defendesse mais, com o silencioso assentimento de um réu confesso.

Mas o espantoso foi que nessa alma direita e limpa, logo após essa tremenda certeza, em vez de um movimento de revolta indignada, esta interrogação apontasse:

"E ela? Amar-me-á também?"

Quando ele ouviu em si mesmo, de si para si, a voz dessa curiosidade terrível, teve um gesto de pavor, saiu da janela, abriu um livro qualquer sobre a secretária e, apertando a cabeça nas mãos, mergulhou os olhos na página... E leu, leu, leu... Leu maquinalmente, sem entender o que lia... A pergunta maldita subia sempre, do seu coração, mais alta, mais ansiosa, mais aflitiva. Era inútil tentar afogá-la. Acolheu-a, como ainda há pouco havia acolhido a certeza do seu amor culpado: o primeiro degrau é que custa.

Meditou longamente, estudando o caráter, o temperamento, a educação de Corina. Primeiro que tudo tinha a certeza de que ela não amava o marido. E que o não amava provava-o o seu flerte em Petrópolis com o secretário da legação francesa, flerte que, estava informado, tinha ido até onde ir um flerte de mulher casada que não adulterou, e aquela não havia adulterado só porque Fernando, graças à sua carta de Paris, abria-lhe os olhos a tempo: provou-o depois o namoro escandaloso com o barão de Santa Lúcia, segundo soubera também, namoro que foi interrompido pelo seu regresso... se de fato o foi!

E a ele, Paulino, amava-o ela? Recapitulou todas as fases, todos os incidentes ocorridos depois da sua chegada. Havia indícios veementes de afirmação — olhares, alusões, apertos de mão, sorrisos, suspiros. Além disso havia algum tempo que ele notava em seu quarto, quando voltava da cidade, um vestígio qualquer da estada ali de Corina — flores frescas num vaso, uma arrumação elegante dos frascos e utensílios do toucador ou dos livros da estante e um vago perfume, esse odor di efemina, que se não confunde, que paira, atraiçoa e grita...

Mas que importância tinha isso, partindo de uma mulher coquete? Não, Corina não o amava, provocava-lhe a corte, por mero coquetismo; aceitaria o dele, levado talvez até ao ato físico, mas não o amava. Era uma leviana.

Oh! Ainda bem, porque então estava salvo! Fugiria! Mas de que modo?

A primeira coisa a fazer era mudar-se para a cidade, deixar aquela proximidade, aquela convivência perigosíssima. Ser-lhe-ia fácil achar um pretexto: a sua clínica, cada dia mais extensa. Uma vez mudado, espaçaria as visitas, procuraria distrações, e que melhor que a própria clínica, que o exercício escrupuloso da sua profissão?

Estava encontrada a porta de salvamento. Uma grande alegria o invadiu então, como um bálsamo. Continuaría sendo um homem honrado, digno da amizade de Fernando.

E essa satisfação moral acalmou-o tão completamente que se deitou e adormeceu, momentos depois, de um sono profundo, pesado e sem sonhos, como o sono dos justos e das crianças.

CAPÍTULO V

TRATADO DE ALIANÇA

No dia seguinte a essa noite, inolvidável para Paulino, Santinha veio visitar dona Sinhá.

Era pouco mais de meio-dia quando chegou. Corina estava a uma das janelas do seu toucador, que dava sobre o fundo da chácara, e esperava que Alfred, o valet de chambre, saísse do belvedere, para ir cuidar dos livros, pequenos objetos e bibelôs de Paulino, quando Maurícia — a velha mucama mestiça, que a criara de leite em casa do conselheiro e entrara no seu dote — penetrou no quarto e disse:

— Dona Sinhá, nhá Santinha está aí.

Corina voltou-se com um sobressalto, como se houvesse sido apanhada em ato ilícito; a mucama repetiu o recado. Surpreendia-a a visita da amiga. Esteve um momento para negar-se a recebê-la.

— Você disse a ela que eu estava em casa, Maurícia?

— Disse, sim senhora.

— Bem; manda-a entrar.

— Para aqui mesmo?

— Sim, para aqui.

E preparou-se para receber a amiga; deu um jeito rápido de desalinhar os cabelos, estirou-se na cadeira grande, tomou do livro mais à mão e simulou estar lendo atentamente.

Enquanto esperava a visitante, com os olhos no livro, perguntava a si própria a que viria ela e, depois, como recebê-la: friamente? Com calor?

Havia quase dois meses que estavam interrompidas as visitas que se faziam uma à outra, duas e três vezes na semana, e as saídas a compras, a passeio, a visita de amigas comuns. A causa desse esfriamento de relações tão íntimas — causa inconfessada, antes dissimulada cuidadosamente — era o doutor Paulino. Santinha, insaciável loureira, que julgava de seu dever fazer-se cortejar por todos os homens novos, belos ou célebres, havia jurado aos seus deuses — ou ao seu deus, que era o filho de Vênus — que havia de disputar o recém-chegado à sua amiga íntima, obrigando-o a fazer-lhe a corte, se a amá-la não pudesse.

Corina que percebera logo o plano, entrou de pronto a manobrar para combatê-lo e inutilizá-lo. Levava-a a isso, no princípio, apenas o amor próprio: se Paulino a alguma delas devia fazer a corte, era decerto, a ela, a quem conhecia há mais tempo, em cuja casa morava, e que era mais moça, mais bonita e mais elegante. Preferir-lhe a amiga seria injuriá-la, feri-la de morte no ponto mais delicado

de sua alma. E começou a desenvolver a sua tática militar para afastá-lo da amiga, sem reparar, a louquinha! que afastando-o de Santinha, aproximava-o de si própria — resultado tanto mais seguro que se viam e falavam diariamente, quase morando juntos.

Havia cerca de dois meses que as duas amigas só se visitavam nos dias de recepção de cada uma: o dia 1º — Corina, o dia 15 — Santinha.

E que a intimidade antiga estava estragada por um secreto fermento de malquerença, que não era senão ciúme, amor-próprio assanhado; já não tinham que se dizer entre si, constrangidas ambas. Assim, limitaram as suas visitas aos dias oficiais, em que facilmente podiam simular a cordialidade extinta.

Paulino, tendo compreendido logo o que se passava, e querendo evitar os perigos e mesmo o pouco de ridículo de sua situação, resolvera não aparecer mais nos dias de recepção — quer em casa de uma quer na casa da outra. Assim, pretextando um doente grave e uma enxaqueca tenaz, falhara à última partida de Santinha e à última de Corina — recurso de defesa que bastante desconcertou a ambas, principalmente a Santinha, que poucas ocasiões tinha de vê-lo.

Nessas condições, a visita da amiga, só, aquela hora, causava a Corina uma surpresa justificável. Que seria? A que viria? E como acolhê-la? Friamente? Cordialmente?

Mas a entrada da amiga tirou-a dessa dificuldade. Santinha ali estava, ruidosa, expansiva, risonha como dantes.

— Vinha ver se tinhas morrido, ou, caso estivesses viva, perguntar-te se me julgavas morta!

Corina desculpou-se mal, mas como pôde. Então a outra, sem transição:

— E o dr. Paulino, como tem passado? Não o vejo há um mês, pelo menos.

— Não sei, julgo que passa bem. Raramente o vejo apesar de quase morarmos juntos — respondeu Corina, com um ar despreocupado, demasiado frio e solto para ser sincero.

— Mentirosa! — exclamou a outra, rindo.

— Seriadamente — afirmou dona Sinhá. Mas o rugor que subitamente lhe subiu às faces desmentiu-a sem permitir defesa.

— Olha, meu bem, franqueza! Queres saber de uma coisa? Venho oferecer-te pazes e...

— Como pazes? Não estávamos em guerra, creio eu...

— Venho oferecer-te pazes e... aliança — apoiava nesta palavra. — Não debes mais ter ciúmes de mim.

— Ciúmes, eu? De quem? Por quê?

— Ciúmes do dr. Paulino. Eu sou da escola do "pão, pão: queijo, queijo". E não debes tê-lo mais, porque eu não o amo, nem o quero, nem aspiro a que venha a amar-me.

— Mas...

— Não me interrompas, Corina. Ouve-me. Vou dizer-te, confessar-te tudo, abrir-te a minha alma, como este livro; — e tomando o livro que estava no colo da amiga — era a Mulher de Gelo, de Bellot — abriu-o com as mãos ambas. — Quando o dr. Paulino chegou da Europa e o vi assim, bonito, elegante, distinto, cuidei que ia amá-lo; dias depois acreditei que já o amava, porque a tua convivência com ele

exasperava-me; a idéia de que o vias todos os dias e lhe falavas e que jantavam e passeavam juntos punha-me louca de...

— De inveja... — interrompeu com maldade a outra.

— Seja de inveja. Mas, depois de alguns dias, tive a prova de que o não amava.

— Ah! E pode-se saber qual foi essa prova? — perguntou a voz irônica de Corina.

— Posso eu, por ventura, ter segredos para ti, minha querida? A prova que tive de que não amava o Paulino foi simplesmente esta: conheci que amava a outro.

— O boticário? — perguntou Corina. Mas desta vez, com uma ironia tão mordente, tão agressiva, que a mulher de Viriato lhe respondeu, muito séria, com voz trêmula:

— Para que me falas com essa ironia, com essa maldade? Se continuas nesse tom, vou-me embora. E eu que vim tão contente, tão arrependida, tão disposta a tudo te dizer, com a maior sinceridade!

Levou o lenço aos olhos. Chorava como uma criança. Corina comoveu-se; aquele pranto desarmou-a, fê-la acreditar na sinceridade da amiga.

— Perdoa-me, Santinha, perdoa-me! — e abraçava-a e beijava-a. — Mas é tão estranho tudo isto: a tua visita inesperada, as coisas extraordinárias que me tens dito, que eu, involuntariamente, desconfiei e preveni-me contra ti. Mas agora creio que és sincera. Perdoa-me e continua.

— Não, não se trata de Honorato — volveu Santinha enxugando os olhos e com a voz úmida ainda. Esse moço fez-me a corte de um modo tão rápido e cerrado que eu, no primeiro momento, meio aturdida, não pude repeli-lo. Mas, pouco depois, refleti e consegui conservá-lo a distância conveniente, o que me foi fácil, porque era Paulino que eu queria, que eu julgava amar. E de outro que se trata, que há apenas um mês conheço e a quem amo perdidamente. Oh! Não sorrias, não duvides! Desta vez te juro que é sério, não é como das outras — um mero capricho; é o amor, o verdadeiro amor!

— Ora, Santinha, tenho-te ouvido dizer isso, e quase pelas mesmíssimas palavras, a respeito de todos os teus amantes. Ainda não há um ano o dizias em relação aos Barros, o "boneco de louça"; já te não lembras?

— É possível, mas não o dizia deste modo, com este calor, este entusiasmo sincero. Desta vez estou apaixonada loucamente.

— E quem é esse príncipe encantado, que conseguiu abrasar de puro amor o coraçãozinho da fada borboleta?

— E, é... — Santinha hesitava. — Mas não te rias. E o João Ferry.

— O Ferryzinho? Mas é uma criança!

— Ah! Tu o conheces?

— O Fernando mostrou-mo na rua, e depois ouvi-o recitar uns versos, no festival da Gemma Cuniberti, creio eu. Podia ser teu filho, Santinha.

A mulher de Viriato corou até a raiz dos cabelos; mas, depois de um momento de silêncio, tornou, com um tom contrafeito:

— Que queres tu? Caprichos da sorte! Eu tinha-o lido. Decorei mesmo algumas das poesias dos Rondós e Baladas. Seus versos encantaram-me, tão

sentidos, tão apaixonados! Já o admirava; da admiração à estima a distância é curta e a da estima ao amor ainda mais curta.

— E onde o conheceste?

— Na Exposição da Academia de Belas-Artes. Foi o Barinelli que me apresentou ele.

— Qual dos Barinelli — o pintor ou o escultor?

— O escultor. São muito amigos. Fez-me tal impressão o rapaz, que me perturbei toda; quase perdi a fala.

— É assim tão formoso?

— É formoso, sim, como uma pintura antiga. Jesus Cristo aos 20 anos devia ser assim. E, depois, que voz agradável! Conversamos muito tempo. Ofereceu-se para mostrar-me a exposição; levou-me diante dos principais quadros. Recitou-me versos que fizera sobre o grupo Jesus e a Pecadora do Barinelli. Que bonitos! Por fim separamo-nos. E não o pude ver mais. Foi isso há 15 dias. Debalde tenho ido à Rua do Ouvidor e voltado à exposição. Mas ontem lembrei-me de que ele me havia dito que freqüentava muito o atelier dos Barinelli; ora, como o escultor me convidou para visitar o atelier deles, veio-me a idéia de lá ir, na esperança de encontrá-lo lá.

— É uma boa idéia.

— É; mas como seria esquisito ir sozinha à casa de dois rapazes solteiros, embora artistas, venho pedir-te que me acompanhes.

— Eu? Que idéia!

— Nada mais natural. Somos ambas casadas: vamos a um atelier ver obras de arte. Que tem isso de reparável?

— Sim, pensando bem... — concordou Corina.

— E é um grande favor que me fazes. Sei que não é o primeiro. Mas estou pronta a prestar-te idênticos serviços quando precisares deles.

Corina refletiu um momento e acedeu por fim:

— Pois sim, acompanhar-te-ei. Quando quiser ir lá?

— Hoje, agora mesmo.

— Que pressa!

— Se soubesses como têm sido longos os dias que tenho passado sem vê-lo!

E, mudando de tom e agarrando a amiga pela cinta:

— Já vêes que eram as pazes e a aliança que eu te vinha propor. Aceitas?

— Como não hei de aceitar, minha querida? E as duas amigas beijaram-se comovida e longamente.

Quando se desabraçaram, Santinha disse baixinho, com um sorriso de mistério grato:

— Ama à vontade, livremente, o teu Paulino, e dispõe de mim como entenderes.

— Eu, amá-lo? Estás louca? — fez dona Sinhá, e as faces purpurejaram-se-lhe vivamente, como se o clarão de uma lanterna vermelha lhe batesse de chapa no rosto.

CAPÍTULO VI

O PRIMEIRO BEIJO

Eram cerca de três horas da tarde quando as duas senhoras chegaram em face da pequena porta do atelier.

Era um grande barracão, construído ao centro de um vasto terreno ajardinado, separado da rua por um alto tapamento de tábuas, em meio do qual havia uma portazinha, igualmente de madeira, onde se viam uma placa de metal amarelo com a palavra Barinelli gravada, e uma maçaneta de campainha. Da rua nada se via do que estava para lá do tabuado.

— Que imprudência, Santinha! — murmurou Corina, receosa.

— Imprudência, por quê? São dois moços muitos sérios, e depois há muitas senhoras que vêm aqui. Vou tocar — e Santinha, pegando da maçaneta, puxou-a com força.

Um trilintintim prolongado ouviu-se dentro, ao fundo.

Um minuto após, a porta abria-se, e aparecia um homenzinho de grandes bigodes brancos, que perguntou em português italianado o que desejavam aquelas senhoras.

— O sr. Adolfo Barinelli está?

— Sim, senhora; queiram fazer il piacere de entrar.

Abriu de todo a porta e afastou-se para dentro, para que as damas entrassem; depois tornou a fechar a porta e passou à frente, a conduzi-las.

O barracão de madeira, apesar de baixo, era construído com certa elegância, todo cercado de altas janelas de venezianas, arrançadas de modo a graduarem a luz e o ar. O italiano apressou o passo para avisar seu amo; logo após voltou, e, afastando para um lado o reposteiro japonês de bambus, disse-lhes que fizessem o favor de entrar. Santinha passou primeiro. O escultor veio ao encontro das duas moças, enxugando as mãos numa toalha, que atirou para cima de um busto de gesso. A meia obscuridade da peça turvou-lhes a vista no primeiro momento, de modo a somente distinguirem a figura do artista, que estava fronteiro à porta. A acolhida foi gentilíssima. Santinha apresentou a amiga.

— Conheço muito seu marido, minha senhora, e ele faz-me a honra de considerar-me seu amigo; convidou-me até para uma festa que deu em casa por ocasião da chegada do dr. Paulino de Castro, de quem também sou amigo.

— Ah! E por que não foi?

— Eu, minha senhora, sou um verdadeiro urso; não visito ninguém; não vou a festas. Daqui apenas saio para a academia e para o hotel. Às vezes, quando o calor aperta muito, dou um pulo a Petrópolis, e é tudo. E, depois, que faria eu em uma sala? Não danço, não recito, não canto, não jogo... Fora dos meus bonecos, não sirvo para nada. Mas façam o favor de entrar.

Era um homem de 30 e poucos anos, estatura um pouco abaixo da média, magro, mas forte, com uma formosa cabeça nazarena, cabelo castanho anelado, barba loura, aberta ao meio em duas pontas, encaracoladas pelo constante anediar;

a frente, alta e vasta, era cortada horizontalmente por uma funda ruga direita, que lhe dava uma expressão singular aos olhos. Vestia calças e blusa de brim branco, muito folgadas, e tinha à cabeça um gorro leve de seda azul. Uma figura extremamente simpática e insinuante. Falava devagar, sem dificuldade, mas como quem pondera o que diz.

As duas senhoras deram alguns passos para a frente e só então lobrigaram dois homens de pé, mais para o fundo. Entre eles e as senhoras trocaram-se leves saudações de cabeça. Mas um deles, após um momento de hesitação, adiantou-se, exclamando:

— Oh! E V. Exa, minha senhora? Como tem passado? Queira perdoar-me, não podia ver-lhe a princípio as feições por estar em frente à luz da porta.

Era o poeta dos Rondós e Baladas.

Santinha fê-lo saber à amiga por um ligeiro toque do cotovelo e em seguida apresentou-lho.

— Vieram, decerto, visitar o atelier dos nossos artistas.

— Exatamente; o sr. Adolfo tem-me convidado tantas vezes e com tanta amabilidade!

— Não é porque valha a pena, minha senhora; mas somente por saber que V. Exa. é uma entendedora, e, depois, são tão raras as pessoas que se interessam pela arte no Rio de Janeiro!... Vou-lhes mostrar os meus calungas.

As paredes da sala enorme estavam cobertas de mãos, pés, cabeças, torsos, dedos, flores, folhas, frutos, modelados em gesso ou em barro, pendurados, ou sobre prateleiras, e alguns cobertos de pó, numa confusão e desordem. Uma carinha gorda de criança ria-se entre uma carranca de fauno e uma cabeça dolorosa de mártir, de barba intensa. Junto às paredes, sobre bancos altos, maquetas, em gesso ou greda, de estátuas ou monumentos; um busto esplêndido do imperador, em mármore; uma figurinha de criança, corpo inteiro, em camisa; uma figura colossal de mulher nua, em gesso, sentada graciosamente; era uma estátua destinada a uma fonte pública.

Mas o que desde logo atraía a atenção era uma estátua eqüestre de general, homem e cavalo de tamanho maior que o natural, trabalho já bastante adiantado.

Tinha um movimento e uma vida extraordinários essa estátua; parecia a todo momento que o ginete ia arrombar a parede de tábuas do atelier e saltar à rua com seu cavaleiro heróico cingido aos rins.

O escultor ia mostrando às suas gentis visitantes todos os seus trabalhos, um a um; mas, ao fim de alguns minutos, só tinha ao lado a esposa de Fernando. Santinha havia-se deixado ficar para trás e acompanhava-o ao lado do poeta, que, a propósito de um busto ou fragmento qualquer, emitia um madrigal, ora em prosa do gasto diário, ora em versos pretensiosos.

Tendo feito assim a volta do atelier, passaram pelos aposentos particulares do escultor, à direita, dos quais só se via pela porta aberta e reposteiro apanhado do gabinete ou escritório, que era também sala de receber; e chegaram, por fim, à esquerda, ao fundo, em frente de outra porta, mascarada por um vasto reposteiro de chita grossa de ramagens, completamente solto. Justamente nessa ocasião Santinha perguntava ao artista, elevando a voz:

— E onde trabalha seu irmão?
— É aqui o seu atelier. Está trabalhando com o modelo.
— Oh! Não podemos ver? — tornou ela com açoitamento. — Tenho tanta curiosidade de ver pintar a figura do natural! — Mas acrescentou, como em resultado de uma reflexão, com um tom grave:
— Sendo o modelo mulher, bem entendido.

Corina detivera-se, interdita, meio vexada. O escultor deixou-a então para adiantar-se até à porta; apanhou o reposteiro de um lado e, puxando-o um pouco para si, inclinou para dentro o busto e disse:

— Heitor, estão aqui duas senhoras que desejam visitar o teu atelier. Podem entrar?

O afastamento da cortina fazia uma aberta suficiente para deixar ver grande parte da peça às quatro pessoas grupadas em frente.

De costas, sentado num banco de lona, estava o pintor em face da tela, com a paleta e o tento na mão esquerda e manejando o pincel com a outra. Um pouco ao fundo, estendida sobre um canapé, forrado de um estofado oriental de cores vivas, caído em dobras sinuosas sobre o chão, via-se uma mulher nua.

Estava deitada com o dorso para a porta, o busto mais alto, apoiado sobre duas almofadas moles de seda, a cabeça quase ereta, encostada a face esquerda sobre o braço inflexo, a perna direita estendida sobre a esquerda, dobrada de modo a ficar o pé esquerdo de palma, tocando pelos dedos no calcanhar do direito. Do rosto via-se apenas um terço do lado direito.

Uma cabeça loura admirável; os cabelos, muito finos e sedosos mas pouco bastos, estavam suspensos à grega, juntando-se ao alto numa rodilha leve, e deixando soltos, quase vaporosos, sobre a nuca muito branca, os fios novos, crespos, que um raio de sol atingia de ouro fluido. A orelha, transparente à luz, era uma mimosa concha de nácar. Um corpo ainda moço, de formas esbeltas e carnes firmes, com umas pernas longas e finas mas de contornos perfeitos, como as de Diana, a caçadora; e naquela pose abandonada havia, apesar da plena nudez, algo de casto, algo de sagrado, como em todas as belas criações do bom Deus.

O pintor virou-se para falar ao irmão; com o ruído, o modelo voltou igualmente o rosto, sem mexer com o corpo; sorriu-se para o escultor, mas, quando lobrigou a cabeça de Santinha, que a adiantara, curiosa, teve um movimento instintivo para cobrir-se, tateou em torno à procura de um pano e não o encontrando à mão virou-se inteiramente de costas, ocultando a cara nos braços.

O pintor ergueu-se, atirou sobre o modelo uma colcha vermelha, que estava no chão e que lhe ocultou as pernas, só deixando o busto a descoberto; e foi receber as visitas. Entraram todos.

— É curioso — observou em voz baixa o escultor ao poeta, retendo-o um momento. — Esta mulher, que se conserva nua à vista dos homens que aqui entram, reparou como lhe veio o pudor e procurou cobrir-se quando viu as senhoras?

— É verdade; é realmente muito curioso.

A figura estava toda esboçada sobre a tela, em alguns pontos mais acentuadamente que em outros, e completamente pintada nos membros inferiores, cuja carnação cintilava, rosada, com leves tons ambarinos.

Santinha fez grandes gabos ao trabalho, visivelmente excitada.

Ocuparam-se ainda uns minutos examinando os numerosos quadros, esboços, estudos e desenhos, apostos às paredes-cabeças, paisagens, natureza morta. Corina não pronunciava uma palavra; tinha as faces vermelhas e um brilho febril nos olhos, que não se despegavam do dorso nu do modelo. A visita foi muito curta em atenção ao trabalho do artista, que os visitantes não queriam interromper.

— Este modelo é a Ada? — perguntou o poeta ao escultor.

— É Não temos outro. Fora nosso modelo em Roma; veio ao Brasil como corista da Companhia Ferrari e, tendo aqui ficado, presta-se a vir posar para nós algumas vezes, quando os seus afazeres lho permitem.

— Que mulher sem-vergonha! — segredava Corina à amiga.

— Por quê? Se é a sua profissão! — respondeu esta muito naturalmente.

Concluída a visita, convidou-as o escultor a descansarem um pouco na sua "toca", que assim chamava ao gabinete. Entraram, mas foi uma exclamação geral de surpresa quando lá depararam o dr. Paulino folheando o Monde Illustré. A surpresa deste ao ver entrar as duas mulheres não foi menor que a delas ao encontrá-lo.

Um quarto de hora depois, saía o médico com elas.

Na porta, no rumor confuso das vozes trocando cumprimentos e despedidas, ouviu ele distintamente Santinha segredar ao João Ferry: "Amanhã, às duas, Passeio Público", e o poeta responder-lhe: "Sem falta: obrigado".

Era uma quinta-feira, o dia da partida de voltarete de Fernando em casa do corretor Paranhos. Paulino, em execução do plano em que assentara na véspera, resolvera jantar na cidade, para evitar o tête-à-tête com a esposa do amigo. Mas... o homem propõe... e a mulher dispõe.

Santinha, convidada por dona Sinhá a subir com ela à Tijuca, recusou, alegando esperar visita naquela noite; mas segredou-lhe ao ouvido: "Não quero perturbar vocês: hoje é quinta-feira", e separou-se deles nó largo de S. Francisco.

Paulino conduziu Corina até ao bonde, e despediu-se, pretextando estar comprometido para a noite; mas Corina lhe disse: "Que mau! Tem coragem para deixar-me sozinha naquele ermo!" com expressão tão doce, tão enfeitante, que ele cedeu, pensando: "Mas recolho-me cedo".

Pois recolheu-se mais tarde que de costume. Passearam na chácara, fizeram música, recitaram versos, folhearam álbuns de fotografias, lado a lado; conversaram artes, letras, modas.

As 11 horas Paulino, que o tinir argentino do relógio batendo as pancadas, parecia haver despertado, ergueu-se, numa surpresa mesclada de desgosto, e pediu licença para recolher-se. A casa, apesar de arder ainda o gás em muitos aposentos, estava silenciosa, adormecida já.

— Vou acompanhá-lo à sua casa, para lhe pagar a gentileza de haver-me acompanhado à minha — disse Corina, erguendo-se da cadeirinha de laca.

— Não consinto, pelo amor de Deus! — acudiu Paulino, num temor vago, como diante da iminência de um grave perigo.

— Por quê? — inquiriu ela, naturalmente.

— Porque... a noite está fresca... pode resfriar-se... é tão tarde... tem de voltar sozinha...

— Lá por isso não, porque eu levo a Maurícia.

Tocou o tímpano; a velha mucama apareceu logo; pediu-lhe uma mantilha, deu-lhe ordem de acompanhá-la até ao Mirante (era o nome por que os criados conheciam o belvedere) e saíram pouco depois.

A noite estava tão clara, tão perfumada, tão calma como a da véspera. Era o mesmo amável irresistível, a mesma irresistível poesia, escorrendo no luar, suspirando nos murmúrios vagos das folhas, exalando-se em aromas fortes das "flores de baile", dos jasmineiros, dos rosais, das madressilvas...

Corina apoiou-se languidamente ao braço do médico e foram subindo lentamente o aclave, em silêncio. A moça sentia no braço a repercussão surda e precipite das pancadas do coração do seu companheiro e tremer-lhe o braço de vez em quando.

Chegaram por fim. O médico abriu a porta, acendeu o bico de gás que havia logo à entrada e estendeu a mão para despedir-se.

— Espere, vou levá-lo até acima; quero ver se lhe arrumaram bem o gabinete e o quarto...

Maurícia estava do lado de fora, encostada a um dos batentes.

— Está louca? E Maurícia? E Alfred?

— Alfred ainda não voltou da rua. A repariga subirá também. Sobe, Maurícia.

E galgou trefegamente as escadas em espiral, de degraus altos e estreitos. Paulino seguiu-a, apoiando-se ao corrimão, cambaleando como um ébrio.

Ao entrar na saleta, às escuras, sentiu a respiração ofegante da moça, fatigada da ascensão; tirou a caixa de fósforos para acender o gás, mas estava tão trêmulo das mãos que a caixinha caiu ao chão. Caminhando e procurando-a com o pé, esbarrou com a moça no centro da saleta. Deu um pequeno grito e, como lhe sentisse o corpo vacilar, amparou-a nos braços.

— Paulino — murmurou a voz de Corina, trêmula, entrecortada de emoção, bafejando um hálito de fogo.

Tolheram-lhe a voz sobre os lábios outros lábios, igualmente secos e ardentes.

Durou tudo isso alguns segundos.

Quando a chama do gás rebentou na arandela, viu Corina sentada numa cadeira, com a cabeça nas mãos e os cotovelos sobre a mesa, e a mucama em pé, junto à porta. O médico disfarçou a comoção indo depor o chapéu e a bengala a um canto e graduando a luz.

Corina tirou logo a face das mãos, ergueu-se, passou uma vista de olhos em torno e exclamou, afetando calma e indiferença:

— Está tudo em ordem. Agora que o deixo em casa, vou-me embora. Muito boa noite — e estendeu-lhe a mão, de frente, sorrindo. Paulino apertou-lha

frouxamente e sentiu-a esquentar a dele. Mas não teve coragem de encará-la nos olhos ardentes, abertos, fincados sobre os dele: fechou-os como se fosse desmaiar.

Depois um frufulhar de saias, um afastar de passos leves para baixo, o bater de uma porta... e mais nada. A noite continuava majestosamente, banhada de luar, no seu curso misterioso, guardando no seio agonias de delírios, soluços de desespero e gritos de paixão.

CAPÍTULO VII

UM DIA INFELIZ

Eram sete horas da manhã. Fernando, de volta da sua ducha matinal, em pijama de flanela branca, de riscas vermelhas, e chinelas de palha, vendo abertas as janelas do belvedere disse consigo: "Paulino madrugou hoje" e foi vê-lo. Encontrou Alfred em mangas de camisa, arrumando.

— *Bonjour, Alfred. Le docteur s'est levé aujourd'hui de bonne heure, n'est-ce pas? Où est-il?*

— *Monsieur le docteur est parti au petit jour, monsieur.*

— *Comment! Il est parti? Mais pour où?*

— *Sais pas, monsieur. Il m'a remis cette lettre pour vous.*

E entregou-lhe um pequeno envelope azul.

Fernando leu o seguinte bilhete:

"Meu caro Fernando, o calor começa a incomodar-me. Fujo para Nova Friburgo, onde vou passar alguns dias. Não tive ocasião de ver-te ontem e por isso deixei de avisar-te.

Comprimetos a dona Sinhá. Teu, Paulino".

— *C'est bien, merci.*

E Fernando desceu, contrariado com a ausência inesperada do amigo, porque precisava conversar com ele a respeito de uma grande empresa que projetava lançar em breve, sob a forma de sociedade anônima, com o título "Melhoramentos da Tijuca", e cuja presidência tencionava oferecer-lhe. Tomou o café na varanda, acendeu um cigarro e pôs-se a ler os jornais.

Estava em seu auge a febre de especulações da bolsa, que ficou conhecida sob a designação pitoresca e singular de Encilhamento, que domina o período decorrido da proclamação da República até meados de 1891

Todas as folhas vinham cheias de inúmeros e vistosos anúncios de companhias, lançadas com capitais formidáveis, que pompeavam em grossos caracteres tentadores. Cada dia pululavam novas empresas, de arroçados intuídos, de planos admiráveis e de resultados não só maravilhosos como infalíveis, no dizer dos incorporadores. Na parte comercial figuravam as ações de bancos e companhias com cotações extraordinárias, que acusavam ágios espantosos.

Fernando estava ganhando rios de dinheiro. Já havia incorporado dois bancos e três companhias, e era fiscal de meia dúzia delas. Inteligente e profundamente prático, não se deixava alucinar porém, em meio daquele delírio;

jogava, sim, mas com uma calma relativa e aplicando logo em imóveis ou títulos de real valor boa parte dos lucros auferidos. Naquele momento verificava ele com visível contentamento o êxito completo de uma operação importante que há dias preparava e que lhe metia no bolso algumas dezenas de contos de réis. Foi quando ouviu a voz da mulher exclamar a seu lado:

— Muito bom dia, sr. Rothschild! — e sentiu os seus lábios frescos pousar-lhes na testa.

— Bom dia, querida — e enlaçou-lhe a cinta com o braço esquerdo, segurando na outra mão as largas folhas abertas do Jornal do Comércio. — Comecei bem o dia; acabo de verificar que o meu jogo nas Sorocabanas deu o resultado previsto: ganho uns 60 contos. Mas estou contrariado porque o Paulino... A propósito: ele jantou cá ontem?

— Jantou; encontramos-nos na rua do Ouvidor e viemos juntos da cidade.

Isto era mentira; mas Corina, com a prodigiosa perspicácia do seu sexo, antevira logo os inconvenientes de dizer que o havia encontrado no atelier dos irmãos Barinelli, porque podia parecer que era um rendez-vous combinado.

— E disse-te que partia hoje?

O ar feliz que enchia de riso os olhos e a boca da moça desapareceu subitamente, e os supercílios franziram-se-lhe numa forte contrariedade.

— Não; mas ele partiu?

— Sim, esta madrugada, para Friburgo. É esquisito que, tendo jantado contigo, não te haja dito coisa alguma.

— Nem a você.

— Deixou-me este bilhete; lê.

Se Fernando fosse observador ou se tivesse motivos para o ser, teria notado o tremor das mãos da mulher sustendo a pequena folha de papel, e, ao almoço, que ela apenas tomara um ovo quente e uma chávena de chá. Mas nada disso notou, nem mesmo a frieza com que ela recebeu a notícia de haverem chegado da Europa o cupê e o landau mandados vir pelo marido e que ela esperava ansiosamente, pedindo notícias todos os dias.

Quando se viu finalmente sozinha, respirou de alívio.

Fechou-se no quarto.

Não havia dúvida de que a partida súbita de Paulino fora resolvida depois do incidente daquela noite e provavelmente por causa dele. Era evidente, nesse caso, que aquele primeiro beijo, preparado pelo capricho ou pela maldade do acaso, o perturbara profundamente e de modo tal que o obrigara a fugir, atordoado, receoso das suas conseqüências.

Mas era, então, claríssimo que a amava! E esta idéia expeliu do seu rosto conturbado a última sombra de desgosto. E se ele não voltasse? Voltaria por força. Tinha ali tudo o que lhe pertencia. E que ficaria fazendo em Friburgo? Havia de voltar... Mas se mudasse? Era o mais provável; porém ela havia de encontrar algum meio de impedi-lo.

Lembrou-lhe consultar Santinha; era precioso o seu conselho para esses casos. Não havia dificuldades para aquela mulher: achava saída para tudo; a sua

imaginação sugeriu-lhe expedientes seguros para todas as situações, mesmo as mais difíceis ou melindrosas.

É verdade que lhe tinha medo e não só medo, também uma espécie de repugnância vaga, instintiva. Achava-a pervertida em demasia. Não podia compreender aquela sede insaciável de gozo em que ela ardia e que a atirava aos braços de todos os homens com quem podia tratar de perto, sem amá-los, contanto que fossem moços. E lembrava-se com certo terror que se houvesse obedecido a todos os seus conselhos já teria tido três ou quatro amantes. Felizmente o acaso ou a sua boa estrela a havia protegido sempre da sua influência nefasta, muitas vezes no momento mesmo da queda, como acontecera com o caso do barão de Santa Lúcia.

Mas agora a coisa era outra. Ela amava Paulino e acreditava que ele também a amava ou viria a amá-la com igual ardor; mas sentia-o fugir-lhe, como que defendendo-se, e era preciso retê-lo. Ora, só a experiência e o tato da amiga poderiam fornecer-lhe o plano estratégico de que precisava.

Resolveu ir vê-la, e já começava a vestir-se quando se lembrou de que tinha todo o dia tomado: esperava a costureira e o professor de canto. Ficou muito aborrecida. Com que severidade julgou o delicado trabalho da sra. Durandot, a modista do high-life feminino de todo o Catete e Botafogo! Tudo lhe parecia inferior ou mal feito: os estofos, o corte, os enfeites... Nunca errara tantas notas e compassos como naquele dia, a ponto de não acabar a lição, pretextando estar com enxaqueca — essa providência das mulheres feridas do mal de amor.

Estava impaciente, nervosa, quase febril. Felizmente o marido telefonou que não viria jantar, retido na cidade por negócio urgente.

Quando ele entrou, as dez horas, já ela dormia profundamente, calma e risonha como um anjo.

CAPÍTULO VIII

"SANTINHA"

Eram apenas 11 horas da manhã quando Corina se apeou do bonde à porta da casa de Santinha, na rua do Catete: uma bonita casinha assobradada, com duas janelas de frente sobre um minúsculo jardim bem tratado. Foi encontrar a amiga no seu gabinete de toalete, a arranjar-se para sair.

— Estou quase nua, filha. Mas entra, para não teres de esperar-me — gritou-lhe a mulher de Viriato.

Corina entrou, fechando sobre si a porta de vidros foscos, e quase a sufocou o cheiro forte e complexo de água de Lubin e sabão de amêndoas — esse cheiro úmido e capitoso do banho de uma mulher chique.

Santinha estava em camisa, que pouco abaixo lhe descia dos joelhos, mostrando as pernas nuas, grossas e muito brancas.

Sobre a pele fina dos seios fartos, protuberantes na cambraia da camisa pintalgada de florinhas, brilhavam ainda algumas gotas trêmulas de água. Como estivesse com as mãos brancas de espuma de sabonete, de pé em frente do toucador, estendeu apenas as faces, frescas do banho, aos lábios da amiga e retribuiu-lhe sonoramente os beijos.

Mas não estava só; tinha consigo a Matilde, uma mulatinha clara, trêfega, de olhos sonsos, que era sua criada de quarto.

— Vais sair?

— Vou, mas enquanto me visto podemos conversar.

— Sim; mas não tem pressa o que tenho a dizer-te — respondeu Corina com olhar oblíquo para o lado da Matilde, que ia arrumando sobre a cama as roupas que a ama devia vestir.

Tendo passado uma saia, Santinha envolveu as espáduas em uma toalha e sentou-se em frente do espelho, que lhe devolveu a imagem fielmente.

Matilde penteou-a com admirável presteza e habilidade; calçou-lhe as meias pretas de seda e os sapatinhos de pelica, e quando acabou de atacar-lhe o colete, Santinha despediu-a dizendo-lhe que acabaria a toaleta sozinha.

Matilde saiu com um "sim, senhora" humilde, mas não sem um olhar de soslaio para as duas, cheio de malícia e curiosidade.

— Que apuro! — exclamou Corina. — Isto cheira-me a entrevista.

— Acertaste. Vou encontrar-me com o meu poeta. Não podes calcular como estou impaciente!

— Está se vendo. Se eu pudesse, dava-lhe os parabéns: estás realmente apetitosa.

— Lisonjeira! Estou mas é envelhecendo; por isso é que vou aproveitando o que posso. Mas, diz-me: o que há de novo? Tu por aqui, a esta hora, de sopetão, hum! É novidade... Conta lá.

Corina narrou-lhe a cena da véspera e a partida imprevista de Paulino e, por fim, pediu-lhe conselho sobre o que devia fazer.

— É evidente que te ama. Eu já o sabia desde a noite da chegada dele; — e, enquanto falava, ia perfumando com o pulverizador os selos, o pescoço, as axilas. — Não te deixava com os olhos; perturbava-se todo quando lhe falavas... Aquela timidez é um indício infalível de amor. Agora esta verdadeira fuga não deixa dúvida possível. Eu, no teu caso, adotaria o seguinte plano de campanha: quando ele voltasse, retraía-me, evitava-o, mostrava não me lembrar da cena do belvedere; faria enfim tudo para não assustá-lo, para que ele se fosse deixando ficar perto do fogo sem lhe sentir o calor. Mas, ao mesmo tempo, aumentaria o meu poder de sedução, disfarçadamente: hoje um vestido leve e justo, amanhã um decote mais fundo e os braços nus, depois um descuido que mostrasse o começo da perna, ou uma atitude mais lânguida. Desse modo, nada vendo de positivamente ameaçador e preso, por outro lado, quase sem o saber, por todas essas seduções, ele se deixaria ir ficando. E assim até que chegasse, finalmente, o dia da batalha campal decisiva; nesse dia, o grande golpe.

— E qual seria esse grande golpe?

— Ele é médico. Uma noite em que estivesses sozinha, em perfeita segurança, sentirias um incômodo, tonturas, falta de ar... A criada te afrouxaria as roupas e correria a chamá-lo... O resto... ao acaso, e não falha; asseguro-te. O acaso é um bom amigo dos amantes.

Corina tinha as faces afogueadas e os olhos ardentes. Levantou-se para disfarçar a comoção. A amiga estava pronta. No momento em que iam sair do quarto, Santinha deteve-a por um braço, como tocada por um idéia súbita:

- Uma idéia! Queres tu vir comigo, para conhecer o meu buen-retiro?
- Estás doida? E o teu poeta?
- Ele chega somente à hora e meia. Temos tempo.
- Mas para que hei de eu conhecer o teu buen-retiro?
- Oh! Filha, não desdenhes! Quero apresentar-te a dona Miquelina. É uma mulher seguríssima, de uma discrição de poço entupido. Pode ser-te útil um dia.

Corina corou levemente e recusou: a amiga não insistiu.

Saíram e tomaram juntas o bonde. Desceram no largo da Carioca e, na ocasião de se separarem, Santinha insinuou com muito jeito:

- É aqui pertinho. É um momento; vem...

Corina acompanhou-a sem dizer nada. Era na rua de Santo Antônio, próximo da Ajuda.

Casa de rótula e janela verdes, aspecto pobre. Santinha bateu com o cabo da sombrinha devagar. A porta abriu-se mansamente, engolindo-as logo.

Uma mulher de 40 anos, magra, cara de sofrimento, apesar do sorriso forçado com que procurava alegrá-la constantemente, as recebia correndo o ferrolho à rótula:

- Sentem-se minhas senhoras. Esta choupana é sua; — e para Santinha:
— Como tem passado, dona Carlotinha?

Corina olhou com espanto para a amiga, que lhe fez um sinal significativo, respondendo logo à velhota:

- Muito bem, dona Miquelina, sem novidade. E a senhora?
- Eu, como pobre... rolando, enchendo os meus tristes dias. É muito bonita esta sua amiga, benza-a Deus! Como se chama?
- Emília Passos — acudiu logo Santinha, lançando a Corina um olhar de inteligência. — Trouxe-a para lha apresentar, entendeu?
- Pois não, minha senhora; tenho muito gosto em conhecê-la. Esta casa é sua — e acentuou as últimas palavras.

Corina respondeu apenas com um gesto de cabeça. Cinco minutos depois saía apressada, com ar ligeiro e receoso de quem sai de um lugar escuro, onde foi pecar.

Meia hora depois batiam discretamente à porta da casinha. Santinha, que estava só, tendo a dona da casa ido dar umas voltas, foi quem abriu. Era o poeta.

Entrou com o chapéu numa das mãos e a bengala e as luvas na outra, muito tímido, e ficou tão atrapalhado quando deu de face com aquela mulher tentadora que o esperava, que deixou cair a cartola. Tinha-se vestido a capricho e rescendia a new mown hay.

— Entre, meu senhor, no tugúrio humilde onde a sua escrava o espera impaciente — exclamou Santinha, com proposital afetação cômica, para pô-lo à vontade; e tomou-lhe os objetos que tanto o embaraçavam.

— Demorei-me? — perguntou ele, para dizer alguma coisa.

— Não, foi pontual como um inglês.

— O poeta enxugava a fronte com fervor, enquanto pensava: "Sou uma besta. Já devia ter-lhe dado um beijo, ao entrar. Mas agora é ridículo. Daqui a pouco".

Aquele acanhamento encantava a experimentada senhora: gostava de iniciar neófitos nos mistérios venusinos.

— Então, não me dá um beijo? É preciso que eu lhe peça?

O pobre rapaz, que se sentara, decidiu-se então. Tomou-a sobre os joelhos e beijou-a longamente, demoradamente, nos olhos, nos cabelos, na boca, na parte nua do colo. Santinha fechava os olhos, quebrada, rendida, murmurando:

— Como eu te amo! Tu me matas, Ferry, tu me matas! Não imaginas, não podes imaginar como te quero, como te amo! És o meu primeiro amor, juro-te. Oh! Eu sou uma desgraçada! Fiz um casamento desastrado. Meu marido é um burguês grosseiro, materialão, que não compreende, que nunca suspeitou sequer as riquezas ocultas em meu coração. Tanto pior para ele! E a ti, meu adorado poeta, a ti somente que eu as desvendarei... Sou tua amante, tua escrava, uma coisa tua! Mas dize-me: amas-me também um pouco? Dize!

— Adoro-te, Santinha. És a minha luz, o meu sol, o fanal que me ilumina a vida. Queres uma prova? Ouve estes versos.

E sacou do bolso uma folha de papel cor-de-rosa com um friso dourado, dobrada ao meio. Desdobrou-a e começou a ler, com as pernas um pouco dormentes do peso do corpo amado:

Flor que te abriste, perfumosa e bela,
No areal adusto do meu peito enfermo,
Do meu céu negro radiosa estrela,
Que vens lenir o meu sofrer sem termo...

Cada estrofe era pontuada de beijos, a cada verso correspondia uma exclamativa de admiração de Santinha.

Fazia um calor de forno na salinha de dona Miquelina. E o trovador sem decidir-se... Por fim, Santinha observou-lhe:

— Como transpiras! Por que não tiras o paletó? Estamos completamente sós. Temos duas horas para estarmos juntos — as primeiras, meu amor!

Foi então que o poeta deu com a alcova aberta sobre a sala, mostrando uma velha marquesa, comum, sem dossel, com a sua colcha de chita verde e vermelha e as grandes almofadas brancas. Ergueu-se, erguendo a amante, e a foi levando docemente, trêmulo, com as pernas quase esquecidas, suando em bagas.

CAPÍTULO IX

ESTRATÉGIA AMOROSA

A Estada de Paulino em Nova Friburgo foi curta. Desceu no FIM dos cinco dias, chamado por telegrama do pai de uma de suas clientes, cujo estado se agravara.

Chegou à cidade ao anoitecer, mas só tarde subiu para a Tijuca, de modo a não ser pressentida a sua entrada em casa.

Passara pessimamente aqueles dias de ausência, apesar da amenidade da temperatura e da escolhida roda em que conviveu, toda de veranistas da nossa primeira sociedade. O moral trabalhava-o continuamente, como uma broca a perfurar um tronco, e a ponto de fazê-lo perder o apetite e o sono.

O incidente daquela aziaga noite de quinta-feira não lhe desertava o pensamento um instante e produzia-lhe uma impressão de terror contínua e progressiva, que se ia tornando obsessão.

Estava consumado o seu crime: revelara a dona Sinhá o seu amor inconfessável; e revelara-o melhor que com palavras — com um beijo, um beijo ardente, em plena boca!

Como pudera cometer essa baixeza, esse crime? Cometera-o somente porque, num instante rápido de excitação nervosa, os seus sentidos o dominaram completamente, obcecando-lhe a razão.

Este desastrado incidente foi para ele um poderoso raio de luz introspectiva? revelou-o a si próprio, mostrando-lhe os perigosos meandros do seu temperamento, o que nele havia de impulsivo, de arrebatado, de imperioso. Possuidor de uma razão clara e robusta e de um senso moral perfeito — tanto, pelo menos, quanto o permite a vida social hodierna —, viu-se repentinamente capaz de praticar atos condenados pela sua razão como erros e pelo seu senso moral como faltas, desde que o seu temperamento encontrasse ensejo de exercer a sua ação livremente, a toda a força. Era, pois, um impulsivo, por uma fatalidade orgânica, constitucional, atávica sem dúvida, e, por isso, um homem perigoso, capaz dos excessos mais condenáveis.

Havendo reconhecido e confessado a si próprio a sua paixão extraordinária pela esposa do seu amigo e protetor, horrorizado ante essa enfermidade da sua alma, resolvera, antes que se tornasse incurável, fugir daquela casa e daquela mulher, resistir heroicamente ao seu mal, e conservar-se digno da própria estima; e resolvera-o firmemente, com toda a energia de sua forte vontade educada. Pois bem, horas apenas decorridas, um acaso estúpido reúne-os na obscuridade, atira os dois corpos um para o outro; ela suspira-lhe o nome com expressão amorosa e ele agarra-a e beija-a com arrebatamento, partindo os lábios ardentes sobre os seus lábios finos, perfumosos, não menos ardentes! Razão, senso moral, resolução clara, ponderada, firme — tudo desaparecera e tudo o — abandonara aos seus instintos, à sua paixão maldita num momento propício, que se diria preparado por uma divindade infernal!

Havia, porventura, absurdo mais revoltante, fraqueza mais deplorável e mais vergonhosa? E esta certeza indignava-o, enfurecia-o intimamente, surdamente.

Aqueles cinco dias em que não a viu, passou-os Paulino a debater-se nesse inferno de sentimentos e idéias, à procura de uma resolução que fosse uma solução para o seu caso, um golpe único e seguro naquele nó moral da sua existência. Deixar a casa de Fernando não bastava: teria de freqüentá-la, e o escarninho acaso prepararia novos encontros, alguma armadilha inevitável...

Era preciso deixar o Rio de Janeiro. Era uma pena, um verdadeiro desastre, nas ótimas condições em que já estava a sua clínica de consultório, prometedora de tão largo e brilhante futuro.

E o seu sonho de residir na Europa, após alguns anos de trabalho? E a sua independência pecuniária, que ele almejava com impaciência, sonhando-se em condições de poder dividir a sua existência entre a ciência e o prazer, sem preocupações nem temores?

Tudo perdido! Mas que importava isso — refletia com tristeza — se cumpria o seu dever, se conservava um homem de bem! Sim, partiria, deixaria o Rio de Janeiro, iria clinicar em qualquer Estado, no de São Paulo, por exemplo. E nesta decisão se firmou.

Reconheceu, todavia, que para executá-la precisava de algum tempo, o necessário para preparar Fernando e a mulher.

Como poderia justificar, sem levantar suspeitas e desconfianças veementes, essa partida brusca, abandonando uma clínica dia a dia mais próspera? Era-lhe necessário pelo menos um mês para esse efeito. Nesse mês raras vezes jantaria em casa, e nenhuma delas em quinta-feira; trataria Corina com a mais fechada reserva, e, para afastá-la e desiludi-la sobre os seus sentimentos para com ela, lembrou-se de um recurso, que lhe pareceu excelente — tomar uma amante, escolhida no demi-monde fluminense, e não ocultar essas relações nem os vestígios dela — cartas, flores, fotografias...

Talvez até que esse expediente pudesse justificar a mudança para São Paulo.

Sim, era isso; fá-la-ia partir para lá e, depois, partiria também ele, aparentemente atraído e enfeitado pelos seus encantos viciosos...

Quando chegou a este resultado das angustiosas reflexões sentiu-se aliviado e contente e voltou para capital, ruminando lentamente o seu plano de salvação.

Nem mesmo a hetaira, necessária para a sua execução, lhe faltava: lembrara-se de Madelon, a parisiense encantadora com quem fizera relações em Paris num cabaré artístico, amasiada nessa ocasião com um barão russo, e que viera para o Brasil tentar fortuna, *déplumer des richards* — como dizia ela — entusiasmada pelas informações do seu *petit brésilien*. Uma *mignonnette* de 21 anos de idade e 39 quilos de peso, com uma cintura inverossímil e uma dentadura ideal.

Madelon estava a calhar — parecia até feita de encomenda! Prestar-se-ia sem nenhuma dificuldade ao seu plano, tanto mais que tinha por ela certa estima, quase uma *amourette*. Iria vê-la no dia seguinte e desde logo começaria o escândalo.

A volta de Paulino foi uma grande alegria para Fernando, embora tão curta houvesse sido a ausência; é que já se havia habituado à sua companhia, às partidas de bilhar depois do jantar, ao solo à noite com a mulher, que era forte nesse jogo, e às longas palestras pela manhã, depois da ducha, no belvedere, fumando cigarros, ouvindo casos e anedotas da *haute-noce* de Paris.

— Decididamente, não posso mais passar sem o Paulino — dissera ele à mulher no dia anterior, e acrescentara:

— Se não chegar amanhã, vou buscá-lo.

Mas Paulino chegou nessa noite.

— Monsieur le docteur est arrivé ce soir — disse-lhe Alfred na manhã seguinte, indo à cozinha buscar o café.

Fernando galgou presto as escadas e foi encontrá-lo em robe de chambre, já de volta do banheiro. Abraçou-o com uma efusão tal como se a ausência houvera sido de cinco meses e não de cinco dias. E comunicou-lhe que havia organizado uma grande companhia sob a forma de sociedade anônima, cuja presidência lhe destinava.

Paulino recusou com energia, alegando não querer ocupar-se senão de sua clínica.

— É tarde, meu caro. Já foste eleito na assembléia de instalação. E possuis 3 mil ações, que já podes vender com um ágio de 25 mil-réis em cada uma, o que significa que podes meter no bolso daqui a algumas horas 75 contos de reis.

Paulino ficou enfiado, estupefato, sem saber o que dizer nem fazer.

À mesa, no almoço, foi que viu Corina — fresca, risonha, com uma toailete de primavera, que lhe dava um ar de menina de colégio. Cumprimentou-a sem expansão, com reserva bem dosada, esperando encontrar no seu acolhimento algo que lembrasse a famosa cena do belvedere; mas ficou surpreendido com o contrário: Corina apertou-lhe a mão simplesmente, com um sorriso desintencional e palavras banais e conservou, durante toda a refeição, esse ar despreocupado, sem um olhar ou uma frase de significação especial. "Naturalmente dissimula por causa do marido", pensou Paulino. E, havendo o banqueiro notado que Paulino estava um pouco abatido, o que ele explicou, dizendo haver-se resfriado em Friburgo, Corina não concordou: "achava-o até mais bem disposto". Ora, a verdade é que ele estava visivelmente mais pálido, com um aspecto de fadiga.

E a luta de dissimulação travou-se entre os dois, renhida, constante, sem tréguas. Na primeira quinta-feira, como Paulino se preparasse ao almoço para avisá-los de que não poderia vir jantar, antes que o fizesse, ouviu, com grande surpresa, dona Sinhá dizer-lhe:

— Sabe que hoje tem de jantar sozinho? Prometi ir passar a tarde com mamãe, e o Fernando irá buscar-me à noite.

— Oh! Filha, isso não o é possível. Saio muito tarde da casa do Paranhos. Mas o Paulino podia fazer-nos o favor de....

— Não, deixa — acudiu Corina. — Eu durmo lá. E mesmo melhor, porque farei mamãe dar um bom passeio amanhã, pela manhã, no landau.

Paulino pediu licença para não vir jantar tampouco:

— E que tenho também a minha tarde presa e provavelmente também a noite — e lançou um olhar expressivo a Fernando.

— Vais fazer a tua noce, bem, maroto? — exclamou este rindo, com o ar de quem havia entendido.

Corina nada desse jogo parecia ter percebido: despulpava atentamente uma pêra.

O plano estratégico aconselhado por Santinha ia produzindo resultados maravilhosos. Paulino de dia em dia mais se apaixonava, mais se prendia

insensivelmente, acreditando, entretanto, que a reserva de Corina e a sua aparente tranqüilidade e despreocupação eram resultado do plano dele, todo de afastamento lento e bem calculado. Mas a sua inquietação e o seu mal-estar aumentavam sempre inexplicavelmente.

Agora, quando estavam sós, o que era bem raro, riam, conversavam, entretinham-se como antes, mas sem o mais ligeiro contato, sem uma alusão, sem um sinal qualquer de inteligência amorosa. Era, entretanto, nessas ocasiões que a inquietação e o mal-estar do médico mais acentuavam. Proposital ou casualmente, nesses dias a toaleta de dona Sinhá era menos cuidada, mais sumária, mais simples: um ligeiro vestido claro, de mangas curtas, deixando ver os formosos braços e o começo do colo, que um esquecimento libertara do fichu; e havia mais languidez, mais nonchalance nas suas atitudes.

Longe de tranqüilizar-se e satisfazer-se com a despreocupada indiferença de Corina — tão completa que a levou ao ponto de lhe dizer, sem um tremor na voz, com a maior calma, que havia visto Madelon, a amante affichée do médico, e que a achara encantadora —, Paulino inquietava-se e sofria com essa indiferença.

Estava a findar o mês do prazo que se havia marcado para mudar-se para São Paulo, e ainda não tinha participado tal resolução aos seus amados. Ia protelando... Para que comunicar-lha, se não havia perigo, se nada ocorria que tornasse urgente a execução do seu plano?

Corina nenhum sinal manifestava de amá-lo, ou desejá-lo, ao menos. Afeição ou capricho, o que fora, passara; era evidente. Por que, pois, abandonar tudo: a sua clínica, a sua posição de presidente da Companhia Melhoramentos da Tijuca, em que Fernando já o fizera ganhar cerca de 80 contos de réis, e a própria casa e convivência deste...? Não seria uma feia ingratidão? Decerto que sim.

É verdade que, ficando, sofria horrivelmente, porque o seu amor desgraçado aumentava sempre, com uma intensidade assustadora. Mas que lhe importava sofrer? Ninguém lhe ouviria um gemido; a causadora daquele tormento oculto nunca o adivinharia sequer; na sua face, cada dia mais pálida, nenhum reflexo se estampava das dores que lhe devoravam o íntimo.

Era em vão que se esforçava por apaixonar-se por Madelon, que com ela passava a maior parte do tempo que o trabalho lhe deixava ocioso. Ultimamente, dormia freqüentes vezes em casa dela; as suas relações eram conhecidas de toda a cidade; e mais de uma vez Fernando jantou com ela e ele em partie fine no Restaurante Campesino do Jardim Botânico, ou no Hotel das Paineiras. Nem os encantos da gentil parisiense, sabedora insigne dos mais delicados requintes da sua arte, nem a fadiga daquela vida de trabalho e de vício o distraíam do seu amor pecaminoso e secreto. E Corina sabia-o e via-o claramente, com uma dissimulação perfeita, e pressentia próximo, bem próximo, o desenlace almejado.

As tranqüilas noitadas familiares tinham acabado.

Raramente se encontravam agora os três, à noite principalmente. Paulino vivia mais em casa de Madelon; Fernando, alucinado no turbilhão dos negócios e dos prazeres, recolhia-se sempre tarde e Corina saía constantemente, de cupê, com Santinha, com a madrinha ou com alguma de suas novas amigas, que tinha muitas.

Até que um dia o inferno moral em que vivia Paulino acresceu de uma nova tortura — o ciúme.

Corina empregara o grande recurso, a arma de golpe infalível. Paulino surpreendera-a em colóquio íntimo com o barão de Santa Lúcia em um sarau na casa do conselheiro Prestes. Depois, a pesar seu, não os perdeu mais de vista, descendo à baixeza de espíá-la, de acompanhá-la, de seguir-lhe todos os passos,

movimentos estes que Corina conhecia perfeitamente, por intermédio de Maurícia e de Alfred, bastante rusé para se deixar vender, conhecendo toda aquela intriga em seus mínimos detalhes.

A existência de Paulino tornou-se então insuportável. O ciúme enlouquecia-o de dor e de raiva nas longas noites de vigília no seu leito do belvedere ou no de Madelon, cuja nudez olímpica de dríade infante não lhe excitava já os sentidos.

Até que, sentindo a necessidade inadiável de desabafar o seu inoportável sofrimento, disse a Santinha que prevenisse a amiga de que os seus amores com o barão estavam-se tornando escandalosos e que Fernando acabaria por ver também. Santinha teve um sorriso diabólico e limitou-se a dizer-lhe:

— Olhe, doutor Paulino, se eu devesse prevenir a minha amiga a respeito de alguém, não seria do barão, mas sim do senhor mesmo.

— De mim? — perguntou Paulino, com um espanto enorme na palidez da face.

— Sim, do senhor, que ama Corina como louco!

Paulino deixou-a aterrado, sem mais uma palavra; e, horas mais tarde, estava no boudoir da francesa, cujos amores viciosos foi procurar, como, em busca do esquecimento, procura um ébrio a taverna, e um jogador a batota.

Enquanto a franzina flor do bulevar, nua, com a alvura leitosa e velutínea do seu corpo moço e mimoso, apenas cortado pelo negrume das meias, e os seios, pequeninos e rijos, de Cloé, parecendo gotejar sangue dos bicos altos, acabava o seu toucado noturno, diante do cristal do psiqué, Paulino inerte, apático, estendido, de olhos cerrados, na chaise-longue, ruminava em silêncio o seu atroz sofrer, e, no momento em que a amante lhe dizia, risonha, tentadoramente lúbrica, tendo vestido uma camisa de seda preta, ornada de valenciennes: "Alions nous coucher, mon petit", ele ouvia-se dizer a si próprio, no mais fundo do seu pensamento, como se o ouvisse de outrem: "Ou fujo ou mato-me".

CAPÍTULO X

A OBRA DO CIÚMES

Partir, fugir ao inferno em que padecia como um celerado punido atrozmente, era a solução mais simples e mais racional que tinha o médico diante de si.

Matar-se, por quê?

Era moço, forte, quase rico, ambicioso de fortuna, sedento de gozos, sem dependências nem compromissos. Tinha o mundo e o futuro largamente abertos, propiciamente francos à sua inteligência, à sua atividade e aos seus apetites. Matar-se, porque amava a única mulher que lhe era vedado desejar no mundo, fora insânia imperdoável em cérebro tão lúcido.

Estava certo de que a ausência prolongada, longe, o havia de curar radicalmente. Era mister partir. Iria primeiro para São Paulo, para experimentar, e também porque lhe pareciam escassos ainda os seus recursos pecuniários para efetuar uma viagem e estada longa na Europa.

Assim raciocinava e resolvia Paulino, e, no entanto, ia ficando, ia transferindo indefinidamente o dia da partida. Não tinha coragem para sacudir dos ombros o peso férreo do seu martírio.

Como o procedimento de Corina, todo de reserva e indiferente afabilidade, nada tinha de alarmante, não denunciava um perigo próximo, não via o médico necessidade de precipitar a execução de seu plano, o qual, se o salvava moralmente, podia trazer-lhe imensos prejuízos materiais.

E, depois, ele achava nobre aquela luta, dignificante aquele sofrer. Fugir fora covardia. Ficar, resistir ao seu temperamento e vencê-lo, era dever. Cumpri-lo-ia até ao fim, serenamente, embora com o coração despedaçado pelo seu amor maldito, como o infante espartano fizera com a raposa furtada: sem um gemido, sem uma contração da face. O temperamento deve ser um escravo do homem e não o seu senhor; do contrário seria a civilização uma palavra vã, e a sociedade um parque de feras hipócritas.

E com tal filosofar iludia-se Paulino, mascarando a própria alma, cobrindo de areia fria e branca as úlceras do coração. A verdade era que a tática de Corina, habilmente dirigida por Santinha, dia a dia o punha mais apaixonado e perdido de amor e lhe tirava a força de fugir-lhe.

Se ela tivesse um brusco movimento de paixão para ele, em vez da esquiva e indiferença que afetava, tê-lo-ia assustado, abrir-lhe-ia os olhos sobre o abismo que o esperava, e ele fugiria espavorido, para salvar-se e salvá-la. Mas, assim, ele podia iludir-se, tomar sua situação pelo lado que lhe agradava e convinha — como um crisol, penoso embora, da têmpera do seu caráter, como uma luta heróica e nobilitante.

Mais de uma vez teve ocasião, não buscada, de surpreendê-la em deshabillé matutino, jardinando, voltando do banho frio, com os cabelos desnastrados e úmidos, ou à noite, já em roupão de dormir, espumante de rendilhas e fitas, como forçosamente acontece na vida comum dos que coabitam o mesmo teto ou mantêm relações de convivência estreita e constante.

Nesses dias Paulino sofria como um réprobo. O seu sangue impetuoso rugia-lhe nas veias, cacheava-lhe no estuário do coração, afogueava-lhe a cabeça, enfecia-o como se um veneno ardente se houvesse insinuado nele.

Tinha ímpetos doidos de apossar-se daquele corpo capitoso e excitante, e de gozá-lo longamente, alucinadamente, até morrer estreitando-o no derradeiro abraço, expirando a alma e a vida no derradeiro beijo.

Esse combate íntimo e tremendo minava-lhe a saúde. Andava pálido e emagrecia evidentemente — o que Fernando explicava pela vida de noceur do amigo e dona Benga pelo excesso de trabalho do irmão. Corina, essa, não perdendo o mínimo indício dos resultados daquela luta, parecia, no entanto, nada perceber, e dava-se toda em aparência, à vida de luxo, ostentação e prazeres em que vivia desde algum tempo.

Para Paulino, essa indiferença e despreocupação da moça pela pessoa dele explicavam-se do modo mais simples. Corina estava apaixonada, ou, pelo menos, entretida por outro, e esse outro devia ser o barão de Santa Lúcia — esse nulo, correto e grave possuidor do prestígio comum do dinheiro, da toaleta e de um título barato. Adquiriu essa certeza, já preparada pela descoberta que havia feito no sarau da Chiquita Prestes, quando Alfred lhe revelou que dona Sinhá freqüentava uma casinha suspeita na rua de Santo Antônio, ou melhor, quando verificou pelos seus próprios olhos que essa revelação exprimia a verdade.

Montou ronda nas vizinhanças. Uma tarde, viu sair da casa de dona Miquelina um homem, que não pôde reconhecer por ter ele saído dando as costas para a esquina da rua da Ajuda, em que estava Paulino, e ter caminhado rapidamente para o lado do largo da Carioca; oito ou dez minutos depois de ele haver desaparecido, viu vir, pelo mesmo lado, um vulto esbelto de mulher com um véu preto no rosto: era ela; chegou à porta da casinha, bateu; abriram-na entrou.

Mas como explicar que ela chegasse após ter saído o homem? Naturalmente ela demorou e ele, cansado de esperar, foi-se embora; era isso. Paulino veio até a frente da rótula verde e, parando, teve um desejo furioso de bater e entrar. Chegou a dobrar os dedos e estender o braço...

Mas suspendeu o gesto e caminhou, trêmulo e trôpego como um atáxico.

Chegado ao canto, parou, e pôs-se de observação. Esperou um quarto de hora, 20 minutos, 25. Corina saiu, então, e à rótula apareceu a cabeça de d. Miquelina, com o seu sorriso mecânico, e nos gestos trocados por um momento entre as duas mulheres julgou ver Paulino sinais de concerto de um plano ou projeto. Quando a moça se afastou alguns passos da casa, ele passou-se para a mesma calçada e veio-lhe ao encontro, com o passo natural, como trazido pelo acaso.

Fervia dentro dele uma onda de indignação e revolta contra aquela infâmia. Corina enganava vilmente, miseravelmente o marido, que a estremecia, que lhe satisfazia todos os caprichos, todas as veleidades e a todo preço! Enganava-o. sim; tinha a certeza disso.

O seu dever qual era, nesse caso: amigo de Fernando, seu mais antigo e dedicado amigo? Preveni-lo.

Mas isso fora matá-lo, ou, pelo menos, à sua felicidade! Não, o seu dever era prevenir Corina, fazê-la ver para que abismo caminhava.

E o melhor era aproveitar aquele ensejo; não havia tempo a perder. Isso pensava Paulino no tempo que gastou até encontrar-se com a moça. Esta vira-o momentos antes e ficou profundamente perturbada, por não esperar aquele encontro.

Havia ido à casa de dona Miquelina, não para encontrar-se com o barão ou com outro amante, mas com Santinha, que devia lá ir naquele dia e não foi, faltando ao encontro marcado ao poeta, e como era extraordinário isso, esperou pela amiga alguns minutos. Agora, voltava a tomar o cupê, que havia mandado esperá-la em frente ao Teatro Lírico.

Estavam ambos tão emocionados que pararam um em face do outro, sem uma palavra, sem um gesto: Por fim, Paulino disse, com um estranho tom de voz, que Corina lhe não conhecia:

— A senhora, aqui? A esta hora e nesta rua?

— Que tem isso de admirável? Vim procurar uma criada, que anunciou hoje no jornal. Mas também lhe pergunto por que acaso o encontro aqui. Ah! Já sei o que me vai responder... Uma visita médica.

Mas, apesar do seu tom degagé, a voz tremia-lhe, comovida. Paulino, após um esforço que se traduziu numa contração dos supercílios, respondeu com voz firme:

— Não, dona Sinhá, não vim visitar nenhum doente nesta rua. Vim ver a senhora.

— Veio espiar-me, diga antes. E, por conta de quem desempenha esse bonito papel? Por conta própria ou alheia?

Paulino, que não esperava semelhante réplica nem semelhante tom, empalideceu e tartamudeou, o que permitiu à mulher de Fernando assenhorear-se da situação, tomando um partido.

— Ouça-me, dona Sinhá. Não pode duvidar do meu afeto... fraternal e sabe quanto sou dedicado a seu marido. Permita-me, pois, em nome desse afeto e dessa dedicação, dar-lhe um conselho.

— Pois não, fale; reservou-me apenas o direito de dispensar o conselho, agradecendo-o ao conselheiro, se aquele me desagradar...

— Fará o que entender, Corina. Eu cumpro o meu dever.

— Mas venha o conselho —olveu Corina, impaciente.

— É simples: olhe para o abismo que se lhe abre aos pés. Salve a sua honra e a de seu marido, se ainda é tempo.

Corina, cujas faces ficaram cor de lacre, fixou sobre ele um olhar de fogo, em que ardia toda a indignação de um amor-próprio brutalmente ofendido, e respondeu seca e pausadamente:

— Não lhe reconheço autoridade para semelhante recomendação, que é um insulto. A ação que acaba de praticar só um sentimento a poderia justificar — o ciúme; mas eu ainda o não autorizei a mostrar ciúmes de mim. Adeus.

E caminhou, firme, ligeira, altiva, deixando o médico na calçada, enfiado, corrido, imóvel.

Só passados alguns momentos, foi que ele compreendeu a grande asneira que havia feito.

"Sou um idiota. Um cretino não teria agido mais desastradamente. Como foi que não vi o ridículo a que ia expor-me, mostrando a Corina que a espionava e, sobretudo, dando-lhe um conselho daquela ordem, sem nenhum título que me autorizasse a tanto? Mas o que acabo de fazer é positivamente uma declaração de amor! Só o ciúme justificaria semelhante brutalidade, como ela bem disse."

Assim pensava Paulino.

Assim pensava também Corina, tomando o cupê e mandando tocar para a casa de Santinha. Aquilo fora uma declaração de amor e a mais eloqüente que ele podia fazer-lhe. E, passado o sentimento espontâneo e natural de indignação que lhe produziram as palavras desastradas de Paulino, Corina sorria, contente, satisfeítíssima. Ia triunfar, ia finalmente vencer aquela resistência tenaz e satisfazer o seu ardente capricho, que ela chamava "amor", acreditando-se profundamente apaixonada por ele.

Com que açodamento feliz foi contar à sua preciosa amiga o incidente! Foi encontrá-la de cama prostrada por uma enxaqueca furiosa, felizmente acalmada um pouco quando chegou Corina, e contrariadíssima por ter feito esperar em vão por ela o seu Zanetto querido — chamava-lhe Zanetto romanticamente: era uma reminiscência da leitura de *Le Passant*, de Coppée.

— Atenção! A hora do grande golpe aproxima-se. Preparar armas! — exclamou a experimentada mulher do Viriato, com um lampejo de orgulho nos olhos, como o de um grande cabo de guerra ante a vitória próxima.

Entretanto, Paulino caminhava ao acaso, apatetado, ainda corrido de vergonha do papel que fizera. Ao cabo de meia hora, regressando ao consultório cheio de enfermos que o esperavam impacientes, tinha a sua resolução tomada, inabalavelmente, segundo pensava: partir. Não lhe restava outro recurso, depois daquela cena; ela equivalera a uma confissão amorosa, e, depois disso, ficar valeria tanto como trair o amigo. Mas resolveu partir sem preveni-lo, de repente. Para isso iria preparando tudo em segredo e rapidamente. O que lhe valia e o tranqüilizava um pouco era que, com a vida esparsa de diversões que levavam marido e mulher, ele pouquíssimo parava na Tijuca e assim poucos encontros poderia ter com ela.

Dentro de 15 dias, o mais tardar, tudo estaria acabado. Oh! Com que alegria se veria liberto do seu inferno de amor!

CAPÍTULO XI

INCIDENTES

Passados os 15 dias improrrogáveis que Paulino havia marcado a si mesmo para cortar cerce e de uma vez com aquela situação intolerável, ansioso por terminar aquela dolorosa luta do seu caráter com o seu temperamento, residia ele ainda na mesma casa: não tinha podido partir.

Motivo imprevisto e imperioso lho impedira. Fora esse motivo o estado de saúde de Fernando.

Havia cerca de um ano que ele vivia extraordinariamente pelos nervos, fazendo um dispêndio excessivo de atividade mental e física.

A sua vida tornara-se uma agitação constante, um continuo agir, devido à multiplicidade e à complexidade de negócios em que se envolvera, alucinado, como quase todos naquela época, pela febre do jogo da bolsa, pela sede de enriquecer rápido e muito, mal tremendo que, manifestado nos últimos meses de vida da Monarquia, se desenvolvera espantosamente nos primeiros da República, sob o Governo Provisório.

Não descansava quase, quase não dormia. Vivia agora mui pouco em casa, raramente voltando para jantar e entrando muitas vezes de madrugada.

Não eram decerto só os negócios que o prendiam até tão tarde na cidade, como procurava fazer crer à esposa — aliás inutilmente —, mas sim a existência dissipada e deleitosa que contraíra e em que tinha por habitual companheiro o seu amigo Viriato, agora seu íntimo.

Eram jantares caros nos melhores restaurantes, ceias ruidosas, regadas fartamente de champanha em gabinetes particulares, em Botafogo, no Jardim Botânico, no Daury, com Vanderbilts feitos à la minute e Coras Pearl de arribação, vindas do rio da Prata e algumas dos bordéis de Marselha e Bordeaux com rótulos de Paris, atraídas pelo cheiro da carniça fresca e abundante.

Nesses jantares e nessas ceias, babujadas de beijos e de vinhos caros, tratavam-se, é verdade, grossos negócios, esboçavam-se planos de empresas maravilhosas ou fechavam-se transações comerciais avultadas; mas, em compensação, malbaratava-se também o dinheiro ganho a golpes de audácia e de

sorte, espalhando-o em presentes pomposos às cocotes — carros, parelhas de belos urcos, adereços do Rezende, do Farani ou do Augusto Reis, palacetes, toaletes de um luxo insolente —, em aquisições ruinosas e mesmo em novos negócios absolutamente insensatos.

Era uma vida atordoadora e falsa. Sem saber de que modo, deixara-se apanhar Fernando na sua entrosagem terrível e afizera-se ao jogo, à dissipação, à desordem. Jogava a roleta, o dado, o bacará, em que perdia sem pestanejar gordas quantias, e tinha amantes que lhe custavam alguns contos de réis por mês, sem que possuíssem outros encantos além dos próprios da sua corrupção e dos seus vícios refinados.

Corina não se queixava muito dessa vida nova do marido porque ela lhe deixava uma liberdade quase que completa de ação, da qual se aproveitava o mais e o melhor que podia. Também ela tinha o seu turbilhão: passeios, convescotes, chás, bailes, concertos, flertes sem consequência, nos quais tinha por inseparável companheira a sua amiga Santinha.

Eram os maridos por um lado e as esposas pelo outro — numa festa incessante.

Paulino, algumas vezes, não muitas, foi companheiro ora dos dois maridos, ora das duas mulheres: era inevitável.

Uma noite, ao recolher, a desoras, sentiu-se Fernando muito indisposto: faltava-lhe o ar e uma pontada violenta o alanceava na região precordial. Julgou que era chegada a sua hora e um terror imenso apoderou-se dele, inundando-o de suores frios. Foi um alvoroço na casa. Os criados corriam em todas as direções. Um deles foi logo chamar o dr. Paulino ao belvedere...

Não se imagina a angústia indizível do enfermo e o susto de Corina quando o fâmulos, de volta, informou que o médico não dormira em casa naquela noite.

Acudiu logo a idéia de chamar outro, o mais próximo, e despachou-se um próprio para esse fim. Mas um carro leve sobe a colina... Correm a ver...

— É o dr. Paulino! — gritam.

Foi como se um anjo descesse do céu à alcova do casal, trazendo-lhe a felicidade nas mãos diáfanas... Momentos depois, entrava o médico, com um ar espantado por encontrar a casa àquela hora em tal alvoroço.

— Venha, dr. Paulino, venha depressa! — exclamava aflitíssima a mulher de Fernando, despenteada, em toailete de dormir, com os braços nus nas largas mangas abertos do roupão de cambraia, com o colo mal velado por uma mantilha de rendas, apanhada às pressas.

Paulino examinou logo o amigo, rapidamente, e preparou uma forte poção calmante, que o fez beber, acompanhando-lhe o pulso com atenção. Quinze minutos depois, o doente respira melhor e a dor abrandara.

Quando chegou o outro médico, um velho clínico pachorrento, mal desperto ainda do profundo sono a que o foram arrancar, Fernando estava completamente calmo e começava a toscanear, vencido por uma sonolência pesada e lenta.

O velho médico aprovou a medicação do colega, despediu-se foi reatar o seu belo sono, voltando para casa no tálburi de Paulino, que gentilmente lho oferecera, dando afinal por bem empregado o incômodo, pensando em que havia de fazer pagá-lo bom preço.

Pouco depois, Fernando dormia tranqüilamente e Paulino recolhia-se ao seu aposento, assegurando a Corina que nenhum incidente havia de sobrevir. Somente de madrugada pôde o médico conciliar o sono: na escuridão, viam seus olhos ardentes a visão branca e rósea da sua amada entremostrando as formas peregrinas na transparência das roupagens de fino linho: e nas narinas palpitantes sentia, estonteador, o cheiro da sua carne moça e bem tratada...

No dia seguinte, exigiu Fernando que o amigo o examinasse atentamente. Paulino fê-lo e viu confirmadas pelo exame as suas peitas da véspera. Fernando sofria de uma insuficiência aórtica. Não lho revelou, mas recomendou algum repouso e vida regular além de um regime brando e do uso moderado de uma poção calmante que receitou.

O acesso não se repetiu nos dias subseqüentes; mas o temor do enfermo era tanto e tal a confiança que ganhara no médico que o salvara, que exigira dele não dormir mais na cidade; queria-o ali à noite, perto de si, e quase lhe suplicava que não o abandonasse.

— Olha, Paulino, o que me está dando saúde é a certeza de que estás perto de mim... Tenho a convicção de que morreria nas mãos de outro médico. Não me abandones!

Paulino teve, pois, de adiar mais uma vez, e desta sem prazo marcado, a execução de seu plano de salvação. A vida calma outrora recomeçou, com as noites monótonas, preenchidas pelos três com partidas de solo e pôquer, o novo jogo americano que estava fazendo furor. E o banqueiro foi melhorando, a dispnéia desapareceu, e as pancadas do coração foram-se tornando menos tumultuárias, mais rítmicas, e foi-lhe voltando também a despreocupação, a alegria.

Um mês depois, reentrava na vida agitada de negócios e prazeres, porém mais moderadamente, com uma certa cautela devida às incessantes recomendações do médico. Fernando só o que exigia era encontrá-lo em casa quando voltasse às 11 horas ou meia-noite, no receio obsessivo da repetição do acesso e encontrar-se novamente ao desamparo, naquela solidão. Essa quase mania de ter o amigo à mão, todas as noites, era decerto, um resultado do seu estado mórbido, da depressão do seu sistema nervoso e, portanto, um sintoma de enfermidade latente.

Para satisfazer-lhe o pedido jantava o médico mais freqüentemente em casa e dentro em pouco estava restabelecida, e mais intimamente ainda, a sua convivência com dona Sinhá. As noites eram longas; Fernando, tendo a certeza de que o amigo o esperava em casa e fazia companhia à mulher, demorava-se na cidade, "nos seus malditos negócios"; não tinha pressa de voltar.

Era de uma alegria comunicativa à mesa do chá, de volta da agitação rumorosa da noite, reentrando na honesta e reconfortante tranqüilidade do lar, vendo-se esperado pela esposa e pelo amigo, que considerava um filho adotivo, entretidos quase infantilmente, a jogar damas e xadrez ou a ler romances.

Uma manhã em que os dois amigos desceram cedo, sem almoço, para a cidade, o que da parte de Fernando era raro, disse este ao médico, no cupê, tomando um ar grave:

— Sabes, Paulino, tenho que falar-te de um assunto delicado e que considero de uma certa gravidade.

O moço sentiu um ligeiro choque nervoso em todo o corpo, mas nada disse, receando que lhe tremesse a voz, e esperou. Fernando continuou:

— Teu amigo como sou e sabes, considereei que era um dever da minha parte contar-te o que vais ouvir. Trata-se da Madelon...

Paulino encarou-o surpreendidíssimo, e foi com dificuldade que reteve uma risada, tão imprevista e tão cômica lhe pareceu a revelação de que o tal assunto delicado e grave era a petite Madelon.

Mas limitou-se a responder:

— Ah! Trata-se da Madelonette? Então que é?

— Essa mulher engana-te, Paulino; não te é nada fiel.

— Porém... — E Paulino ia dizer que estava farto de sabê-lo e pouco se importava com isso, não se considerando seu amante único, não tendo ménage com ela; mas o amigo, supondo talvez que ele ia repelir aquela idéia e defender a amante, apressou-se em pingar os ii.

— Sim, engana-te. Tenho provas. Tenho visto entrar-lhe em casa mais de um sujeito bem conhecido e a mim mesmo escreveu-me ela uma carta...

— Pedindo dinheiro?

— Como sabes?

— Isso adivinha-se logo. Essas mulheres só escrevem para pedir dinheiro e sempre com uma fome na razão inversa da ortografia.

— Na verdade, ela não pede dinheiro claramente. Mas pede-me que vá visitá-la para conversar sobre um negócio...

— E você, que fez? — perguntou Paulino — Caiu com o cobre?

— Nada respondi. Ela é tua amante...

— Minha e do senhor. Todo Mundo...

— Não; é tua amante, pouco importa que infiel. Sei que gostas dela. E eu seria incapaz de semelhante deslealdade. Essa mulher para mim não existe.

Paulino, que ao ouvir estas palavras, ditas em tom quase solene, tornara-se extremamente sério, perguntou-lhe:

— Mas você gosta dela?

— Confesso-te que lhe acho uma certa graça, um certo cachet. Tem um chique, um ar vicioso de bulevar que me tenta. Ah! Se ela não estivesse contigo, eu já teria mordido nesse fruto do pecado, isso confesso-o. Adoro essa espécie de beleza — la beauté du diable. Mas eu respeito muito essas coisas. Não enganaria nunca um amigo, mesmo com sua amante, embora tendo a certeza de que ela o enganava com meio mundo. Não faltam mulheres por ai, que diabo! Não achas?

— Sim, são escrúpulos nobres, que eu talvez não tivesse nas condições que você figurou, mas que sou o primeiro a respeitar. Entretanto, no caso da Madelon, devo dizer-lhe que os seus escrúpulos são perfeitamente descabidos. Madelon não é mais minha amante. Passam-se agora de seis a oito dias que a não vejo nem sei notícias dela. As nossas relações constam quase exclusivamente destes dois atos: ela a pedir-me dinheiro e eu a mandar-lho, por uma condescendência perfeitamente estúpida em relação a essa espécie de gente. Por isso, meu caro Fernando, não faça você cerimônia. Se a Madelon lhe agrada, atire-se, que nós, monsieur Tout le Monde et moi, lhe concedemos ampla licença.

— Surpreende-me o que acabas de me dizer: surpreende-me sem que deixe de agradar-me. Supunha eu que o colíage continuasse...

— Nunca houve colíage. Era um conhecimento de Paris, feito num cabaré artístico, sem compromissos nem promessas: mera distração, simples passatempo. E como tal continuou aqui. Enfim, se alguma cousa houve, acabou-se. Entrée libre — repito.

— Ah! Muito bem; nesse caso irei saber de que negócio se trata. Desde que não tens mais nada com ela...

— Está claro, fora tolice ter ainda escrúpulos.

Aquela conversa estragou completamente o dia de Paulino; passou-o tristonho, apreensivo, aborrecido; não subiu para jantar e recolheu-se à hora em que todos dormiam.

Meia hora depois, estavam os dois homens deitados, mas nenhum dormia. Fernando pensava em Madelon, cujo conhecimento íntimo fizera naquele dia mesmo e que o enfeixara com as suas cajoleries e as suas graças felinas de viciosa parisiense, sabedora de todo esoterismo fin de siècle do amor carnal; e Paulino, ressupino, com as mãos enlaçadas sob a nuca, pensava dolorosamente na mulher do seu amigo, com um sentimento misto e inexplicável, em que entravam: desgosto de si próprio, raiva surda e indefinida, sem objeto determinado, e uma covardia mole, inerte, consternada, como a que sentem os fatalistas diante de uma catástrofe que pressentem próxima. E por mais que procurasse desviar para alhures o pensamento, revia com clareza a figura séria e aberta de Fernando, avisando-o gravemente de que Madelon o enganava e, desejoso dela, fugindo-lhe em respeito ao amigo.

Não pôde mais. Voltou-se de borco, abraçou-se à almofada, em cuja fronha bordara Corina o seu monograma, e, mordendo-a, chorou raivosamente, fraco, pusilânime, infeliz, como uma criança contrariada num capricho.

CAPÍTULO XII

A MORTE E O AMOR

O passamento do conselheiro Prestes sobreveio algumas semanas depois, podendo-se afirmar que agonizou 15 dias.

Aquela debilidade crescente e aquele definhar sem causa, a que se referia Corina na noite de chegada de Paulino, cerca de ano antes, explicaram-se subitamente com a explosão, por assim dizer, de todos os sintomas de uma nefrite, complicada com lesão cardíaca muito antiga.

A revolução de 15 de novembro entrara por muito para a agravação desse estado mórbido. O velho ex-valido imperial, sinceramente afeiçoado ao seu monarca, sentindo-se sem forças e sem valor moral para defendê-lo no momento da sua queda inopinada, vendo-o partir com a família para um exílio irrevogável, e intimamente magoado e revoltado pelo adesismo impudente de quase todos os amigos do ex-imperante às novas instituições, caiu numa apatia moral e física absoluta; o estado anêmico acentuou-se, as forças foram decrescendo até que as lesões fatais que lhe minavam o organismo revelaram-se todo o cortejo de seus temíveis sintomas.

Foi Paulino o médico assistente. Dedicou-se ao enfermo como se dedicaria ao próprio pai, e tais foram os seus esforços e cuidados e o acerto de seu

tratamento, que conseguiu prolongar-lhe a vida por alguns meses. Mas o desenlace era fatal e próximo. Bem o sabia o médico e teve de confessá-lo a Corina, a quem a doença do padrinho sinceramente consternava.

Ultimamente já ela dormia em casa dele para constantemente velá-lo e auxiliar a madrinha no seu penoso tratamento. Paulino fazia-lhe duas visitas por dia. Nas duas últimas semanas, além da visita da manhã, demorada, passava uma parte da noite à cabeceira do enfermo, desvelando-se carinhosamente, sem fadiga, para descansar um pouco as duas mulheres, comovidas por aquela dedicação.

Mas o pobre homem piorava sempre; a infiltração zombava dos mais enérgicos medicamentos, que lhe agravavam ainda a fraqueza; o edema subira das pernas às mãos; a dispnéia aumentava; nenhum apetite. As poucas vezes em que deixava o leito para andar um pouco e vir respirar na varanda, estendido no chaiselongue, era com imensa dificuldade, apoiado a duas pessoas.

A casa foi tomando esse aspecto e esse cheiro terríveis de casa onde uma vida vasqueja, próxima a extinguir-se em uma decomposição orgânica progressiva; em todos os rostos, a palidez e a fadiga; em todos os olhos e em todos os gestos, a desesperança, a resignação dolorosa e um inexprimível desejo físico de que aquilo acabe, para descanso e alívio dos que ficam.

Já era preciso fazer quarto. Havia sempre, a qualquer hora da noite, alguém acordado, imóvel numa poltrona, junto da cama, ou caminhando a passadas surdas, em pontas de pés, ministrando os remédios à luz mortuária do gás em lamparina, ao monótono tique-taque do pêndulo.

Paulino passou algumas noites nesse piedoso encargo. Corina, quando dormia algumas horas, era sempre vestida, no próprio quarto do doente, estendida num canapé ou recostada numa poltrona; e o médico contemplava-a a dormir tranqüilamente, respirando leve, com os braços frouxos, rendidos de fadiga, e, para que melhor dormisse, aconchegava-lhe a almofada, velava a claridade com algum objeto, abafava todos os rumores.

Uma vez, estando ele a arranjar-lhe a almofada, prestes a deslizar-lhe de sob a cabeça, ela despertou num sobressalto nervoso, com os olhos dilatados; e, vendo em sua frente Paulino, que não tivera tempo de escapar-se, sorriu-lhe ternamente e, apertando-lhe as mãos com força, exclamou com voz abafada e uma expressão inefável.

— Obrigada!

Conversavam longamente, em voz baixa, interrompendo-se com freqüência para acudir ao enfermo, que respirava com dificuldade, o busto alto, amparado por uma pilha de travesseiros.

Sentavam-se no canapé, muito aconchegados os corpos, para se poderem ouvir naquele segredar cauteloso, e os seus hálitos confundiam-se, e as mãos tocavam-se. Nenhuma referência direta aos sentimentos que os ocupavam, um a respeito do outro; mas no muito que se diziam acerca de terceiros, algo havia sempre, indireto e velado, de alusivo esses sentimentos. A paixão, como planta doentia e funesta, medrava naquele ambiente de morte, sinistro e mudo.

Quando Corina dormia, Paulino com os olhos espalhados amorosamente sobre o seu rosto pálido e bonito, sobre o corpo sadio e esbelto, perdia-se em cismas absurdas, em devaneios loucos... Inquiria do acaso ou da Providência por que motivo devia haver entre ele e aquela mulher — justamente a única que amara e amava — um muro de ferro insuperável; por que lhe era vedado ser feliz no mundo

— ignorante do crime que podia ter produzido aquela condenação... E, na imobilidade em que se conservava, sentia impulsos violentos na vontade para arrebatá-la nos braços daquela bela criatura dormente e ir gozá-la muito longe, num recanto obscuro e não sabido, saciando assim a sua fome instantânea de felicidade. Mas... Fernando? Que louco, e que miserável era!

Desejar a mulher do seu melhor amigo, de que lhe fora como pai! Não; não devia cobiçá-la... mas que importava cobiçá-la, uma vez que lho não dissesse, que resistisse sempre, estoicamente, com o coração esvaído, a esse desejo inconfessável?

Que martírio o seu! Quantas vezes resolvera e tentara inutilmente fugir-lhe! Como que havia um secreto espírito maligno, dir-se-ia um demônio escarninho e implacável, a frustrar todos os seus planos de salvação, a destruir-lhe todas as armas de defesa, a preparar-lhe lentamente a queda inevitável!

E enquanto o amor lhe trabalhava o espírito, a morte trabalhava o corpo do conselheiro, entorpecido de coma, com a triste cabeça hirsuta e pálida de asceta, apagando-se nas sombras do quarto.

Uma noite, Paulino e Corina velavam no canapé, um ao lado do outro, conversando baixo. Mas o cansaço foi vencendo a moça; o corpo decaiu-lhe para o lado do médico, a cabeça apoiou-se-lhe ao ombro, as mãos tombaram no regaço; adormeceu. Paulino sentiu um frêmito profundo de volúpia correr-lhe todo o corpo, nervo a nervo; mas o busto de Corina, mal apoiado, inclinou-se, deslizou para os seus joelhos; cingiu-o nos braços, acomodou no colo, com uma almofadinha, a cabeça adorada e, trêmulo, ardente, a boca seca, alucinado de desejos lúbricos, ficou imóvel, contemplado-lhe o sono, devorando-lhe com os olhos ansiosos a boca entreaberta e a curva de um dos seios brancos e redondos, que o roupão, desabotoado em uma casa, deixava entrever.

Se alguém os visse, se alguém os surpreendesse?... Mas não...

A mulher do conselheiro dormia ruidosamente no gabinete de toalete, ao lado, prostrada de fadiga. Um momento houve em que Paulino não se pôde conter; levou delicadamente a mão trêmula ao roupão branco, soltou outro botão, e afastou o estofado. O seio, entrevisto antes, apareceu todo nu e uma parte do outro... dois globos claros, pequenos, firmes... quase virginais! E deles subia, como um incenso, um cheiro suavíssimo de carne amorosa.

Paulino tinha a cabeça baixa e as mãos abertas no ar, num desejo febril de beijar, de apalpar, de sentir nos lábios e nas mãos o calor e a maciez daqueles seios lindos, daquela pele moça, cheirosa e branca... Por fim, não pôde conter-se, afastou as mãos com esforço, como se lhe custasse a dominá-las, e, abaixando a cabeça sobre o rosto da moça, beijou-a na boca.

Ela estremeceu, despertou sobressaltada e, vendo fitos sobre seus olhos e entreabertos sobre seus lábios os olhos e os lábios de Paulino, cingiu-lhe o pescoço com os braços, atraiu-lhe a cabeça e, estreitando-se toda ao busto dele, colou-lhe a boca à boca num beijo quente, fundo, demorado, num beijo de perdição.

Mas o conselheiro gemeu e remexeu-se na cama; parecia pedir alguma coisa. Paulino e Corina ergueram-se imediatamente e correram a acudir-lhe.

Dia a dia os sofrimentos do infeliz tornaram-se mais atrozes. A agonia foi interminável, consternadora; a circulação foi se embaraçando e entorpecendo hora a hora, lentamente o sangue ia se coagulando nas veias à proporção que a força valvular do coração ia diminuindo, e a dispnéia e a sufocação cresciam horrivelmente.

Era um morrer gradual. O quarto, apesar de todos os cuidados de asseio, exalava um fétido estranho e forte, vindo da cama em que aquele organismo se decompunha progressivamente, em vida, deixando nas roupas do leito e passando ao ar secreções e exalações acres. Por fim, o período do estertor começou; mas foi longo, pungentíssimo. Aquele som cavo, áspero, entrecortado como o de um maquinismo ferrugento, funcionando à força de pulso, e que interrompiam gorgolejos e engulhos, enchia o quarto, os corredores, as salas, toda a casa, ouvia-se de qualquer ponto dela. Era um rumor sinistro, impertinente, horrível!

Nos últimos dias, e sobretudo no derradeiro, as portas e janelas estavam abertas de par em par; as visitas entravam e saíam francamente, sem serem mais recebidas ou acompanhadas por alguém da casa. Muitas chegavam, viam o moribundo e saíam sem que fossem percebidas. Esperava-se o desenlace a todo momento; e esse momento não chegava.

O dr. Paulino, interrogado, não pôde determinar com precisão a hora do passamento. Julgava que seria à meia-noite, e amanhecia mais um dia sem que o desgraçado se houvesse libertado daquele resto miserável de vida.

Tratou-se do enterro, do funeral e dos convites com tempo, demoradamente. Chiquita, que a princípio chorava bastante, parecia agora resignada ao seu infortúnio e tratava, com tristeza mas sem confusão, dos aprestos fúnebres.

As pessoas ocupadas a encher os convites interrompiam o trabalho, noite adentro, para tomar café, e, mais de uma vez, para correr ao quarto, supondo que o conselheiro já houvesse expirado.

Quando ele, finalmente, extinguiu-se, às cinco e meia da madrugada, sem uma contração de face, na qual duas grossas e longas lágrimas escorriam dos olhos vidrados, murchos no fundo das órbitas ósseas, tudo está pronto — enterro encomendado, convites sobrescritados, anúncios redigidos.

Um portador foi logo levar a notícia aos jornais, para ser afixada em boletins à porta; outro foi enviado à Santa Casa para pedir o enterro para as quatro horas da tarde, levando o atestado de óbito, passado pelo dr. Paulino José de Castro; um terceiro, ainda, para avisar Fernando, que se havia retirado às 11 horas da noite, receoso de deixar a casa entregue só aos criados.

Chiquita Prestes teve um violento ataque de nervos, conquanto preparada de há muito para aquele transe medonho. Mas passada a crise, voltou à anterior serenidade; e era com um sorriso contrafeito e doloroso que respondia às condolências banais das amigas e às consolações estúpidas que lhe dirigiam.

— É o caminho de nós todos — suspirava uma velha. — Que se lhe há de fazer? Todos nós temos de passar por isto, mais dia menos dia. O senhor conselheiro era um santo homem e vai fazer muita falta, decerto; mas não podemos ressuscitá-lo com as nossas lágrimas. Não se adianta nada em chorar, minha senhora. Resigne-se com a vontade de Deus.

Um dos amigos fumava no quarto mortuário, para evitar qualquer infecção. Outro aspergia tudo de água fenicada, depois de bem molhadas com essa solução anti-séptica as roupas do cadáver e as da cama. Paulino fechou-lhe os olhos e a boca, unindo os maxilares com uma fita preta e larga, que atou sobre o alto da cabeça. Corina, de joelhos, com a cabeça encostada ao leito sobre um braço dobrado, chorava ininterrompidamente, apertando uma das mãos do morto. As flamas altas dos círios amarelevavam na claridade branca e radiante do dia recém-nascido.

Fora, na rua, ouvia-se a atividade da população mourejante: sonidos de campainhas de bondes, pregões de quitandeiros, rolar de carros, gritos indistintos. Num piano da vizinhança rompeu, estrepitosamente, a polca da moda.

Na sala de jantar, tomavam café com biscoitos. A viúva já vestida de preto, com os peitos copiosos colhidos no espartilho, sem mais vestígios do desalinho descurado de há pouco, pronta para receber com decência e gravidade os pêsames de pessoas de importância, mostrando na palidez das faces moles e nas olheiras pisadas a fadiga e o pesar, tomava melancolicamente uma chávena de leite, ouvindo com um ar distraído as mesmas banalidades de uma das tais amigas velhas. Era uma parda esquelética, de cabelos ralos e grisalhos, de mãos nodosas e longas, com poucos mas vorazes dentes. Enquanto abeberava no café com leite um pedaço de pão e acabava de mastigar o bocado anterior, dizia com voz plangente, arrastada, insuportável de falsidade:

— Coitado do conselheiro! Tão bom homem!... Sinto tanto a morte dele como se fosse sua irmã... Mas a gente que é que adianta em se desesperar? A vida é assim mesmo. E a gente se resignar com a vontade de Deus!

E atafulhava o pedaço de pão inchado e escorrente de café com leite nas profundezas negras da grande boca, escancarada com avidez.

CAPÍTULO XIII

O CRIME

Havia três dias que Fernando partira para o Rio da Prata com o fim de fazer contratos com os principais criadores para os fornecimentos necessários à sua grande empresa de introdução e corte de gado platino no Rio de Janeiro e de colocar nas praças de Montevidéu e Buenos Aires a parte a elas reservada do capital da companhia. Era um negócio gigantesco, no qual esperava o arrojado industrial ganhar rios de ouro.

Dona Sinhá — a quem aliás aquela viagem tentava, segundo dizia — não acompanhou o marido aterrorizada com a passagem do mar, certa de que enjoaria atrozmente. Fernando não insistiu no convite. Ia a negócios e não a passeio, e por isso talvez não pudesse proporcionar à esposa todas as diversões e recreios das duas capitais sul-americanas, explicava. A verdade é que desejava viajar escoteiro, sem os grandes embaraços que traz a companhia de uma senhora; dessa forma, estaria mais livre para o trabalho como para o prazer.

Partia tranqüilo, porque Paulino prometera olhar-lhe pela casa e pela família durante a ausência, que não devia passar de 30 dias.

O médico, quando o amigo, à mesa do jantar, lhe comunicou a notícia da viagem e lhe fez aquele pedido, recebeu um choque tão forte que o garfo lhe caiu dos dedos sobre a borda do prato. E pensou logo, frio de medo, no tal demônio escarninho que às ocultas se divertia em preparar e conduzir tranqüilamente a obra da sua perdição.

Esteve para escusar-se, para alegar impossibilidade, para inventar uma viagem súbita, qualquer coisa... Mas compreendeu logo que seria inútil, porque Fernando havia de insistir até conseguir resolvê-lo a ficar em casa até o seu

regresso. Calou-se, portanto, resignado, invadido de um terror indizível, acabrunhante.

Corina, em cujos olhos passara um fugaz lampejo de júbilo, disse apenas ao marido, com um sorriso:

— Estava eu bem servida se contasse com a companhia dele, bem sabes que pouco para em casa: a sua clínica não lhe dá tempo para isso, sobretudo a do belo sexo. Mas conto com a companhia de mamãe, que não me deixará enquanto durar a tua viagem.

E voltando-se para a viúva:

— Não é verdade, mamãe?

— Talvez... — respondeu a viúva, limpando com cuidado os lábios vermelhos, no guardanapo — se essa viagem não for muito longa, porque eu, afinal, preciso voltar para minha casa.

Desde a missa de sétimo dia que a viúva do conselheiro Prestes estava em casa da afilhada para fugir à fúnebre solidão da sua, povoada pelas lembranças dolorosas do marido; ia isso já em dez dias. No seu rosto gorducho nenhum vestígio mais da grande dor recente, e o preto ia-lhe bem.

A idéia de que Corina não ficava sozinha tranqüilizou bastante a Paulino, sem deixar, todavia, e sem que ele soubesse por que, de contrariá-lo um pouco.

Encantadores aqueles três primeiros dias da ausência de Fernando. Chiquita era uma prosa admirável; tinha uma grande verve, estava constantemente alegre e sabia infinitas histórias, casos, anedotas de pessoas conhecidas e da corte da ex-imperatriz, de quem tivera a alta honra de ser dama de honor. Conversava como um rapaz, sem pruderies, abordando sem temor e com rara habilidade os assuntos mais escabrosos. Lera todos os livros eróticos famosos e mesmo alguns mais que de simples amor: de pornografia galante.

Na situação de Paulino e de Corina não podia haver companhia mais perigosa e terrível que a da Chiquita Prestes: era uma espécie de afrodisíaco moral, insinuante, perfidamente suave, mesmo porque ela não conversava de outra coisa senão de amor e de amores. Devia ser de uma sensaboria mortal nas conversas e reuniões do Paço, onde não podia conversar do assunto único de que entendia e gostava, a não ser que houvesse verdade nos antigos e tenazes boatos de relações da camarista com alguém, porque, nesse caso, encontraria ela no próprio Paço ensejo de exercer a sua eloquência especial.

"Nesta vida só há uma coisa boa e real, meus filhos: é o amor", repetia freqüentemente aos seus dois interlocutores, que a não contradiziam.

Mas as noites eram ainda mais agradáveis quando também estava Santinha. Pode-se imaginar facilmente a frescura e o picante dessas confabulações. Eram continuamente pontuadas de gritinhos e exclamações de espanto e cortadas de risos demorados, principalmente quando o médico se afastava para qualquer coisa, porque então contavam-se episódios ou faziam-se comentários que na sua presença o pudor obrigava a calar.

Com a sua grande prática e a sua perspicácia em tal matéria, percebera a viúva de há muito que havia qualquer coisa entre a afilhada e o médico, e logo no primeiro dia que ali passou pôde avaliar o grau de adiantamento dessa mútua inclinação. Nada deixou perceber da sua descoberta, mas resolveu não atrapalhá-

los. Eram moços, fortes, bonitos e amavam-se: que se arranjassem! Não seria ela quem o impediria. Ora! Não há coisa melhor na vida! O marido? Que tinha lá isso? O que se não sabe não existe e quem não goza é tolo. Ela gozara o quanto pudera e não se considerava ainda nenhum peixe podre. Por que havia então de impedir que os outros fizessem o mesmo? Ao contrário, havia de favorecer aquele casal de pombos no que lhe fosse possível.

Tal era a moral dessa matrona e tal fora a resolução por ela tomada em relação ao romance amoroso que a seus olhos se desenrolava.

Assim, pois, a sua presença, longe de ser um estorvo, era um estímulo — mais um meio inventado pelo famoso diabrete invisível para perdê-lo, pensaria Paulino, se já pensasse em alguma coisa que não fosse morrer de amor por aquela mulher deliciosa. Mas, como era instintivamente honesto e leal, não procurava encontrar ocasiões nem aproveitar as que a ação combinada e misteriosa do acaso e da viúva lhe proporcionava.

A sua situação era comparável à de um homem de sociedade que se excede a beber num dia de grande júbilo: sabe-se ébrio, não reage contra o seu estado, porém na inconsciência dos atos que pratica não lhe escapa uma palavra inconveniente, nem um gesto obsceno. Inteiramente embriagado de amor, excitado pelas conversas da viúva, guardava Paulino, entretanto, a sua correção de cavalheiro e não pensava em aproveitar-se da situação propícia em que se encontrava: o demoninho que o perseguia ainda tinha que suar um pouco mais os chavelhos para cantar vitória.

Quanto a Corina, o seu trabalho estava concluído: Santinha e Chiquita haviam tudo preparado; aquela, de longa data, com instigações diretas e conselhos prolectos; esta com a educação que dera à filha adotiva e agora com a sua condescendente cumplicidade indireta.

Da última vez que a mulher do Viriato lá estivera, tinha-lhe dito:

— É agora, menina. Atira-lhe o grande golpe: é infalível, hás de ver.

Uma tarde, ao sentar-se à mesa para jantar, notou o médico a ausência da viúva, e como visse Corina servir a sopa perguntou por ela.

Fora a casa para arejá-la e reunir uns papéis do marido.

— E demora-se?

— Três ou quatro dias apenas — respondeu Corina, com um sorriso e um olhar em que louquejava uma alegria irreprimível.

O jantar correu frio; pouco falaram, constrangidos.

— Que falta nos faz mamãe, não é?

— Realmente, se ela é tão alegre, tão comunicativa!

— Uma verdadeira criança. Sempre a conheci assim.

Depois do jantar entretiveram-se, como de costume, em passear longamente na chácara, mas não de braço, desta vez, por conservar-se Paulino sempre um pouco afastado à noite fizeram música; cantaram um dueto do Fausto, conversaram banalidades...

Paulino estava visivelmente agitado, trabalhado pelos seus nervos. Sentia-se febril, tinha arrepios estranhos e uma espécie de languidez invencível nos braços,

uma vontade de espreguiçar-se, como em geral sucede quando a gente sente aproximar-se um grande acontecimento desejado, mas que se ignora como há de vir, que forma há de ter. Sentia-se mal.

Às nove horas Corina, que na volta da chácara se havia queixado de um começo de enxaqueca, disse-lhe que se sentia indisposta, com dor de cabeça. Paulino aconselhou-lhe que tomasse um pouco de chá de folhas de laranjeira com umas gotas de água de melissa e se recolhesse, e despediu-se, indo para o belvedere. Mas não se despiu nem pensou em deitar-se, dispensando Os serviços do Alfred.

Passeou pela sala, fumou, folheou revistas, livros, álbuns. Pensou em descer para a cidade, à toa. Mas lembrou-se de que Corina estava adoentada: era imprudente deixá-la só. E se fosse saber se estava melhor? Que idéia! Mas não sossegava.

Veio para a janela, buscando ver se havia luz no quarto da moça; mas o arvoredado encobria aquela parte da casa. Deixou-se estar debruçado, respirando o ar fresco da noite, muito sombria. O pequeno relógio despertador bateu 11 pancadas no quarto de dormir.

— Tão cedo ainda! — exclamou o médico, com desgosto.

Mas pareceu-lhe que uma luz vinha subindo do chalé para o belvedere; e não se enganava. Um vulto, com uma lanterna, chegava à porta.

— Quem é? — perguntou de cima, debruçando-se todo.

— Sou eu, seu doutor — respondeu a voz de Maurícia. — Vim chamar vosmecê, porque sinhazinha está muito incomodada.

— Já vou.

E Paulino desceu logo, apanhando um boné e esquecendo-se de fechar o bico ardente do gás. Maurícia precedia-o, alumando. "Meu Deus, que será?", perguntava-se Paulino, muito angustiado, temendo alguma coisa grave. Entraram pela cozinha, sem ruído. A porta do quarto estava entreaberta, vendo-se dentro uma luz branda e dormente. Paulino parou à porta... hesitante; mas Maurícia dizia:

— Está aí seu doutor, Sinhá; — e ele entrou.

Corina estava deitada sobre a cama intacta, mas já em toalete de dormir — um roupão de cambraia branca, guarnecido de rendas, meio decote, mangas soltas e abertas, descobrindo os braços. Tinha sobre as pernas uma colcha de lã, desdobrada a meio. Estava com o tronco apoiado às almofadas, e o rosto voltado para numa atitude de espera. Junto da mesa de cabeceira havia cadelinha baixa e dourada. Paulino deixou-se cair sentado ela, com um quebranto nas pernas.

— Então, que sente? Que tem?

— É a minha enxaqueca, penso eu. Estala-me a cabeça. Vomitei o jantar. Não posso dormir, estou nervosa...

Aos dedos enfebrecidos do médico o braço da moça pareceu gélido e o pulso quase apagado, a testa igualmente fria. Acreditou que era de fato uma nevralgia violenta do cérebro, com depressão da temperatura.

— Vai melhorar já; não é nada. Tem ai antipirina inglesa? Se não tem, vou buscar lá acima.

— Tenho sim, mas espere um pouco. Talvez eu melhore sem isso. Não me faria bem uma xícara de café bem forte e bem quente⁹

— Sim, talvez.

Corina mandou a criada fazer o café. Maurícia saiu encostando a porta.

Estavam sós; ele, sentado na cadeira baixa, com a cabeça próxima da moça, que o olhava, sorrindo, com seus grandes olhos úmidos; tinha entre as suas mãos uma das dela e não dizia uma palavra, receoso de que a primeira que lhe saísse dos lábios fosse a única que não devia nem queria dizer.

— Não se tinha deitado ainda quando a rapariga foi chamá-lo, decerto, visto que veio tão depressa — murmurou ela.

— Não; estava à janela, tal como daqui saíra.

— E em que pensava?

— Eu? Em nada.

— Mentiroso! Pensava em mim, não negue: pensava em mim.

— Pois bem... pensava... em ti! — murmurou ele com voz sumida.

Corina com o braço livre tomou-lhe a cabeça, achegou-a ao seio ofegante e beijou-a nos cabelos, sem dizer nada, conservando-a assim alguns momentos. Todo o cheiro delicioso daquele seio mal velado, estuante de desejo, subiu à cabeça do médico, enchendo-a de uma luz suave, gradualmente mais clara, mais alucinante de alegria, como a alvorada de um dia primaveril invadindo um moital espesso e acordando a passarada gárrula. Era a loucura da felicidade... Quantos beijos se deram, ardentes, soltos, nos olhos, nos lábios, nas faces, nas mãos, nos cabelos!

— Espera! — disse de repente Corina. — É a rapariga.

Maurícia entrava com uma chávena de café fumegante numa bandeja.

— Olha, Maurícia, podes deixar isso aí e vai descansar. Chamar-te-ei quando seu doutor tiver de sair.

A criada retirou-se, dizendo que se Sinhá precisasse era só chamar, porque ela ia cochilar um bocado na sala de jantar, numa cadeira.

Quando a viu sair, Corina sentou-se na otomana de damasco que estava à direita do leito, atirando para as costas com um gesto da cabeça os cabelos soltos, apenas presos por uma fita, ao meio. Paulino ajoelhou-se, como impelido por uma força estranha, e, passando os braços na cintura da moça, com o peito unido aos seus joelhos, ergueu para ela a cabeça e entrou a murmurar, como em uma oração, três, dez, vinte, cem vezes:

— Amo-te! Amo-te! Amo-te! Amo-te!

A porta bateu de leve, impelida pela aragem, vinda de fora. Corina correu a fechá-la pisando com os pés nus o tapete persa do soalho, alto e macio como um tabuleiro de relva.

Quando voltava da porta viu sobre o mármore da mesinha da cabeceira a pequena bandeja de charão com a xícara de café.

— Olha o meu remédio! — exclamou, rindo. Vamos tomá-lo de sociedade?

E os dois tomaram o café, ora aos goles, um, ora outro; e ela, quando bebeu o último trago, limpou os lábios úmidos ao lenço do amante, tirando-lho do bolso externo do paletó.

Corina estava de pé, com os cabelos meio soltos, corada, risonha, resplandecente nas suas vestes brancas, banhadas em cheio pela luz do gás, na nitidez dos seus dentes, no viço triunfal da sua mocidade... Paulino, fremente, a garganta e a boca ressequidas, os olhos dilatados, ardentes de um fogo sombrio, abraçou-a a plenos braços, perdidamente, num ímpeto de molas de aço, e, tendo-a unida ao peito, quase suspensa do chão, tentava levá-la para a otomana; mas a moça, pressentindo-lhe a intenção, e, temendo àquela idéia, de uma repugnância instintiva, de um como terror subitâneo, enteiriçou-se num violento esforço de todos os músculos e, partindo a cadeia formada pelos braços do médico, soltou-se, fugiu-lhe, foi refugiar-se num canto do aposento, caindo sobre um pufe de seda. E murmurava, cobrindo o rosto com as mãos:

— Não, não, isso não, Paulino... Não posso, não quero...

Mas Paulino estava de tal modo excitado, louco de paixão e desejos, que naquela ocasião não recuaria nem mesmo diante da sua própria consciência corporificada num anjo vingador, empunhando uma espada de chamas.

Ele foi ajoelhar-se-lhe aos pés, cobriu-os de beijos, prostrado como um maometano que oscula o limiar da mesquita. Depois, debruçou-se-lhe ao regaço, com a cabeça erguida para o seu rosto, que empalidecia, prendendo-lhe as mãos, falando-lhe baixinho, longamente, ardentemente.

Corina, que havia preparado com calma a ocasião e o cenário da própria queda, sem uma revolta de pudor, numa absorção de toda a sua inteligência e de toda a sua vontade no desejo apaixonado de entregar-se àquele homem, de cujo amor sentia o calor e o perfume capitoso... chegando o momento desejado, previsto, sonhado... sentia acordar violentamente em todo o seu ser, no fundo de si mesma, uma força não sabida, que a requeimava intimamente, e lhe dava o desejo imperioso de fugir ao contato daquele homem, como se fora um monstro. Era o pudor, era o respeito de si própria, que despertava imperioso, forte, intato, numa revolta soberba. Todas as ousadias e petulâncias da coquete desapareciam ao primeiro contato brutal do homem que não era o companheiro que a lei lhe dera e a cujo corpo a convivência longa a habituara; e uma vergonha imensa, amargurada, enchia-a de pejo, de raiva, de lástima...

Mas Paulino sentara-se na otomana, ao seu lado; tomou-lhe a formosa cabeça, pousou-a sobre a sua larga espádua e pegou de beijar-lhe levemente, docemente, os olhos cerrados, as faces pálidas, os lábios frios e trêmulos. Não sei que frase feliz, de fino espírito, murmurou Paulino, que a moça sorriu-se e voltou para ele os olhos, exclamando um oh! Meio de censura, meio de aprovação.

Paulino, então, aproveitando o ensejo, ergueu-lhe o corpo macio, docemente cálido, sob as cambraias finas, e sentou-a sobre os joelhos; estreitou-lhe o busto, em que fremiam os últimos gestos de resistência, e colou-lhe a boca à boca.

Depois as mãos de Paulino, impacientes, férvidas, encontraram os seios tépidos e túrgidos da moça e enlouqueceram. Ela fez um movimento brusco para fugir-lhe...

Com esse movimento, o corpo de Corina deslizou dos joelhos de Paulino; este, para ampará-lo, teve de acompanhá-lo, enlaçando-o fortemente, e rolaram para o tapete, abraçados, unidos, fundindo almas e corpos num só beijo, num só gemido, num só delíquio.

CAPÍTULO XIV

O DESPERTAR

No dia seguinte, às nove horas, Paulino, tendo-se recolhido às quatro da madrugada, foi saber, como era natural em um médico solícito, como a doente passara a noite.

Estava deitada, com os olhos cerrados; mas o cheiro de águas de toucador que enchia o quarto, já bastante claro, indicava que Corina já havia feito a sua primeira toailete, o que também se reconhecia no alinhamento dos cabelos e na frescura da pele: preparara-se para recebê-lo.

Maurícia, que introduzira o médico, ainda se conservava no aposento. Com a onda mais forte de luz que saltou de uma janela descerrada pela criada, Corina abriu os olhos e mostrou uma ligeira surpresa: vendo o médico; mas o que neles havia realmente não era surpresa: era alegria, alegria! Uma alegria infinita, inefável, completa capaz de todas as loucuras.

— Como passou a noite a minha gentil doente? — e estendeu-lhe a mão.

— Melhor, doutor, muito melhor — respondeu ela com uma voz propositalmente enfraquecida, mas que lhe saía de um sorriso delicioso, todo pérolas e rosas; e, dissimuladamente, para que Maurícia não visse, estreitou e cobriu de beijos a mão do médico. Dai a momentos a criada saía para ir buscar o primeiro almoço.

Paulino sentou-se no leito e houve, logo, para abrir o dia, um renhido tiroteio de beijos.

— Sabes? Eu tenho um plano soberbo para hoje — disse Corina. — Ouve. Continuo doente e por isso não saio do quarto; e tu ficas para tratar-me. Almoçaremos e jantaremos aqui, em tête-a-tête... Sim? Sim? — E, segurando-o pelas espáduas, beijava-lhe em cheio, a plenos lábios, os olhos e a boca, inebriando-o, seduzindo-o.

— Mas, meu amor, todo o dia não posso... E os meus clientes? E o consultório?

— E se tu estivesses doente? Heim? Não os deixavas do mesmo modo?

— Mas não estou; e o meu dever é...

— O teu dever é amar-me; entendeste? — e beijava-o sempre, sofregamente.

Mas Paulino defendia-se; apesar da sua profunda e irremediável ebbriez, não podia conformar-se à idéia de faltar aos seus deveres.

— Olha, meu amor, não vês que daria muito na vista passar o dia inteiro no teu quarto?

Corina refletiu um momento, e voltou:

— Tens razão; precisamos ter toda a cautela. Modifico o meu plano. Almoçamos juntos; depois desces, corres os teus doentes e voltas. Jantamos; às nove horas sai para o belvedere e voltas às 11, sem que te vejam, para os meus braços. Desta forma ficarão salvas as aparências.

Paulino aceitou, sem nada objetar. Era singular a facilidade com que começava a sua nova existência de embustes e dissimulações, sem experimentar repugnância pelo papel que lhe cabia desempenhar, por seu turno, na velha comédia do adultério.

Estava alegre, expansivo, leve; sentia-se um homem novo, forte, são, ávido de vida. Tinha a sensação geral de uma estréia.

Como que nascia moralmente, quase que fisicamente também. Dir-se-ia que com a posse da mulher amada o seu corpo adquirira a parte que lhe faltava para completar-se, e a sua alma a faculdade única que ainda não tinha. Aquele amor era uma integração. Começava a sentir a sua razão de ser na existência do universo; a sua presença sobre a Terra e a sua função na humanidade explicavam-se. Amava e era amado! Esse fato definia o indefinível, positivava o incognoscível; explicava tudo — ele, o mundo, a vida...

As emoções morais e o dispêndio nervoso da noite anterior, longe de fatigá-lo, haviam-no tonificado, comunicando-lhe ao sangue uma frescura, aos músculos um vigor e aos nervos uma paz que não conhecera nunca. Sentia-se viver e sentia-o com um prazer inefável.

O almoço em tête-à-tête, servido sobre uma pequena mesa, ali mesmo, no aposento, foi uma delícia.

As poucas horas que passou na cidade pareceram-lhe intermináveis. Voltou ansioso, trazendo à sua amada as mais belas violetas que pôde encontrar. Para não despertar suspeitas, jantaram na sala, mas ainda assim em perfeita intimidade. Tocavam-se com os pés, sob a mesa, quando havia algum criado, e beijavam-se mutuamente nas mãos, quando estavam sós. Tinham necessidade de tocar-se, de sentir-se unidos fisicamente, a todo instante.

Paulino não tinha outro pensamento senão aquela mulher; mas tinha-o exclusivo e absorvente, não lhe deixando tempo para nenhuma outra idéia. Era uma perfeita obsessão. Quando a não via, desejava-a com impaciência iniludível, em uma ânsia insuportável; e quando lhe estava junto precisava dizer-lhe, a todos os instantes e por todos os modos, que a amava que a amava desde o primeiro dia em que a vira. E repetia-lhe a miúdo, seriamente, com voz grave:

— Olha, Corina, cedendo a este amor culpado, a primeira coisa que fiz foi renunciar à vida. Ela pertence-te; dei-ta com o meu primeiro beijo. No dia em que o teu amor e a minha vida tiverem de separar-se — mato-me porque o teu amor e a minha vida formam um ser único... Ouviste bem?

Corina, porém, acolhia essas palavras sérias, quase tristes, com o seu ar inquieto de borboleta, sem lhes ponderar o sentido, toda entregue à sua felicidade física, sentindo o seu temperamento cálido e sensual satisfeito amplamente.

Com o fim de afastar suspeitas, encontravam-se fora de casa, para se possuírem em liberdade. A boa dona Miquelina foi aproveitada. Era na sua alcova pobre, na sua velha cama poluída por amores de ocasião e pelo dinheiro do aluguel, que se amavam mais vezes. Mas, por fim, à alma caprichosa e à fantasia trêfega de Corina aquela pobreza torpe repugnou; pediu ao amante coisa melhor, mais digna deles. Paulino, que só queria a ela, ao seu corpo olímpico, pouco lhe importando a moldura, e a quem aquele retiro calmo e seguro encantava, não cedeu sem pesar á vontade de Corina. Propôs-lhe passarem uma noite no Jardim Botânico, num dos pavilhões do Campesino, o famoso restaurante dos encontros galantes.

Ela diria em casa que ia dormir com a madrinha; ele avisaria o Alfred que passaria a noite chez Madelon e, assim, teriam toda a tarde e noite para se amarem livremente, em sossego, em pleno campo. Corina aceitou a idéia com palmas e gritinhos de alegria e pagou-lha com beijos sem conta.

Às cinco horas da tarde Paulino entrava no largo do Machado em um cupê de estores baixados, no qual o esperava Corina; entrou rapidamente, batendo com a portinhola, com cuidado. E o cupê misterioso rodou velozmente para o Jardim. à porta deste apearam-se; e Paulino despediu o carro, dizendo ao cocheiro que voltasse a buscá-los no dia seguinte às oito horas da manhã, devendo esperá-los no mesmo ponto.

Entraram; passearam longamente, ela apoiada com languidez ao braço dele, amolentados ambos pela tristeza da hora; e os seus vultos unidos perdiam-se longe, pequeninos e nítidos, no fim da rua admirável de palmeiras, inteiramente deserta. Mas anoitecia e o apetite apertava. Retrocederam, entraram no jardinete do Campesino e, tendo Paulino mandado servir o jantar, foram esperá-lo no pequeno pavilhão alugado para aquele dia.

Corina, com os seus hábitos de coquetismo e de asseio, havia arrumado e levado numa malinha de couro da Rússia e fechos de níquel um necessário de toalete e alguns arranjos para a noite. Entrando no quarto, cujas quatro janelas estavam abertas, depôs a maleta, o leque e a sombrinha sobre a cômoda, em frente à cama larga, feita de fresco, com o seu cortinado de filó, muito encardido das dejetões das moscas, enfeitado com uns laços de fita desbotados.

A mesa para o jantar estava pronta; sobre a toalha branca dois talheres, duas baterias de copos de várias cores, e os hors d'oeuvre — azeitonas brancas enormes, manteiga fresca, anchois, rabanetes.

— Ah! Como se está bem aqui! Como é chique! Isto sim; não é como aquela pocilga da Miquelina.

Daí a pouco entrava um garçom corretamente encasacado. Foi uma lembrança feliz de Paulino a casaca e a gravata branca do garçom, porque Corina ficou encantada com esse detalhe chique, pensando logo em Paris.

O jantar, cujo menu Paulino escolhera com arte, foi um encanto. Corina estava radiante, e nos seus lábios róseos sumia-se facilmente, entre risos, o âmbar líquido do champanha, que os lábios de Paulino vinham às vezes disputar-lhe, sorvendo-o avidamente.

Findo o jantar e para que o criado retirasse o serviço de mesa e arrumasse o quarto, foram dar um passeio pela rua deserta ele com o charuto aceso, ela, meio aturdida pelos vinhos, com um quebranto lânguido no corpo e uma alegria excessiva na alma, rindo a propósito de tudo e obrigando Paulino a parar, para beijá-lo ali, ao

fresco da noite silenciosa, à luz amortecida dos astros. Ao fim de meia hora voltaram.

O quarto estava em ordem, apresentando um aspecto de limpeza na banalidade dos seus velhos trastes de mogno. No chão, ao lado do jarro e do balde de folha, que completavam o serviço de porcelana do toucador, havia um bidê de folha pintada: muitas toalhas, num cabide, já puídas do uso, cheirando a sabão ordinário. Sobre o tapete esfarripado uma escarradeira de louça partida. Um bafio de mofo; o gás ardia com uma chama amarelada e piscante nos dois globos poentos das arandelas.

— Que luz forte! — dissera Corina, ao entrar.

Paulino fechou um dos bicos, deu volta à chave da porta, encostou as venezianas e, voltando-se para Corina, que se havia sentado, fatigada, numa cadeira, exclamou:

— Pronto. Podemos deitar-nos.

— Tão cedo! — exclamou Corina relanceando o olhar pelo quarto, e acrescentou:

— Tenho vergonha de me despir à tua vista... Tenho os meus arranjos a fazer antes de deitar-me e falta-me tanta coisa! Felizmente eu trouxe algumas.

Tirou da maleta o necessário de toailete e deste — escovas, sabonete, um espelho, pó de arroz, um vidro de sais, alfinetes, grampos; tirou depois uma camisa de seda cor-de-rosa, de cabeça e ombreiras de renda, um par de meias pretas e outros objetos miúdos.

Paulino ofereceu-se para femme de chambre; ela aceitou, com a condição de que ele sairia por alguns minutos quando a tivesse despido. E ele, com carinho e sem jeito, foi despojando-a aos poucos das roupas, desacolchetando, desabotoando, desamarrando; depois ajoelhou-se para tirar-lhe as meias e cobrir-lhe de beijos os pés. Mas a última saia caíra e Corina fê-lo sair à força.

Quando ele pôde voltar, ao fim de dez minutos, encontrou-a saltando para cima da cama, com a camisa rósea de seda apenas sobre o corpo, dando um gritinho de pudor faceiro. O ar estava impregnado de cheiros finos e capitosos, o chão molhado, uma toalha caída.

Paulino atirou-se para a moça, e, tomando-a nos braços, fê-la descer da cama. Estava louco de paixão; as mãos ardiam-lhe em febre; os lábios estavam entreabertos, secos; os olhos, úmidos de desejo, pareciam maiores... Passou as mãos rapidamente nas ombreiras de renda da camisa e, puxando-a para baixo, desnudou as formas admiráveis da amante. Corina deu um grito, e, interdita, ia a saltar novamente para a cama, para ocultar a nudez nos lençóis, quando viu Paulino ajoelhar-se diante dela, suplicando-lhe piedade com as mãos postas. Ficou, sorriu-se, desvanecida por aquela adoração, e, endireitando o corpo, empinando os seios pequenos e firmes, vitoriosa na sua nudez de ninfa em meio de um bosque nemoroso, exclamou para o amante, cerrando os olhos languidamente:

— Sou tua, tua! Aqui me tens!

E esses dias de ébriez e essas noites de loucura sucediam-se com uma rapidez extraordinária, como simples minutos, assinalados de episódios novos, de incidentes encantadores.

Uma noite Corina exigiu de Paulino recebê-la no belvedere. O médico mandou o criado fazer uma comissão qualquer fora da cidade. Às 11 horas, Corina chegava, envolvida numa mantilha preta e subia as escadas, encantada com aquele cenário romanesco. Foi uma das noites mais agradáveis dos seus amores ocultos.

Passaram-se nesse embevecimento uma semana, duas, três... Fernando não escrevia; telegrafava, apenas, de vez em quando, anunciando à esposa estar de saúde. Corina, por uma intuição sutil, aliás comum nas mulheres, não falava desses telegramas ao amante e respondia logo ao marido para tranquilizá-lo assegurando-lhe não haver novidade em casa.

Nenhuma referência direta faziam a Fernando nas suas conversas, como se a sua ausência fosse definitiva. Uma vez, apenas, em que o seu nome escapou aos lábios dela, Paulino disse com voz um pouco trêmula:

— Não deve estar longe o dia da volta...

Corina disse que não, que ele se demoraria ainda. Mas o médico recebeu dele também um telegrama anunciando o vapor em que embarcaria e soube, assim, do dia em que o amigo devia chegar.

Um frenesi apoderou-se dele, então. Aproveitou avidamente os últimos dias, procurando não perder uma hora da companhia da amante devorando-a de carícias delirantes, quase brutais, como esses infelizes que, sabendo-se destinados a um fim próximo, aproveitam os últimos dias de vida para gozar sofregamente.

Na penúltima noite — Fernando devia chegar dali a dois dias —, Paulino, tendo a amante seminua sobre os joelhos, disse-lhe, com voz firme porém melancólica e uma sombra pesando-lhe sobre a fronte:

— Fernando chega depois de amanhã. Precisamos assentar uma decisão sobre o que tenhamos de fazer. Que resolves-te?

— A respeito de que? — inquiriu Corina com ar admirado.

— A respeito da nossa situação.

— Nada; espero que ele chegue.

— Ah! — fez Paulino; e um ligeiro sorriso amargo acompanhou essa exclamativa seca. — Pois, minha querida, é preciso tomar um partido qualquer. Eu não posso apertar nunca mais a mão desse homem; creio que nem mesmo poderia encará-lo. Ele é senhor da minha vida e receio muito dizer-lho e entregar-lha, logo que ele chegue. Parece que só há uma coisa a fazer antes desse dia.

— Qual? — perguntou Corina, com um receio palpitante nos olhos.

— Partirmos para muito longe, para a Europa, deixando-lhe numa carta a confissão do nosso crime.

— Isso não! — acudiu Corina.

— Por quê?

— Porque eu ficaria desonrada; porque seria um escândalo medonho! Porque as nossas relações ficariam públicas e meu nome coberto de lama. E fugir para que? Se tivermos cautela bastante, Fernando, com a confiança absoluta que deposita em ti, não suspeitará nunca dos nossos amores. E, mais tarde, faremos todos três uma viagem à Europa. Ah! Como seria bom! Como nos divertiríamos!

Paulino ouvia-a pensativo e em silêncio. Por fim, perguntou-lhe ainda:

— E então essa a tua resposta? Não queres fugir comigo amanhã?

— Oh! Filho, para que? Estás louco? — respondeu ela com um sincero espanto na voz e no rosto. E acrescentou:

— Esse golpe mataria Fernando. Tu mesmo me disseste que qualquer emoção forte pode acabar com ele. Seria mais um crime, e inútil.

Paulino, que empalidecera ouvindo essas palavras, fechou a conversa a tal respeito com estas poucas frases, ditas num tom de quem acaba de tomar uma decisão inabalável, que não confessa:

— Tens razão. O que eu te propus era insensato: perdoa-me.

Toda a manhã e parte da tarde do dia seguinte passou-as Paulino arrumando as malas, auxiliado por Alfred, a quem comunicou, obrigando-o a jurar segredo, que iam partir para a Europa, por Santos, mas depois de alguns dias de estada em São Paulo.

Alfred recebeu a notícia com uma satisfação vivíssima: ia pisar de novo o asfalto do seu querido bulevar! Ia rever o Sena, o arco de triunfo da Estrela, a coluna Vendôme, o Pont Neuf; ia beijar de novo a sua querida Ninette, que deixara femme de chambre de uma atriz do Vaudeville!

— Saperlipopette! Que je suis content! — exclamava ele, arrumando com arte e cuidado extremo as roupas do amo.

Paulino, ponderando as dificuldades de ocultar a Corina e aos fâmulos a sua partida por causa da saída das malas, avisou àquela que ia passar uns dias em São Paulo, para ir se afazendo aos poucos à idéia de ver Fernando e de continuar a morar ali. Depois de 15 ou 20 dias voltaria, e os seus amores continuariam, ocultos e felizes, como desejava e propunha a amante — prometeu-lhe. Ela acreditou-o.

Para que Fernando não estranhasse aquela partida súbita, exatamente no dia da sua chegada, deixou Paulino a Corina a seguinte carta: "Dona Sinhá. Um chamado urgente e a que não posso esquivar-me obriga-me a partir amanhã para São Paulo, onde pouco me demorarei. Peço desculpar-me junto de Fernando, a quem abraço cordialmente em espírito. Faço-lhe esta comunicação por este meio e não verbalmente visto o adiantado da hora em que recebi o chamado e não querer incomodá-la tão tarde. Paulino."

A última noite passou-a o médico com a amante no quarto desta; às três horas da madrugada voltou para o belvedere, onde, com grande surpresa, encontrou já desperto o criado, que não pôde reprimir um sorriso malicioso vendo o amo recolher-se àquela hora.

Três horas depois, enquanto Corina dormia profundamente, prostrada de fadiga, sonhando sonhos cor-de-rosa, Paulino, encolhido a um canto de vagão, com os braços cruzados e sombrio o aspecto, seguia para a capital paulista.

CAPÍTULO XV

PARA A MORTE

Paulino tinha resolvido matar-se.

Quando o resolveu? Em que momento se lhe formou no cérebro essa idéia? Quando se transformou ela em volição, e esta em intenção deliberada? Não poderia dizê-lo, não o sabia. A idéia do suicídio surgiu-lhe no pensamento e dele assenhoreou-se, como um hóspede esperado, com o qual se conta, que entra e ocupa o aposento que se lhe havia preparado. Ele vira-a quando Corina recusou fugir com ele para a Europa, antes que Fernando chegasse.

A fuga era uma infâmia que decorria naturalmente, logicamente da primeira, do próprio adultério, e que encontraria atenuantes na presunção do muito amor, da paixão veemente que os unia no crime, de modo irresistível, e na estrepitosa publicidade, na escandalosa audácia com que, fugindo juntos, a confessavam e assumiam a responsabilidade do ato ilícito e das suas conseqüências.

Aquela recusa foi um jato súbito e copioso de luz no cérebro do médico e que o fez ver claramente coisas tremendas, ocultas na sombra até então. Dessas coisas, destacadas fortemente em arestas e contornos duros, na luz crua daquela revelação, as capitais eram — que Corina não o amava, que se lhe entregara como se entregaria a outro qualquer nas suas condições, como se havia de entregar, depois dele, a outros mais, por volubilidade de caráter e perversão moral, por um coquetismo pernicioso, produto da educação e do meio, a que o seu temperamento se adaptara perfeitamente; que ele, Paulino, era um homem desonrado, um infame vulgar, que, por lascívia grosseira, seduz e goza a mulher do amigo, aproveitando bem a sua ausência; e, por último, que devia matar-se.

E de todas essas coisas e outras que então descobriu foi essa última a que ficou, a que permaneceu, nítida, simples, assente. Não precisou discuti-la. Era evidente, irrecusável, boa, necessária como o sol.

Se Corina o amasse e o seguisse com cega obediência, ele a arrebataria ao marido à vista de toda a sociedade, francamente, audazmente, arrostando todas as conseqüências do seu ato, cuja infâmia o amor explicaria, se não justificasse.

Mas havia-se enganado: aquela mulher não o amava, não o preferia ao marido, não queria o amante senão na comodidade vil do adultério, na tepidez do ménage à trois. E esse erro dele era irreparável.

No abismo a que se havia precipitado, cego de paixão carnal, esperara sempre, embora vagamente, encontrar um arbusto resistente, uma ossatura de raiz descoberta, uma saliência de solo a que pudesse agarrar-se, em que pudesse salvar a honra e, portanto, a vida. Mas nada encontrara. Corina era uma adúltera vulgar, que, sensual e medrosa, preferindo tudo ao escândalo e aos incômodos da fuga, convidava-o covardemente às baixezas vilíssimas da traição cotidiana, de todos os instantes, sob o teto conjugal, medrando tranqüila à sombra da confiança do marido enganado. Que surpresa e que nojo! Só lhe restava um partido — matar-se.

Isso ele sentiu, isso viu repentinamente, de golpe, sem raciocinar, por uma espécie de instinto moral. Dir-se-ia que aquela resolução tremenda já a havia ele de há muito tomado e que ela apenas aguardava, completa e pronta, o momento de passar ao estado de fato.

Agora, encostado a um recanto do vagão, braços cruzados, olhos cerrados, aspecto calmo de viajante despreocupado, que a trepidação do trem adormece: agora, que segue rapidamente para a morte, como para uma estação terminal a que um dever urgente e iniludível o impelisse, é que ele reconhece, com espanto, que não amava aquela mulher encantadora senão com a carne, sensualmente, fisicamente apenas. E a prova mais convincente é que, depois de desenganado acerca dos sentimentos dela por ele, depois mesmo de haver resolvido matar-se,

ainda a beijou, ainda lhe pediu e passou com ela uma noite de amor, a derradeira, que não foi das menos ardentes.

Não, se a amasse com a alma, com o coração, espiritualmente, não teria forças nem desejos de gozar-lhe o corpo, de cevar os seus sentidos insaciáveis nas suas carnes deliciosas de calor, de perfume e de maciez; porque não se vê partir-se um ideal, não se pode vê-lo desfazer-se em pó sem um arrancamento doloroso de toda a alma, sem se sentir que esta se partiu igualmente, que abriu água e vai afundar-se em breve no pélago sombrio do desespero, no silêncio do desamparo.

Amor deve ser algo de mais sublime, de mais casto e de mais doloroso.

O que fora então aquilo? Paixão, embriaguez dos sentidos, loucura erótica, amor carnal... tudo menos esse sentimento misto espiritual e corporal, a um tempo ideal e sensual, voluptuoso e casto, todo de alma e de beijos, em que dois seres de sexos diferentes se encontram, se fundem, se completam e se unificam; esse sentimento que ele não experimentara ainda, mas que compreendia perfeitamente e sabia existir tão real e verdadeiro como nas ficções e nas tradições clássicas e românticas de Romeu e Julieta, de Leandro e Hero, de Heloisa e Abelardo, de Paulo e Virgínia, de Werther e Carlota, de Laura e Petrarca, de Paolo e Francesca...

A imaginação alindava, embrincava, de certo, essas ligações, tocando-as delicadamente de sonho; mas não lhes alterava a natureza, não lhes aumentava a intensidade afetiva. Ele sentia-se capaz de iguais extremos, de emparelhar com esses amantes célebres na pujança e na dedicação do amor, de amar com sublimidade igual.

Mas o acaso fê-lo perder-se por um desvio, afastou-o da estrada real da felicidade para levá-lo a colher num moital de atalho uma bela flor venenosa, a cujo perfume anestesiante adormeceu embriagado, crendo-se feliz.

E então uma idéia amarga lhe veio, que lhe debuchou nos lábios a sombra de um sorriso dolorido: la matar-se por uma mulher que não amava? Mas logo refletiu melhor e retificou o pensamento molesto: não era por ela que se matava; mas por ele próprio, porque se havia desonrado fazendo a desonra do seu melhor amigo, do seu protetor, do homem que tinha por ele o amor e a confiança de um pai, e porque não queria sobreviver a essas duas desonras.

E quão melhor não era isso não o amando Corina que se ela o amasse? Ah! Se ela o amasse, e se ele a amasse, como lhe seria penoso, difícil, torturante ter de matar-se! Que idéia medonha, sobre-humana de horridez, e da morte em pleno e perfeito amor! Mas, felizmente, não se amavam; desejaram-se, desejavam-se talvez ainda, na atração mútua dos seus temperamentos tropicais, e era tudo...

Ele podia morrer sem mágoa, sem pena, sem desespero; triste, de certo, da tristeza insondável e lúgubre dos grandes desiludidos, mas sereno e até, relativamente, satisfeito — satisfeito por cumprir o dever e não prejudicar a ninguém, cumprindo-o.

Caminhava para o suicídio serenamente, com a resignação corajosa do soldado que, prisioneiro do inimigo implacável, vai ser passado pelas armas e se adianta para o lugar da execução sem um gesto de súplica, sem um olhar de pavor.

No fim de algum tempo as idéias baralharam-se, o cérebro conturbou-se suavemente, as pálpebras, fechadas mas leves até então, colaram-se pesadas de sono... Adormeceu.

Como lhe pareceu longa e fastidiosa essa viagem! A longura natural do trajeto era aumentada pelas demoras, interrupções e desarranjos causados pelo péssimo serviço da estrada.

Paulino, acostumado a viajar com todo o conforto e todas as comodidades, sofreu horrivelmente nas 13 horas intermináveis que durou a viagem. Tudo o irritava, tudo lhe bulia com os nervos. Se deixava as janelas abertas, sufocavam-no a fumaça e a poeira de carvão da máquina; se as fechava, abafava de calor. A trepidação era insuportável; às vezes o carro solavancava como uma caleça nas nossas esburacadas ruas; o trem ia atopejado, não havia um lugar em nenhum dos carros.

No banco em que se sentara Paulino e no que lhe era fronteiro aboletara-se parte de uma família paulista, de regresso para Pindamonhangaba o marido, a mulher e uma filha, mocinha; o resto da ninhada e os criados iam em bancos próximos.

Que companheiros! Não estavam quietos um instante. O chefe da família era um velhote vermelhão e grisalho, de maus dentes, sempre exibidos por largos risos apalermados, chapéu do Chile, roupa de brim pardo, guarda-pó, fumando constantemente cigarros de palha e cuspinhando a miúdo para todos os lados.

A mulher uma boa senhora, copiosa de carnes, amolentada e aluída numa flacidez bamba de tecidos e enxúndias, falando muito arrastado e repreendendo de quando em quando algum dos filhos: "Tá quieto, Zidoro! Sussega, Minervina! Que modos são esses, Zezê?"

A mocinha, que devia ter seus 18 anos, e não era feia, tinha uns ares muito afetados; gestos, olhares, sorrisos, tudo era estudado e intencional, e, reparando-se um pouco, verificava-se que, além do pó-de-arroz, também empregava o carmim para realce dos seus encantos. Ia lendo as Sinfonias de Raimundo Correia — o que a Paulino foi fácil reconhecer, porque ela abria e fechava o livro de modo a mostra-lhe o que era. E que olhadelas lânguidas lhe atirava!

O pai puxou logo conversa com ele e, por mais que o médico se mostrasse rebarbativo à palestra, obrigou-o a responder a perguntas e fazer observações em complemento ou réplica às dele. Era um tipo de homem simplório, ignorante mas sensato, bonacheirão, inculto, mas fino e manhoso sob todas as aparências de palerma. Perguntou ao médico quem era, para onde ia, que ia fazer; e isso era natural, porque antes lhe disse como se chamava, onde tinha fazenda, quantos filhos tinha etc.

Pouco depois discursava sobre política. Confessava que fora a Abolição que o fizera republicano; mas que o era sincero e de coração, que pegaria em armas para combater a restauração etc.

Paulino, a princípio, teve vontade de fugir daquele carro e procurar em outro um cantinho mais sossegado; mas depois foi se interessando por aquele sujeito e aquela família e distraiu-se observando-os.

Não pôde descer para almoçar no hotel da Barra do Pirai porque o coronel Firmino Vereza tal era o nome fazendeiro — não o deixou, obrigando-o a partilhar da matalotagem que levava e continha um almoço lauto — mortadela, fiambre, galinha assada, croquetes ovos duros, queijo, frutas, doces e ótimo vinho. No fim de um quarto de hora os bancos e o chão estavam que era uma lástima: tudo sujo.

Mas a verdade é que Paulino, enfraquecido pela sua última noite de amor, comeu com apetite e distraiu-se insensivelmente das idéias sombrias que lhe pesavam no cérebro. A viagem para lá de Cachoeira, conquanto ainda mais incômoda, pareceu-lhe mais divertida, mais interessante, pelo menos, por causa das várias cidades em que o trem vai fazendo escalas e cujo aspecto e costumes procurava observar nos poucos minutos de parada.

Chegou à capital paulista já noite fechada e foi com um grande suspiro de alívio que, meia hora depois, desceu do carro à porta do Grande Hotel, às sete horas e meia saía para a rua, lavado, corretamente vestido, sentindo apenas algum peso na cabeça.

Estava perfeitamente calmo. Foi a uma botica próxima ao hotel, mandou preparar uma poção calmante, que deviam enviar-lhe para o hotel, quarto nº 35 e saiu em procura de uma papelaria. Encontrou uma na rua Quinze de Novembro, entrou, comprou papel almaço, alguns cadernos de papel de carta, envelopes, um botezinho de tinta, uma caneta, algumas penas, um pau de lacre e, tendo enviado isso para o hotel pelo Alfred, que o acompanhara e a quem dispensou nessa ocasião os serviços até o dia seguinte tomou um bonde da Ponte Grande e foi até ao fim da linha, gozando o esplêndido passeio, pensando, cismando, suavemente melancolizado, com um vago desejo mórbido de chorar muito, muito, até desafogar todos os pesadumes, até lavar a alma num batismo lustral de lágrimas. E fumava, fumava...

Na Ponte Grande um grupo de estudantes e raparigas patuscava ruidosamente; trocavam-se abraços, estalavam beijos, diziam-se obscenidades. Paulino voltou no mesmo bonde, mais entristecido ainda por aquele espetáculo.

Eram dez horas da noite quando entrou no quarto. Sobre a mesa estavam o vidro da poção e os objetos que comprara. O aposento, que era no segundo andar, estava regularmente mobiliado e oferecia razoável conforto. Paulino abriu a janela, contemplou por alguns minutos o panorama noturno da cidade; depois fez a sua toaleta para dormir e sentou-se à mesa.

Preparou tudo para escrever; mas ergueu-se e entrou a passear no quarto, acabando o quinto charuto, coordenando idéias, preparando um plano. Queria deixar tudo previsto, disposto, ordenado. Tinha que fazer testamento, que deixar instruções para a distribuição de seus bens como também para seu enterro e funeral.

E Fernando? Não lhe devia escrever? Mas para dizer-lhe o que? a verdadeira causa do suicídio? De repente, apenas repelira tal idéia, por insensata, viu claramente que ela era, ao contrário, mais que razoável — necessária, indispensável.

"Devo dizer-lhe, sim, a razão por que me mato, porque sem isso a minha morte seria um sacrifício inútil. Por que me mato eu? Por tédio e cansaço da vida? Não; por desgostos pessoais? Não. Mato-me somente porque, tendo cometido um crime irreparável, que só é punível e resgatável com a morte, e, sendo um homem de honra e verdade, devo punir o criminoso e resgatar o delito; Mas ambos esses atos perderiam completamente o seu valor moral, ficariam incompletos, seriam quase inúteis se Fernando os ignorasse, porque ficaria acreditando na minha estima, na minha lealdade, na minha honradez; e, por isso, dedicaria à minha memória um culto de veneração e saudade que ela não merece. Para que a minha morte seja o que eu quero e é necessário que seja, Fernando deve conhecer-lhe as causas. Eu seria um desleal ocultando-lhas, porque lhe usurparia postumamente sentimentos de que me tornei indigno. Formoso é pois, que lhe deixei eu uma carta revelando tudo. E esta a primeira coisa que tenho a fazer. Não percamos tempo. Mãos à obra!"

Sentou-se à mesa, preparou tudo e quando pegou da pena exclamou, como que insensivelmente: "Pobre Fernando!" Ouvindo estas palavras, como se viesse de outro, encolheu o braço que se estendia para mergulhar a pena no tinteiro, e fixou absortamente os olhos na parede. Aquelas palavras "Pobre Fernando!" lembravam-lhe de súbito que a sua carta terrível ia matar a felicidade do amigo, afogar-lhe a vida calma e contente na vergonha, na dor e no desengano mortal.

Fernando, que amava a mulher a seu modo, mas que a amava deveras, que acreditava cegamente na sua fidelidade, como todos os maridos simples e confiantes que amam as mulheres, sabendo-se enganado, sabendo-a adúltera, pérfida, poluída, sofreria a maior dor humana e, com o seu gênio violento e o seu temperamento impulsivo, mataria a mulher ou suicidar-se-ia, ou talvez ambas as coisas. "Não; se o meu dever é matar-me, também é meu dever respeitar a felicidade de Fernando e poupar-lhe a vida. Como então confessar-lhe que..."

Ergueu-se, passeou agitado pelo quarto, volvendo e resolvendo aquele tremendo caso moral por todos os seus lados, examinando-o em todos os aspectos. Finalmente, após longas e dolorosas meditações, achou a solução que conciliava ambos os deveres.

Em vários sinos soavam espaçada e melancolicamente as 12 badaladas da meia-noite. Sentou-se de novo à mesa, mas desta vez com resolução, obedecendo com firmeza a um plano bem determinado. Escreveu febrilmente, sem outras interrupções que as necessárias para reacender o cigarro ou o charuto, insensível à brisa fresca da madrugada que invadia o quarto, agitando brandamente a chama da vela; às quatro e meia extinguiu-se esta lentamente, em vascas bruscas, de lampejos tristes.

Paulino tomou uma colher da poção, soprou o último alento luminoso da vela, e enfiou-se nas roupas da cama. O efeito do narcótico foi pronto.

CAPÍTULO XVI

O IMPREVISTO

Paulino despertou, enfim, passando gradativamente do sono à vigília, de modo que o acordar era para o seu espírito adormecido uma consequência natural de atos ideados em sonho. Sonhara muito, mas coisas incoerentes e confusas. Com algum esforço lembrou-se que sonhara o seguinte:

Os seus amores com dona Sinhá haviam sido descobertos por denúncia de uma notícia da Gazeta da Tarde, fato que o indignou tanto que ele passou a chamar aquela folha de Corsário da Tarde; e o contentamento de haver engegado esta frase era tão vivo que o compensava de todos os desgostos produzidos pela notícia terrível. Fernando, tendo-a lido, longe de enfurecer-se, veio logo agradecer-lhe os cuidados e os carinhos dispensados a sua mulher durante sua ausência, e Paulino, vendo-o sair dessa visita de cortesia, de casaca e gravata branca, notou que ele levava o chapéu suspenso, como num cabide, em uma das pontas de um par de galhos, que lhe subiam, retorcidos, da frente; e o chapéu dançava, lá em cima, com os movimentos do corpo. Depois foi levado ao júri, que era presidido pelo Alfred, de toga, com cabeleira branca de cachos. Lembrava-lhe desse episódio apenas isto: que, como Hiperides a Frinéia no Aerópago, havia arrancado as vestes à amante, dizendo aos jurados: "Vejam que perfeição! Examinem. Apalpem. E digam se eu podia resistir!" Mas nesse momento reparava que a mulher não era Corina, mas Madelon, que fazia um pied de nez aos juizes, gritando: "Tas d' imbéciles! Tas d' imbéciles!" Então o Alfred levantou-se e bradou: "O réu foi condenado à morte". Nesse momento tudo desapareceu; ele ficou sozinho em meio de uma solidão imensa e muito negra e ouvia mil vozes ciciar com um sopro gélido, que o transia: "Vais morrer! Vais morrer! Vais morrer!" Nesse momento um vulto surgiu a seu lado, que lhe murmurou ao ouvido: "Não acredites. Isto é sonho; tu estás dormindo e

sonhando. Não vais morrer nada. Então morre-se assim com duas razões, só porque se aproveitam e se gozam as mulheres que se oferecem à gente?"

Mas então apareceu no ar um corvo de asas imensas, com a cabeça de Fernando que gritava com uma voz tão cavernosa e tão extensa que enchia todo o espaço, repercutindo muito longe: "Vais morrer, sim, traidor, infame, ingrato!"

Não se lembrava da continuação desse sonho terrível. Mas de todo ele uma idéia lhe ficara, nítida e forte, acudindo-lhe, apenas desperto: — morrer.

Lembrou-se então que, de fato, ele tinha de morrer, que viera aquele lugar para isso. Mas, no cérebro, atordoado pelo narcótico e enfumado ainda pelos nimbos revoltos dos sonhos, não surgiu logo, inteira, a realidade da sua situação; não sabia como ia morrer, se o iam matar...

Fez um esforço de memória, esfregou os olhos, olhou com fixidez para os móveis do quarto e foi só vendo as folhas de papel escritas sobre a mesa que se recordou que devia morrer nas suas próprias mãos. Seu cérebro não se havia ainda habituado àquela idéia, que, por isso, lhe fugia à retentiva.

Um relógio, afastado, tiniu horas. Contou-as: nove. Nove horas! Dormira bastante! Fora a poção. E então lembrou-se que a morte não devia ser outra coisa mais que um grande, um invencível narcótico.

Morrer! Extinguir-se, deixar de ser, não ser, o nada... E um pavor estranho invadiu-lhe o cérebro, como uma lufada fria de vento hibernal.

Teve medo, teve horror... Era tão bom viver! Havia tantas terras curiosas que viajar, tantas mulheres moças, bonitas e fáceis pedindo amor, pedindo homem! E ele tinha de morrer, assim: forte, bom, cheio de vida, moço, sedento de gozo! Era estúpido! E se não se matasse? Para satisfazer os ditames da sua consciência bastaria ir ter com Fernando e dizer-lhe: "Dormi com tua mulher, gozei-a em tua ausência. Faze agora o que entenderes." — Talvez mesmo nem isso. Foi ela, afinal, que o seduziu, que lhe preparou habilmente a ocasião, que o excitou de modo irresistível. Ele não era de mármore. E, afinal, aquilo era coisa que se via todos os dias. Se todos os homens no caso deles se suicidassem, fora uma hecatombe!...

Mas a figura simpática e leal de Fernando surgiu-lhe à mente e, nesse instante, toda a extensão do crime que cometera enganando-o, abusando miseravelmente da confiança paternal que depositara nele, desenrolou-se-lhe aos olhos. Então, com um frêmito de horror, sem mais raciocinar, sem recordar mais nada, compreendeu que o suicídio era inevitável.

Entretanto, para prevenir-se contra o medo e o horror dessa idéia, resolveu agitar-se, entreter o pensamento nos preparativos e disposições finais até que, tudo concluído, chegasse o momento fatal. Tinha de ser; acabou-se.

Saltou da cama, premiu o botão da campainha elétrica; pediu ao criado que o levasse ao banheiro.

Voltando do banho frio, tomou uma xícara de café, e estava acendendo um cigarro, em robe de chambre, quando bateram a porta.

— Entre quem é.

— Dás licença?

"Eu conheço esta voz", pensava Paulino; mas não teve tempo de lembrar-se da pessoa que tinha aquela voz, porque ela acabava de entrar.

— Oh! Julião! Que surpresa ver-te! Juro-te que não pensava em ti.

— Naturalmente... pensa-se lá nos amigos insignificantes como eu!

— Não é isso.

— Ora se é isso! E a prova é que não me respondeste ainda a carta que, há uns bons três meses, te escrevi, abraçando-te e pedindo-te umas informações acerca do instrumental cirúrgico que eu desejava mandar vir de Paris...

— Perdoa-me, meu bom, meu excelente Julião. Tens razão de sobra. Se soubesses como tenho vivido ultimamente, o que me tem sucedido... quantas contrariedades... Não te zangues comigo.

— Não, de certo; e a prova é que te vim ver e abraçar.

— Mas, a propósito, como pudeste saber que eu estava em São Paulo?

— Muito simplesmente: pelos jornais.

— Pelos jornais? Mas se eu cheguei ontem à noite e não falei com ninguém...

— Vou explicar-te. Pouco depois da chegada do comboio, os repórteres percorrem os hotéis e recolhem a lista dos hóspedes de cada um, lista que publicam no dia seguinte.

— Compreendo; — e Paulino lembrou-se que havia assinado o nome no livro dos hóspedes e dado mesmo um cartão ao criado que o trouxera ao quarto.

Julião sentou-se em uma cadeira junto à mesa. Era um rapaz de pequena estatura, compleição franzina, cabeça proporcional, membros delicados, expressão extremamente vivaz, muito insinuante. Paulino, vendo o amigo com as folhas de papel ao alcance da vista, acudiu logo, juntou-as e recolheu-as disfarçadamente.

— Como não tive sono esta noite, pus-me a rabiscar baboseiras. Almoças comigo, não é assim?

— Só se for já, porque tenho ainda uns três doentes a visitar.

— Em cinco minutos isto estará acabado — disse Paulino, referindo-se à toalete. — Mas dize-me: como te corre a clínica?

— Otimamente. A principio custou a vir. Mas, graças a uns amigos influentes, chegou, e vai num progresso constante. Tenho uma clientela restrita, mas que paga sem olhar a dinheiro. É o que convém. E a prova de que não me posso queixar da sorte é que vou casar-me dentro de poucos meses.

— Ah! E com quem?

— Com a filha do desembargador Rodrigues Lopes.

— Rica?

— Não, pobre como Eva, ou melhor: quase tão pobre, porque Eva nem camisa tinha; é encantadora. Queres vê-la? Tenho aqui o retrato.

Tirou da carteira uma fotografia pequena e mostrou-a ao amigo, que tendo-a examinado alguns momentos, lha restituiu dizendo:

— Sim, senhor. Uma linda cabeça. E tem um ar muito inteligente. Meus parabéns.

Nessa ocasião entrou o Alfred com as botinas do amo e ajudou-o a vestir-se.

— Estou pronto. Vamos almoçar.

— Não trazes o chapéu?

— Para quê?

— Não tencionas sair depois do almoço?

- Não tinha pensado nisso.
- Mas tu não conheces São Paulo. Ou já tinhas vindo cá?
- Não, é a primeira vez.
- Pois então, hás de permitir-me que te faça as honras da cidade.

Paulino, que não encontrava pretexto para escusar-se, teve de ceder ao convite do colega e amigo.

A doçura do tempo, a ordem, limpeza e boa aparência da grande sala das refeições em que comiam, espalhados, em pequenas mesas, muitos hóspedes, conversando discretamente, e a jovialidade do companheiro dispunham favoravelmente o ânimo de Paulino e quando, ao fim do almoço, de que comera com apetite, saía com o amigo, havano fumegante nos lábios, respondendo a uma pilhéria dele com outra, que os fez rir muito a ambos, a idéia da morte não lhe povoava o pensamento e ninguém poderia adivinhar, por mais perspicaz e conhecedor do coração humano, que aquele belo e forte mancebo, tão calmo e risonho, tinha lavrado a sua própria sentença capital e a executaria dentro de algumas horas. Como poderia alguém pensá-lo, se ele próprio, naquele momento não o pensava? Ele fazia naturalmente, sem cálculo, o mesmo que fazem muitos dos condenados à morte — que dormem tranqüilamente a sua última noite e comem com apetite a refeição derradeira.

Dir-se-ia que o corpo, prevendo o seu aniquilamento próprio, procura, instintivamente exercer pela última vez as suas funções orgânicas em toda a sua plenitude, com fina volúpia, afirmando assim em ordem, vigor e equilíbrio o triunfo glorioso da vida, mutável mais imortal.

A porta do hotel tomaram o carro particular de Julião, devendo Paulino acompanhá-lo nas visitas aos doentes que lhe faltava ver; e depois iriam passear, a fim de Paulino conhecer os pontos mais pitorescos ou mais interessantes da cidade.

Julião levou o amigo ao bairro da Luz, onde lhe mostrou o jardim público, o seminário, o quartel, a estação da estrada de ferro, os principais prédio e palacetes indicando os proprietários, dando-lhe detalhes; na volta fê-lo admirar a várzea do Carmo, o curso do Tamanduateí, o Brás; levou-o ao museu Sertório, à academia, ao palácio da Presidência e aos principais cafés. Convidou-o a jantar numa excelente rotisserie da rua São Bento e fê-lo prometer-lhe que o acompanharia à noite ao teatro São José, onde trabalhava uma boa companhia de zarzuela.

Findo o jantar, passearam, ainda um pouco, num carro de praça, tendo Julião mandado embora o seu, por estarem os cavalos fatigados.

Depois, Paulino voltou ao hotel para mudar de roupa e esperar ali Julião, que fora fazer as suas visitas clínicas da tarde.

Ao entrar, entregou-lhe o porteiro dois ou três cartões e um telegrama.

Na sobrecarta este endereço:

"Grande Hotel ou Hotel de França"

Abri-o, trêmulo, subindo as escadas. De quem seria? De Corina? Talvez, chamando-o, dizendo-lhe que o esperava para fugir com ele, ou que chegaria para se lhe reunir. E se fosse isso? Que faria?

O coração batia-lhe precipite; o papel tremia-lhe nas mãos. Desdobrou-o finalmente. Foi à assinatura: "Fernando". E leu:

"Cheguei bem, estou furioso tua ausência, volta breve. Saudades. Abraços nossos".

Sentiu um abalo tão forte que teve que apoiar-se ao corrimão.

Voltou, ele? Abraçar novamente aquele amigo generoso, boníssimo, que ele enganara torpemente, estar novamente entre ele e aquela com quem o atraíra — não! Era impossível! Urgia que se matasse. Se demorasse a execução da sua sentença, Fernando podia vir a São Paulo e talvez com a mulher, como surpresa. Convinha responder logo ao telegrama para impedir que tal acontecesse. Respondeu nestes termos:

"Parabéns. Regresso em três dias. Saudades".

Deu o telegrama ao criado do hotel para que o passasse, e, enquanto mudava a roupa, ajudado por Alfred, que se declarava encantado com a Paulicéia, determinava o dia e a hora em que devia matar-se:

"A carta para Fernando está pronta, apenas precisando de alguns retoques. Na volta do teatro passo-a a limpo. Amanhã faço o testamento e entrego-o a um tabelião para o aprovar e guardar; compro o revólver e a noite acabo com isto. O encontro com Julião foi que me atrapalhou. Queira Deus que não voltem amanhã os outros amigos que vieram hoje visitar-me" — pensava.

Restava-lhe, pois apenas um dia de vida. Mas, como o condenado à morte, que até o momento de ser executado, espera vagamente a salvação e com essa esperança se reconforta e ganha valor para o transe supremo, Paulino deixava embalar-se intimamente por uma voz acalentadora, que lhe murmurava um "talvez" suavíssimo... Que podia ser esse "talvez"? Quem saberia dizê-lo? A morte de Fernando... a fuga de Corina dos braços do marido para os do amante...

Oh! O acaso tem às vezes soluções tão imprevistas e tão boas! Graças a essa abençoada e poderosa força — a esperança, que só abandona o homem no derradeiro instante de sua vida, quando ele exala o último alento, estava tranqüilo o desgraçado e passou a noite divertidamente, muito mais do que esperava.

No teatro, onde fora com Julião, segundo haviam combinado, encontrou o seu antigo companheiro de colégio e de academia, Carlos Oliva, o famoso e impagável boêmio, que estava no terceiro ano do curso jurídico, depois de haver estudado dois anos engenharia e três anos medicina.

Filho de família abastada e único varão, faziam-lhe os pais todas as vontades e perdoavam todos os desregramentos. Era "um pândego", na opinião de todos. Moreno, magro, olhos fulgentes através dos discos cristalinos dos óculos de ouro, cabelos magníficos de ébano luzente, em ondas, dentes soberbos, voz clara e de sonoridade metálica, gestos exuberantes, excessivos, pronto sempre na réplica mordaz, no comentário malicioso, na piada imprevista.

Cultivava com amor todos os vícios elegantes: as mulheres, o jogo e a mesa. Era geralmente estimado pela fidalguia suprema com que despedia as amantes decaídas da sua real graça e com que perdia somas consideráveis ao lansquenet e à roleta; pelo seu inalterável bom humor, e, enfim, pela perfeita cortesia de gentleman com que a todos tratava.

Carlos Oliva fez uma festa espantosa a Paulino, a quem fora sempre muito afeiçoado. Foi um espoucar de Ohs! E um chover de abraços que atordoaram o médico. No fim do espetáculo saíram os três: Paulino, Julião e Carlos Oliva. Este convidou os amigos para ceiar; Julião escusou-se: tinha um doente gravíssimo e que precisava visitar ainda, apesar do adiantado da hora: e retirou-se de carro, combinando um encontro para o dia seguinte.

Então o boêmio perguntou ao amigo:

— E você homem para acompanhar-me?

— Isso depende de saber aonde.

— A um antro, à "gruta dos vícios".
— Isso deve ser ignóbil — ponderou Paulino.
— Ignóbil? É feérico, walkiriano, uma espécie de gruta azul do rei Luiz da Baviera.
— Imagino; mas recuso: vou deitar-me, descansar.
— Burguês infecto! — exclamou Oliva com grotesco desdém.
— Deitar-se na cama antes de erguer-se a aurora no horizonte! Antes dessa hora eu só admito que um homem se deite no colo nu de uma mulher boa. Vem daí, filisteu!

Paulino hesitava. Precisava acabar a carta para Fernando; só tinha 24 horas de vida: não podia perder tempo. Mas a idéia de voltar ao hotel e, no silêncio sinistro da noite, recomeçar a escrever a história do seu erro, do seu crime, da sua desgraça, repugnava-lhe invencivelmente. E, depois, talvez que o meio torpe, ao qual queria arrastá-lo aquele doido, lhe facilitasse o desapego da vida pelo nojo dela.

Acedeu; e, de braço dado ao amigo, foi, através das ruas escuras e silenciosas da Paulicéia, em demanda da "gruta dos vícios"

Era um sobrado grande e velho no beco do Inferno, hoje travessa do Comércio, mesmo na esquina. Oliva bateu com os nós dos dedos de um modo especial: quatro pancadas, intervaladas da segunda à terceira. A porta abriu-se sem ruído; os dois homens deslizaram para dentro do corredor, iluminado por um bico de gás sem arandela, aceso ao alto da escada. Ouviam-se ruídos confusos de vozes de homens, risadas femininas e embates de copos e pratos.

Subiram, acompanhados pelo sujeito, zambro por sinal, que lhes viera abrir. Em uma sala quadrangular, de teto baixo, forrada a papel barato, ornada de cromos e gravuras reais, mal alumiada por alguns bicos de gás, homens e mulheres, abancados a mesas de pau, bebiam, comiam e conversavam. Várias dessas damas fumavam cigarros de papel em atitudes relaxadas, entremostrando os seios e as pernas. Algumas eram muito moças, e bonitas duas ou três. A primeira impressão era desagradável.

— Bem dizia eu: isto é ignóbil; parece uma taverna de marinheiros em Londres. Vamo-nos embora — disse Paulino, contrariado.

— Alto lá, cher maitre! — exclamou o companheiro. — E sempre arriscado julgar pelas primeiras impressões. Acompanha-me.

Foi direto a um balcão pequeno, onde tronejava uma mulher gorda, ainda frescalhona, de aspecto muito risonho, e que acolheu com um agitar de mão festivo a entrada do boêmio.

— Boa noite, minha boa senhora dona Felisberta Mercurina do Bom Conselho! — e o rapaz erguendo alto o feltro com a sinistra, apertava-lhe, todo curvo, com a destra os dedos grossos e úmidos. — Eu e este meu precioso amigo, mais viajado que o cólera-morbus, queremos passar agradavelmente este resto da noite no seu hospitaleiro tugúrio.

— Às ordens dos meus doutores, inteiramente às suas ordens. Que não de querer? — perguntou a hoteleira com pronunciado acento piemontês.

— Ceia fina e mulheres frescas, o mais virgens que for possível.

— Vão ser imediatamente servidos.

— Olhe lá, tia Felisberta, que as damas sejam de fora...sabe?...

— Sossegue, doutor Oliva; o senhor é o freguês a quem sirvo com mais cuidado e boa vontade. Não é? — E deitou-lhe um olhar carregado de volúpia.

— Tem um rabicho-onça por mim esta sapaentanha — segredou Oliva ao ouvido do amigo.

— Acompanhe-me — disse a mulher, tomando de um prego um molho de chaves.

Levou-os por um corredor sombrio, cheirando a mofo e urina, até uma porta que abriu, e onde introduziu os dois moços.

Aceso o gás, viu-se um quarto espaçoso com uma cama larga, feita, e uma mesa redonda ao centro.

— Este é um dos quartos; o outro é aqui ao lado e comunica com este por aquela portinha.

— Eu conheço a topografia, tia Mercurina; — disse Oliva. — Mas diga-me: que donzelas nos vai servir?

— Olhe, seu doutor, como eu, além de ter todo o gosto em servir ao senhor, desejo obter a proteção do seu companheiro, vou buscar, eu mesma, as duas jóias melhores do meu cofre: para o senhor a sua predileta, a chinoca, e para o seu amigo uma rapariga que saiu ontem mesmo da companhia do marido, que a espancava: tem 17 anos e só esteve com o marido 11 meses. É uma tetéia. Eu estava guardando-a para o comendador, sabe? Mas não importa; tenho muito gosto em cedê-la ao seu amigo.

— Muito bem, protetora dos famintos de toda espécie, vá lá buscar-nos essas houris... que se ingurgite, o que tiver de melhor. Olhe, diga-me cá, a lambe-me tudo está trabalhando? e esboçou sobre a mesa, com o dedo indicador, um gesto de rotação.

— Sim, senhor; e é o Teixeira que está dando à bola.

— Vamos nós até lá? — Perguntou Oliva a Paulino.

Este respondeu-lhe encolhendo os ombros.

— Enquanto não chegam as deidades, vamos nos entretendo em largar a pele na roleta. É uma idéia genial. Vamos lá. Mas que isso não impeça, mamãe Vênus, que vossa mercê mande trazer-nos frios e champanha e vá buscar as nossas amadas.

— Sicuro, sicuro! — retorquiu, rindo, a mulheraça, saindo com açodamento.

Os dois amigos entravam pouco depois na sala da roleta, no segundo andar.

CAPÍTULO XVII

FLOR DO LODO

Eram nove horas da manhã quando Paulino se recolheu ao hotel. Dormira apenas três horas, de um sono de esgotamento, pesado como chumbo, de que foi despertado, entretanto, em sobressalto, como se alguém o houvesse sacudido com rudeza.

Ao seu lado dormia tranqüilamente a infeliz criatura que a dona do hotel lhe havia mandado para o quarto, e que ele já encontrara adormecida, quando desceu da sala da roleta, e que adormecida deixou, sem lhe tocar. Contemplou-a alguns minutos com um olhar de compaixão profunda e um sorriso de amarga ironia.

Era uma mulher franzina, morena, de 17 a 18 anos; um tipo de anêmica-nervosa, membros delicados, cabelos negros, rosto miúdo, de traços finos e graciosos: nos seios descobertos não havia ainda vestígio de cansaço: conservavam, só eles, um resto da virgindade poluída e morta não havia muito.

Era, evidentemente, uma estreante, uma novata da escola do vício. Estaria totalmente perdida? E Paulino, que apenas despira o paletó, revestia-o lentamente, contemplando sempre a infeliz e cismando, comovido, na sua sorte. De repente sentiu incomodá-lo no lado esquerdo do peito um volume grosso, que estava no bolso interno do fraque. Levou a mão ao bolso e subitamente — por uma singular associação instantânea de uma recordação e de uma idéia — lembrou-se do dinheiro que ganhara, horas antes, à roleta e pensou em salvar com ele aquela rapariga.

Estivera de uma "sorte única, de uma chance brutal", como dizia, maravilhado, o Oliva, que perdeu até a última nota de cinco tostões. Era a primeira vez que jogava a roleta, e, como soe geralmente acontecer, por um capricho estranho e perverso da sorte, fora de uma felicidade assombrosa. Jogava sem cálculo, sem plano, com vontade e intenção de perder... Para que diabo precisava de dinheiro, ele, um condenado à morte? E repugnava-lhe o ganho ao jogo. Mas, apesar de tudo, ganhava sempre. Era uma perseguição da fortuna, cruelmente irônica, e que, por lhe parecer tal, irritava-o sobremaneira. Às cinco horas da manhã terminava a banca, rebentada, levada à glória pelo jogador bisonho e calouro, com espanto e inveja dos parceiros e com sombrio e calado despeito do banqueiro, o qual, entretanto, desfez-se em amabilidades com ele, convidando-o a voltar naquela noite:

— Não falte logo, seu doutor. Está de sorte; deve aproveitá-la. A parcerada é boa e o botequim está às ordens. É pedir o que quiser, até champanha. — E nos olhos piscos do Teixeira ardia a febre sórdida da cobiça, lia-se a ânsia de apanhar novamente nas garras o jogador móvel, para arrancar-lhe todo o lucro e mais o dinheiro que levasse.

Paulino nada respondeu, nauseado de tanta miséria. Mas pensava no destino que daria àquele dinheiro vil. Eram dez contos e quinhentos mil-réis. A primeira idéia foi dá-los ao Oliva; mas repeliu-a logo: voltariam para a roleta, para o banqueiro, sem benefício de ninguém. Dou-o aos pobres; pensou. E com essa idéia meteu-o no bolso num grande rolo.

Agora, diante daquela pobre coitada, encontrava o destino melhor que podia dar aquele dinheiro imundo para poder purificá-lo, fazendo o bem: arrancar com ele aquela mulher do vício, da ignominia, da miséria.

Puxou uma cadeira para junto do leito, sentou-se nela e acordou brandamente a moça, tocando-lhe repetidas vezes no ombro nu. Ela abriu os olhos, que fechou logo, encadeados pela luz forte do sol, para, reabrindo-os, fitá-los no médico. Deu um gritinho de espanto e puxou a colcha para cima, tapando a cabeça.

Paulino abaixou a colcha brandamente, descobrindo-lhe o rosto e disse-lhe:

— Então que é isso? Não se assuste; e conversemos.

Ela sorriu, reparando nas feições daquele desconhecido que lhe falava tão docemente, bem impressionada por elas. E disse, com uma voz um tanto pastosa:

- Foi você que dormiu comigo?
- Fui eu, sim.
- Ué! Como é que eu não senti nada?

Paulino sorriu, mas, em vez de explicar-lhe o fato, disse-lhe, tomando-lhe uma das mãos, que pendia da cama:

— Diga-me: pode acreditar que um homem desconhecido, que a vê pela primeira vez, possa desejar sinceramente, sem interesse, fazer-lhe um grande benefício? — Ela arregalou os belos olhos, grandes e negros, num espanto; mas acudiu logo:

— Acredito, sim; por que não? Ainda há gente boa no mundo...

— Tanto melhor —olveu Paulino. — Agora, conversemos. Desejo salvá-la do lameiro em que vai afogar-se. Mas conte-me antes a sua história, sem omitir nada, sem mentir, como se eu a confessasse.

— Conto, sim se seu doutor quer saber ela, eu conto. E olhe que eu não sei mentir. Mentira é uma coisa tão feia! O pior é que eu não sei falar direito.

— Fale como puder; que eu a ajudarei. Bastará que me responda o que eu lhe perguntar. É casada?

— Sim senhor. Me casei vai fazer um ano, com um home muito mau, de quem eu não gostava. Eu queria casar era com primo Juca, isso sim. Mas papai não quis; perferio seu Zidóro, que tinha negócio de criação no mercado. Que haveria eu de fazer? Casei mesmo. Papai morreu alguns meses depois. Seu Zidóro me maltratava, me obrigava a fazer serviços superiores às minhas forças. Depois pegou a beber e quando estava nelas me espancava. Até que uma noite fugi pra casa de mamãe.

— E ele não foi lá buscá-la?

— Quais o que! O que ele queria era ver-se livre de mim. Pois se já tinha amigação tratada com a Maricota Cocada, uma mulata gorda, doceira, também do mercado! Eu fiquei morando com mamãe e ajudando ela. Mas, coitadinha, está quase entrevada do reumatismo; tem dias que nem pode se mexer. Eu quis trabalhar, mas meu trabalho não chegava para tanta coisa, para cozinhar e lavar para nós e ainda coser para fora. Eu, só com minhas tristes mãos não podia, não é? — perguntou ela, com um tom ingênuo e sincero, como buscando justificar-se previamente.

— Decerto — fez Paulino. — E, depois que sucedeu?

— Depois... esta mulher daqui, dona Felisberta, que me conhecia do mercado, por ser freguesa de meu marido, tendo sabido que eu fugira, começou a freqüentar nossa casa, a nos fazer presentes, a nos dar gêneros, muito obsequiadeira. Até que se explicou. Me convidou para ir um dia à casa dela: que ia lá um moço que me conhecia de vista e me estimava muito e que ele queria se amigar comigo. Eu contei a mamãe. Esta, no princípio, me aconselhou que não, que não... Depois, como dona Felisberta já não dava mais nada pra nós e a fome ia chegando, mamãe, um dia, me disse que não era mau eu vir até cá ver o moço. Se servisse... E eu disse, então, a dona Felisberta isso mesmo. Ela ficou muito contente e deu-nos de tudo: farinha, carne-seca, feijão... E disse pra mim que uma noite iria me buscar. E eu fiquei esperando ela.

Paulino lembrou-se então que a alcaiota lhe dissera que estava reservando aquela rapariga para o "Comendador".

— E depois? — perguntou.

— Ontem, já muito tarde, dona Felisberta foi me buscar. Eu não queria vir, tinha medo àquela hora... Mas a mulher explicava que o moço tinha chegado de uma viagem e queria por força me conhecer, que era só para ele me conhecer e eu conhecer ele; que era só para conversar... Se me agradasse, entences... E mamãe, que tem muita confiança em dona Felisberta, me mandou vir com ela, certa de que não havia de suceder nada. E eu vim. Ela me trouxe para este quarto, me despiu, botou cheiro na minha camisa, me disse que esperasse um bocado, que ela ia buscar o moço. Eu chorei, tive medo... Um home que eu não conhecia! Mas... depois... não sei mais nada. Dormi, parece. O moço era você?

— Era eu, sim, e dormi um pouco a seu lado, sobre as roupas da cama, mas sem tocar no seu corpo.

— Como você é bom! E é tão bonito! — exclamou, com uma expansão de admiração infantil. — Havemos de viver muito bem, muito felizes, se você se agrada de mim. Eu sou uma pobre caipirinha... não sei nada... Mas sou muito quieta, muito mansa, verá... Olhe, conheço você há meia hora, e já gosto muito de você, acredita? Mas... por que tem esse ar tão triste? Não é feliz? Não lhe agrado? Diga! — e, meigamente, tomava-lhe as mãos.

Ele teve um sorriso de tristíssima ironia; mas, em vez de responder-lhe, perguntou-lhe: — Então nunca teve relações com outro homem senão seu marido?

— Lhe juro por este breve bento que não! — Exclamou ela, puxando do seio um cordão de ouro fino, de que pendiam bentinhas, figas, corais torcidos, e beijando um dos escapulários.

— Muito bem, agora responda-me: quer viver honestamente com sua mãe, garantida de privações?

— Uê, gentes, pois isso é coisa que se pergunte?

— Então, ouça... Mas antes diga-me ainda: você não tem algum parente sério, capaz de dar-lhe bons conselhos em relação a negócios, a dinheiro?

— Tenho, sim, meu padrinho, seu Manuel Vicente, que é tipógrafo de um jornal. O defeito dele, coitado, é ser pobre; mas tem muito juízo e todos lhe querem bem.

— Tanto melhor; escute. Aqui neste embrulho estão dez contos e quinhentos mil-réis. Os dez contos são para você; os quinhentos mil-réis para você distribuir com os pobres, em minha intenção. Você irá procurar seu padrinho e lhe entregará este dinheiro com um cartão meu, em que vou escrever que fui eu que lho dei.

E Paulino pôs o dinheiro sobre a beira da cama, e tirando um cartão, escreveu-lhe a lápis, no dorso! "Entrego nesta data a...

— Como se chama? — perguntou ele, levantando os olhos para a rapariga.

Ela não pôde responder-lhe logo: chorava, com o lençol comprimido aos olhos; mas, pouco depois, tartamudeou:

— Corina... Corina Amélia de Sousa.

Se a pobre rapariga não tivesse os olhos ocultos nas dobras do lençol e fitasse o seu estranho protetor, teria soltado um grito de espanto e receio. Paulino estava lívido, com os lábios trêmulos e brancos; os olhos arregalados... A coincidência era tão grande e tão imprevista que justificava aquele estado de confusão e assombro.

Ergueu-se, passeou um pouco pelo quarto. Já então Corina o fitava, acompanhando-lhe os movimentos com os olhos úmidos e um sorriso delicioso de felicidade. Ao fim de cinco minutos, mais senhor de si, concluiu o bilhete: "...a Corina Amélia de Sousa a quantia de dez contos de réis, de que lhe faço presente, com o fim de concorrer para a sua felicidade. Este dinheiro é meu e ganhei-o ao jogo na noite de ontem..." Datou e assinou. E veio entregá-lo à rapariga, sentando-se de novo. Esta, num movimento rápido, saltou da cama para os joelhos dele e, enlaçando-o nos braços nus, exclamava, ora rindo, ora chorando:

— Como você é bom! Como você é bom!

De repente, fitando-o com os olhos banhados de felicidade, perguntou-lhe, com um encantador acento de ingenuidade, recuperando, num momento de sublime transfiguração moral, a voz, o encanto e a graça da virgindade perdida:

— Você me dá um beijo?

Paulino segurou-lhe a cabeça, com ambas as mãos, e beijou-a na testa. Nesse momento sentiu a caipirinha rolar-lhe no seio moreno, por dentro do cabeção de crivo da camisa, duas lágrimas quentes, grossas, vagarosas — e que não caíram dos olhos dela.

CAPÍTULO XVIII

A EXECUÇÃO

Aquela cena imprevista com a pobre caipirinha, encontrada num bordel e que a sua boa fortuna lhe permitiu arrancar ao vício e à miséria, fizera ao seu espírito, profundamente agitado pelos terríveis pensamentos gerados da sua resolução suprema, um benefício inefável: produzira nele o mesmo efeito do azeite sobre as ondas enfurecidas do mar: acalmara-o subitamente.

Assim se explicava a serenidade, apenas melancólica, do seu rosto ao penetrar no quarto do grande Hotel. Num incidente fortuito, triste episódio da vida noturna dos viciosos, encontrara e bebera e energia e a calma de que precisava para cumprir o seu fadário negro, para executar a sentença que, como juiz, contra si próprio pronunciara...

Apenas fechava a porta à chave, uma pressa o tomou de "acabar com aquilo".

Urgia matar-se: Fernando podia chegar naquela noite mesmo, podia sobrevir qualquer fato que o obrigasse a adiar o suicídio, quem sabe a voltar ao Rio... Mas sentia-se fraco, fatigado, e também um pouco febril: era o cansaço da noitada.

Tomou uma ducha fria, que lhe ergueu as forças e fustigou os nervos; almoçou rapidamente e depois de haver vedado a sua porta sem exceção de visitante, fechou-se no quarto a trabalhar.

Em duas horas estava copiada a carta para Fernando. Sobrescritou-a e lacrou-a com cuidado. Escreveu outra depois e meteu-as ambas em uma só sobrecarta.

Depois do almoço, passou a fazer o seu testamento.

Constituiu herdeiros de todos os seus bens a seu irmão Adolfo e a sua única irmã, esposa de Castrioto; deixou contos de réis para o seu afilhado Dano, filho destes; legou todos os seus móveis, quadros e livros a Fernando Gomes, as jóias e o relógio ao seu cunhado, e todas as roupas ao seu criado Alfred.

Uma vez concluído o testamento, foi levá-lo à aprovação de um tabelião; terminado esse ato, dirigiu-se ao correio, onde registrou uma volumosa carta, com este endereço: "Dr. João Itaparica — Bahia".

Eram cinco horas da tarde.

Que mais lhe restava fazer?

Mas, quando recapitulava o que havia feito e inquiria de si mesmo se nada mais lhe faltava senão matar-se... lembrou-lhe de repente o meio de morte. Como se esquecera de uma circunstância tão importante, mesmo capital, até quase à última hora? Matar-se parecia-lhe nada; o modo de matar-se, o instrumento de morte, é que o preocupava, afigurando-se-lhe o principal daquela fúnebre empresa. E então esta idéia lembrava de que ia morrer; ou antes: a idéia da morte não o incomodava, nenhuma sensação lhe fazia, porque o seu espírito estava inteiramente ocupado e absorvido na escolha da arma, da forma de suicídio.

Tinha a escolher entre o veneno, o revólver o punhal.

O veneno era bom. Uma dose violenta de arsênico, ou estriçnina, ou algumas gotas de ácido prússico, ou de láudano... o láudano proporciona um passamento calmo, um sono fácil e doce, provocador de sonhos paradisíacos. Um banho morno e uma dose de láudano... era delicioso! A idéia do banho morno trouxe-lhe uma recordação histórica: podia, como Sêneca, cortar as veias com uma tesoura ou bisturi, e deixar-se esvaír, esgotar-se, despejar a vida em jorros de sangue, que tingiriam de púrpura a água tépida e o mármore branco da banheira... Também seria bom... Mas o veneno tinha inconvenientes: não encontraria provavelmente boticário que lhe vendesse o tóxico desejado e, se encontrasse, iria sujeitar o pobre-diabo a alguma penalidade; além disso a morte não era segura: podiam administrar-lhe algum antídoto a tempo de salvá-lo...

Arredou logo o veneno...

Escolheria o revólver... oh! Um bom Smith-Wessen, disparado sobre o coração, dá morte pronta, certa, infalível...

Mas o revólver lhe era antipático — uma arma brutal, deselegante, indiscreta... A detonação seria medonha, alarmaria toda a gente do hotel e a vizinhança; invadiriam o quarto, antes mesmo que ele expirasse...

E se a bala lhe não atravessasse o coração? Teria uma agonia longa e horrível... Condenou também a arma de fogo, o punhal, a navalha, ah... o bisturi! Deceparia a carótida esquerda, ou as duas, num golpe semicircular, profundo, seguro... O bisturi, sim; delicado, discreto, silencioso e, no entanto, implacável, levando a morte, branca e fria, na lâmina... Era ao seu bisturi, com o qual tantas dores adormecera com uma só, tantos padecimentos mitigara, tantas vidas salvara; era ao seu bisturi que pediria dentro em horas o resgate dos seus erros, a libertação de seu inferno, a suprema dádiva do eterno sono.

Escolhida a arma definitivamente, só lhe restava voltar ao hotel e executar-se. Mas a tarde caía: as ruas esvaziavam-se; nas portas das lojas sombrias os empregados passeavam palitando os dentes, ou fumavam, encostados aos umbrais,

algumas carruagens corriam em demanda de palacetes nos arredores; um ventozinho fresco picava a pele; a temperatura arrefecia e uma cinza fina chovia sutilmente, do alto céu silencioso, de momento a momento mais fundo e mais sombrio, cobrindo as coisas de melancolia, enchendo as almas de uma saudade vaga, nostálgica, aflitiva como um adeus sem esperança.

E Paulino sentiu de repente um aperto no coração, um nó na garganta... Uma consternação entrou com ele, devastada, solitária, desesperante como um deserto desconhecido e intérmino... Teve vontade de chorar, ali, em soluços, em gritos, correndo pelas ruas, com as mãos espalmadas para o alto, clamando a sua desgraça, a sua miséria, o fim e o nada do seu eu. E essa vontade foi tão imperiosa que, para não sucumbir-lhe, voltou logo para o hotel.

Julião e Oliva haviam-no procurado e prometido voltar. Avisou ao porteiro que os não receberia, como a ninguém mais.

Encerrou-se no quarto, fechou a janela, embora ainda houvesse um resto de dia, e acendeu o gás. Aquele crepúsculo fazia-lhe um mal terrível... aquele ocaso, que era o de sua vida também, tornava-lhe penosíssima a idéia da morte.

Mas não pôde mais... Atirou-se sobre a cama de bruços e, mergulhando a cabeça nas almofadas, chorou copiosamente, com raiva, com dó, com desespero, convulsionado por um sentimento estranho, complexo, desconhecido, de incomportável crueza. De repente ouviu bater à porta...

Ergueu-se, enxugou os olhos, compôs o semblante, e abriu. Era Alfred, que vinha às ordens. Perplexo, mal repostado do abalo nervoso daquela crise, não sabia o médico que lhe dissesse. Disse-lhe, por fim, que se achava indisposto, que lhe fosse buscar uma garrafa de vinho do Porto e um cálice; e, cumprida aquela ordem, deu-lhe mais esta: que só lhe aparecesse na manhã seguinte às sete horas.

Estava novamente só. Ainda bem! Bebeu de um trago um cálice de vinho; acendeu um charuto e entrou a passear em toda a extensão do quarto, esforçando-se por assenhorear-se novamente de si próprio.

Então, que covardia era aquela? Fora a sugestão do crepúsculo... Mas passara. Que horas eram? Sete horas. Matar-se-ia à meia-noite, à hora legendária dos mistérios, dos crimes e... dos amores. Dos amores! Como foram curtos e desgraçados os seus!

Tirou do bolso uma fotografia de Corina; mas, como viessem com ela alguns papéis, lembrou-se que devia fazer uma limpeza em toda a sua papelada. Meteu logo mãos à obra: rasgou rapidamente documentos extintos e cartas sem importâncias; apartou as de valor e destruiu em pequenos fragmentos as que lhe pareceram comprometedoras.

Só restava o retrato de Corina; pôs-lhe as mãos para rasgá-lo, mas deteve-se: queria contemplá-lo até os derradeiros instantes de sua vida. Que linda era! Como o fizera feliz aquele corpo maravilhoso de ninfa!... Mas só o corpo, que a alma era a das borboletas. Não o amara aquela mulher; não o amara. Nunca havia amado nem amaria nunca. Era uma leviana, uma frívola, uma coquete. Afinal, não era dela a culpa. Fora o seu temperamento e fora a sua educação que a fizeram assim.

Ah! Se ela o houvesse amado, tê-lo-ia acompanhado, arrostando, com ele e como ele, bravamente, a justa cólera do esposo, os ridículos e as grosserias do escândalo, as exprobrações hipócritas da sociedade e as maldições enfáticas da moral pública... Se o amasse, não pensaria no marido, na sociedade, na moral, no escândalo, no que diria fulano e sicrano: só pensaria nele, entregar-se-ia nas suas mãos, dando-lhe o seu coração e a sua vida.

E então ele não seria obrigado pelo respeito de sua própria honra a matar-se, porque poderia bradar a Fernando : "É a mim que ela ama, e por isso te deixa para acompanhar-me. E eu adoro-a! Fere-me, mata-me, se te apraz; mas fica sabendo que não conseguirás, arrancando-me a vida, arrancar a minha imagem do seu coração!" E se ele o ferisse, como lhe seria doce e gloriosa a morte! Oh! Sonho irrealizado!

De repente, como se aquela idéia o alucinasse, sacou do bolso o estojo cirúrgico, escolheu dentre os ferros um bisturi de cabo de tartaruga, abriu-lhe a lâmina espelhenta, fixou-a, puxando um pequenino botão, e examinou-a atentamente, experimentando-a na palma da mão: depois descansou-o ao lado da fotografia. Meteu o estojo novamente no bolso; depôs o relógio e a corrente sobre a mesa, despiu e pendurou o colete e o paletó, tirou o colarinho e os punhos, e destes os botões de ouro, reuniu todo o dinheiro num maço, que embrulhou em uma folha de papel, sobre a qual escreveu a quantia e, tudo isso feito, consultou o relógio: eram 11h30. A sua calma enchia-o de espanto, assustava-o.

No quarto contíguo acabava de entrar o respectivo hóspede, cantarolando alegremente a ária famosa da Carmen:

*L' amour est enfant de bohème.
Il n'a jamais connu de loi;
Si tu me m'aimes pas, je t'aime,
Et si je t'aime, prends garde à toi!*

— Como é feliz este bruto! Não ama, de certo; ou ama e é amado — murmurou raivosamente Paulino — Estará tudo pronto? — pensou, em seguida.

Lembrou-se de deixar uma declaração escrita para arredar suspeitas e evitar acusações injustas. Tomou de uma folha de papel e escreveu em caracteres graúdos e firmes:

"Mato-me por tédio e nojo da vida, mas considerando-me perfeitamente íntegro do cérebro. Deixo sobre esta mesa dinheiro e jóias e neste quarto malas e objetos de meu uso. A tudo isso determino destino claro e preciso no testamento que fiz hoje aprovar pelo tabelião Silva Júnior e está ao lado deste papel. Meu último pensamento e para minha irmã, meu irmão e meu amigo Fernando Gomes".

Em seguida datou e assinou.

Il n'a jamais connu de loi...

garganteava a meia voz o vizinho, atirando os botins ao chão. Um sino bateu os três quartos de hora. "Tenho 15 minutos de vida!" exclamou Paulino, com os olhos muito abertos para o relógio. Sentou-se à mesa, fincou sobre ela os cotovelos e entrou a contemplar o retrato de Corina. "Amo-te, amo-te, amo-te! Lembraste, ingrata, de que foram estas as únicas palavras que pude pronunciar naquela noite terrível do teu triunfo de coquete e da minha desgraça de homem honrado? E era a verdade! Amava-te como um louco! E é como louco que te amo ainda; sabes? Como és linda! Que olhos os teus, Corina! Oh! Não me sorrias assim, neste momento supremo, que me fazes perder a coragem, que me tornas um miserável! Não me tentes, Corina, com esses olhos, com esses lábios, com esse seio de deusa... porque fugirei do dever para o amor e irei viver indignamente, na traição e na hipocrisia, arrastando-me a teus pés. Minha Corina! Meu amor! Meu amor! Meu amor!" e beijava a efígie adorada sofregamente, com beijos de fogo, que não cessavam.

Mas, fora, no silêncio vasto da noite, uma pancada metálica de sino ressoou sinistramente; era a primeira badalada da meia-noite. Paulino ergueu-se como impelido por uma mola elétrica. Meia-noite!

A morte! Deu um último beijo no retrato, rasgou-o em pedacinhos que atirou à rua, entreabrindo uma janela, e empunhou o bisturi.

Nesse momento o seu cérebro iluminou-se completamente e nessa imensa luz súbita, todo o passado do infeliz foi-se desdobrando e discorrendo rapidamente. Reviu-se pequenino, na província, no campo, brincando com os poldros e os novilhos, e no colégio depois, e mais tarde na academia. Duas... A voz do pai, os sorrisos da mãe, as feições dos irmãos, um aspecto material, uma árvore, uma casa, um animal, que representaram papel importante na sua meninice, os mais remotos fatos, os episódios mais insignificantes, vinham-lhe à memória, nítidos, perfeitos, flagrantes; tudo ressurgiu, reviveu, passou... Três...

Enquanto o cérebro trabalhava desse modo, devorando-se no incêndio das próprias células, o suicida procurava com os olhos o ponto do quarto em que devia matar-se; achou o espelho do toucador; foi a ele; mas a luz do gás mal o luminava; acendeu a vela, depô-la sobre o mármore, abriu a camisa: o colo não ficava bem descoberto, depôs a arma, despiu rapidamente a camisa, que atirou para o meio do aposento. Quatro... Cinco... Empunhou de novo o bisturi, aproximou-se do espelho, fez menção de dar o golpe para verificar se a reflexão inversa da imagem não o levaria a errá-lo. E, em meio do trabalho estupendo de revivescência do cérebro, e dos atos materiais que ia praticando, o infeliz ia contando também as badaladas do sino: Seis, Sete, Oito... e ouvia o vizinho trautear ainda a canção da Carmen:

Si tu ne m'aimes pas je t'aime...

e o ruído que ele fazia vertendo água no vaso.

As artérias batiam-lhe violentamente, produzindo-lhe uma dor surda nas têmporas: o coração martelava-lhe na garganta... Nove, Dez.... Fitou os olhos arregalados sobre o vidro do espelho, achou-se horrível, desconheceu-se. Ergueu o braço direito com o bisturi pronto, com a mão esquerda apalpou e marcou a carótida para o golpe... Onze, o braço fez o movimento, a lâmina assentou no ponto que o polegar esquerdo marcava... Doze! Um jorro de sangue, em repuxo impetuoso e alto, esguichou, cobriu o espelho, salpicou tudo em volta do lavatório; os braços do suicida ergueram-se no ar, num gesto vago de quem se afoga, o bisturi tombou sobre o mármore. O corpo, um momento vacilante, descreveu um movimento rotatório para a esquerda, com a cabeça tombada sobre a espádua direita, meio desprendida do tronco; depois, caiu pesadamente no chão, abafando o ruído da queda sobre o tapete que o forrava, e ficou estendido a fio comprido.

Nesse movimento o jorro de sangue, que apenas não era já tão alto, tingia em torno o papel da parede, as roupas do cabide, os móveis, tudo, e, depois de caído o corpo, foi escorrendo pelo soalho, num fio coleante, passou para o corredor por baixo da porta, como um regato rubro, quente, fumegante.

L'amour est enfant de bohème...

trauteava ainda o hóspede alegre do quarto contíguo; mas já muito indistintamente, entre bocejos. E, meio minuto depois, a cama rangeu e estalou com o peso do seu corpo acomodando-se para dormir.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO I

O BARÃO DE SANTA LÚCIA

São decorridos quatro anos e meio. Nesse curto período, instante imperceptível na vastidão infinita do tempo, quantos acontecimentos, quantas mudanças, quantas alterações nos homens!

Mas para que se possam perceber e julgar não deve olhar a coletividade, observar a multidão, porque esta não muda: apresenta sempre o mesmo aspecto de movimento e variedade; sua vida é uniforme e, se alguma alteração se pode notar, é que a massa é ainda mais numerosa e mais ativa que dantes. Os que desapareceram — desapareceram definitivamente: nenhum vestígio, nenhum leve sinal os faz lembrados.

O homem morre; a sociedade fica e vai por diante — compacta, agitada pelas paixões, tangida pelo interesse, precipitada por uma forte vontade ignota para um destino obscuro e atraente como uma formidável montanha de ímã encoberta num véu de névoas. Mas se tomamos à parte uma família, então, verificamos como influíram sobre ela, modificando-a, transformando-a, esses quatro ou cinco anos.

Uns morreram, nasceram outros; os rapazes fizeram-se homens; as meninas cresceram, casaram. Tornaram-se mães; a uns afastou para mais longe a necessidade de ganhar o pão; a outros abasteceu o acaso ou a prevaricação; a estes a enfermidade inutilizou na anquilose ou na imbecilidade; àqueles perdeu a ambição, a cólera ou a sensualidade, levando-os ao roubo, ao adultério, ao assassinato, ao suicídio.

Quanto vão movimento! Que agitação estéril! Nesta colossal partida de xadrez do homem com a morte, é esta sempre quem ganha a negra e sem dar a desforra.

Na conta monstruosa da vida, em que os algarismos são escritos com lágrimas, e por isso desaparecem, ou com a tinta rubra do sangue ou com a tinta negra do luto, o algarismo vencedor, que a todos devora, é o zero... Que importa isso, porém? Enquanto se vive, forçoso é... viver; e viver é essa agitação, esse tumultuar, esse sofrer, esse iludir-se, esse aspirar, esse morrer de todos os minutos.

Nos quatro anos e meio que passaram desde o suicídio de Paulino, profundamente mudou a existência dos personagens desta singela história — singela como a verdade e a desgraça.

A viúva Prestes morreu dois anos e tanto depois, em seguida a uma terrível operação. Apurado o seu espólio, Corina, na qualidade de sua herdeira universal, apenas recebeu as jóias, que eram valiosas, e a casa em que morava a madrinha. Tudo o mais foi absorvido pelos credores. Só os três médicos que operaram a infeliz apresentaram uma conta de 12 contos de réis, que foi paga.

O inofensivo Castrioto desaparece de dia para dia, minado por uma afecção gastrointestinal, que os médicos não podem vencer e em cujo diagnóstico dois, ao menos, não conseguem combinar.

Fernando Gomes, a que o desgosto de perder o seu amigo daquele modo trágico, encanecera quase completamente, não parece mais o mesmo homem feliz que o leitor conheceu; além dos cabelos brancos e das rugas precoces, tem um ar

sombrio e dolorido, que lhe é impresso à fisionomia pela tristeza do olhar e por uma prega irônica dos lábios, raramente abertos em riso franco.

Um mal nunca vem só; afirma a experiente sabedoria do povo, e com razão.

A morte de Paulino fora, por assim dizer, o sinal da chegada do infortúnio para o seu amigo. Desde esse dia a roda da sua fortuna começou a desandar rapidamente: nunca mais fez um bom negócio; as melhores combinações falhavam-lhe: teve complicações graves com alguns comitentes, nas quais a sua boa-fé e a facilidade geral de então em tratar negócios o comprometeram bastante; realizou, por conta própria, operações desastradas, e, por fim, tendo jogado a última cartada, embarcado os últimos capitais num grande report da Companhia Geral de Estradas de Ferro — a famosa Geral sem mais nada — foi, como milhares de outros, vitimados pelo crack formidando; passou de quase milionário a quase pobre, apenas lhe restando, de sólido, algumas ações do Banco dos Estados Unidos do Brasil e a sua bela chácara da Tijuca.

Começou a débâclé. O que primeiro passou foram os carros e os cavalos; depois despediu-se a criadagem e empenharam-se jóias; seguiu-se a hipoteca da chácara e uma segunda sobre os remanescentes da primeira. Depois mudou-se Fernando para um chalé modesto, na rua do Bispo, para aproveitar-se do aluguel da chácara. Esta passou, por fim, para outras mãos, vendida em praça para pagamento dos credores hipotecários. E Fernando, lentamente acanalhado pelos revezes e pelas más companhias que estes geralmente trazem, pois ele não ousava mais freqüentar em condições tão inferiores as de outrora, a antiga roda de magnatas da política e das finanças, não sabendo de que modo satisfazer às exigências de conforto e de luxo de sua mulher, não podendo mais simular, como fizera por tanto tempo, uma certa abastança, pois estava crivado de dívidas e o crédito esgotara-se completamente. Fernando vivia agora principalmente do jogo. O que conseguia ganhar na praça em corretagens, arriscava-o à noite sobre o tapete verde da roleta e do dado ou à mesa do pôquer. Perdia o mais das vezes. Mas como se tornara freqüentador assíduo das casas e clubes de jogo, adquirira crédito entre os jogadores, e já não sentia grandes apertos de dinheiro.

Vamos encontrá-lo agora associado, com o seu inseparável amigo Viriato de Andrade, em um desses clubes, na rua visconde do Rio Branco.

Nesse estabelecimento, perfeitamente montado para o seu mister, e habilmente disfarçado em clube recreativo, entra o marido de Corina às três ou quatro horas da tarde para somente sair na madrugada seguinte.

As poucas horas que passa em casa, passa-as quase todas dormindo. Levanta-se geralmente às dez da manhã e sai à uma da tarde. Só tem para conversar com a esposa a duração do almoço, ou pouco mais. E é a essa migalha de tempo que está há dois anos reduzidas a convivência desse casal.

Corina, que podia ter-se salvado se não perdesse o filhinho, que dera à luz alguns meses depois da morte de Paulino — o que foi novo e duríssimo golpe para Fernando —, Corina habituara-se àquela nova existência e com ela se acomodara sem pesar nem constrangimento.

Aquilo era a liberdade quase completa. O marido, ausente toda a noite e metade do dia, tornara-se para ela quase um estranho, com quem apenas contava para a manutenção da casa e satisfação dos seus caprichos. Essa liberdade era-lhe garantida pelo fato de só ter como criados a velha e fidelíssima Maurícia, que não trairia sua filha de criação nem sobre uma fogueira, e um chacareiro velho e bronco, que dormia numa casinhola ao fundo do quintal.

Após o suicídio do primeiro amante tivera mais dois, o primeiro dos quais fora o elegante e pertinaz barão de Santa Lúcia — esse homem excepcional que tinha e praticava a rara e preciosa virtude de "saber esperar", e que mais uma vez vira confirmada a sabedoria da sua máxima e divisa: "Acontece sempre o que se quer com firmeza e se espera com paciência".

A impressão causada em Corina pela morte sinistra e consternadora do seu amante fora profunda, extraordinária, de modo a parecer que seria igualmente duradoura; e foi tão forte que se o marido amasse menos Paulino e pudesse distrair a sua dor observando a alheia, teria provavelmente estranhado fosse tão violento o efeito dessa desgraça sobre Corina. Mas, passadas duas ou três semanas, uma singular transformação se operou nas idéias e nos sentimentos desta a respeito do seu primeiro e infeliz amante. Entrou a convencer-se de que se ele a amasse realmente não se teria matado; que não foi ela a causadora daquele infortúnio mas sim a esquisitice do gênio de Paulino, que sempre tivera idéias extravagantes, fora do comum, absurdas mesmo. Se ele a amasse deveras, como lhe dissera e jurara tantas vezes, em vez de deixá-la e estourar os miolos, teria ficado junto dela, para vê-la, ouvi-la, beijá-la, tê-la sempre perto de seu coração.

Proviera lhe essa ordem de pensamentos da observação que fez, alguns dias depois do fato, que Paulino não deixara nenhuma prova de que houvesse pensado nela nas últimas horas de sua vida — nem uma lembrança, nem uma palavra!

Não tinha ele escrito na sua declaração derradeira, momentos antes de matar-se: "Meu último pensamento é para minha irmã, meu irmão e meu amigo Fernando Gomes?" Por que não para ela também? Que tinha que o dissesse? Excluiu-a, esquecera-a...

É tão complexo e tão sutil o amor-próprio feminino! A mulher por quem um homem se mata sentirá sua morte tanto mais profundamente quanto mais convencida estiver de que foi realmente por amá-la que o infeliz se matou: não porque sinta remorsos ou sinceramente lamente a perda de um coração que lhe era tão dedicado: mas porque aquele suicídio era a homenagem mais elevada, mais preciosa, a última que ele poderia prestar a sua beleza, à sua graça, aos seus encantos. E a dor que ela sente não é mais que a gratidão da sua vaidade. E essa mulher chora, consterna-se, desfalece de mágoa... convencida de que amava aquele homem mais do que o julgava ou não sabendo que o amava. Passem os dias, e com eles as lágrimas e o dó... e essa mulher não se lembrará sem um íntimo gozo finíssimo que houve um homem que se suicidou por amá-la, por não poder possuí-la, por julgar-se desprezado por ela. A uma — é verdade que atriz — já ouvi gabar-se — oh, sim: gabar-se! — de ter sido a causa de três suicídios!

Corina, despeitada com o morto por haver partido de junto dela, primeiro, e do mundo, em seguida, sem lhe deixar uma palavra escrita, uma lembrança, um adeus, uma prova de que ela ocupava o seu pensamento nos últimos momentos de sua vida, começou descrever que houvesse sido ela a causa do suicídio até convencer-se de que a verdadeira causa fora desarranjo mental de Paulino, que sempre fora tido na conta de esquisitão, de tipo singular. Essa opinião também era a do marido, que lha sugestionara em parte: o qual não podia ter outra, não encontrando para um ato tão imprevisto e desarrazoado outra explicação senão a loucura.

Acresce que Santinha também dizia pensar desse modo embora a principio mostrasse acreditar que fora o amor do médico pela amiga a causa do suicídio. A verdade é que ela o acreditou sempre: mas desejava de distraí-la, de vê-la

novamente alegre, gozando a vida amplamente, plenamente, fez sua a opinião de Fernando.

Três meses depois do triste acontecimento, nenhum vestígio dele se encontrava na fisionomia, nos gestos ou no vestuário de Corina: restituíra-se à ruidosa vida dos concertos, espetáculos e bailes — aos quais nunca mais a acompanhou o esposo, completamente sucumbido à sua irremediável dor.

Nos salões reencontrou Corina o seu fiel e paciente adorador barão de Santa Lúcia, que teve a prudência e a discrição de não se referir aos fatos que se passaram no largo intervalo havido nas suas relações mundanas, senão de um modo tão leve e tão hábil, que bastasse a significar à moça que ela melhor houvera feito em aceitar a corte constante e tímida e o amor resignado que lhe ele oferecia de tão longa data, que em preferir-lhe Paulino.

Santinha, o seu anjo mau, impelia-a para os braços do barão com a mesma risonha e calma inconsciência com que a impelira aos braços do médico. Depois Fernando, apanhado em cheio na vida infernal dos ricos que se debatem para salvar-se na corrente do *crack*, cada vez se desapegava mais dela, quase não acarinhava, mal lhe falava e raro lhe sorria... E o fato consumou-se: Corina entregou-se ao barão.

Fidalgo de maneiras como de sentimentos, dourou-lhe e enfeitou-lhe tanto quanto pôde as vilezas do adultério, evitando a frequência da casa de Corina e as relações com o marido e dando encanto e distinção ao ninho em que ocultavam os seus amores e que ele preparara em uma casinha de sua propriedade, oculta nos folhetos e ramagens de um jardim, numa rua nova de arrabalde calmo. Somente neste retiro perfumoso e elegante consentia, o barão em estar com a amante. Recusou sempre ir vê-la em casa, à noite, embora ela lhe garantisse não correria nenhum risco por o marido só recolher sobre a madrugada todos os dias. Evitava mesmo encontrá-la na sociedade.

Era um homem extremamente cauteloso e prudente, medroso mesmo, arreando-se de tudo, tudo prevenindo, nada confiando ao acaso. O fundo de seu caráter era formado de calma e ponderação. Metódico por índole e hábito, tinha a vida pautada como uma página de música. Registrava os mínimos atos da existência e as mais insignificantes despesas. Era um espírito de septuagenário num corpo de 30 anos. Muito alto, muito magro, o olhar sereno, meio velado de melancolia, bigode escasso e negro, acentuando a palidez do rosto sem barba, de maçãs salientes, fronte escampa, coroadada de cabelos pretos, lisos e longos, de que vinham alguns cair sobre ela com um ar triste de ramos de salgueiro. Falava pouco, em murmúrio, com uma voz melodiosa, e uma precisão notável de locução; cada palavra tinha um papel distinto na frase e era insubstituível. Só dizia o que queria, quando queria e como queria.

Órfão, rico, independente, desambicioso, partindo em largas viagens à Europa, à Ásia, à América, quando o tédio o empolgava, fora sempre levado pelo seu egoísmo, delicado na forma e feroz no fundo, a repugnar o casamento — esse "egoísmo a dois" sem a felicidade de nenhum — e, por isso, resistindo a verdadeiros assédios de famílias que sonhavam atraí-lo a seu seio e a senhoritas das mais lindas e das mais prendadas do nosso *high-life* conservara-se o barão obstinadamente solteiro.

Desde a primeira vez que viu Corina sentiu-se vivamente impressionado; da terceira desejava-a, ardentemente. Acompanhou-a desde então através de todas as festas, públicas e particulares, fazendo-lhe uma corte assídua, mas tão respeitosa que Fernando, tendo-a percebido e vigiado de perto, nada pôde fazer para acabar

com ela, receoso de parecer ridículo. Desde o baile de recepção de Paulino, pressentiu e anteviu o barão o que ia acontecer entre este e a sua amada e recolheu-se à sombra, não desejando estabelecer uma competência e uma luta que lhe repugnavam ao caráter; pôs-se de lado, arredado mas vigilante. Acompanhou assim aquele idílio que tão tragicamente devia findar. Quando viu a formosa estouvada voltar à frequentação do mundo elegante sem vestígios visíveis de comoção ou tristeza e desacompanhada do marido, julgou chegado o momento de dar a batalha decisiva e recomeçou a sua interrompida corte com dobrado ardor, quase certo da vitória. Não se iludia nos seus desejos e nos seus planos.

Durou ano e meio esse amor culpado, embora parecesse dever eternizar-se. Esses amores acabam sempre por não terem por base a amizade e o respeito, e acabam dissolvendo-se em ódio e rancor. Os amores, filhos do consórcio do desejo com a ilusão, vivem, como as falenas, a vida efêmera dos pais. O que primeiro morre é o desejo; a ilusão pouco lhe sobrevive, e ante os dois cadáveres brancos e frios, amortalhados em rosas murchas e em lírios fanados, os pobres amores arrastam-se ainda algum tempo e expiram, por fim, para ressuscitar e reviver na saudade.

Mas o que precipitou o desfecho dessa ligação, já de si tão frágil, foi o gênio de Lúcio — era este o nome de batismo do barão, cuja mãe era Lúcia — gênio que ninguém poderia suspeitar sob aquela aparência imperturbável de serenidade e doçura.

Lúcio, como todos os egoístas do seu quilate, era excessivamente zeloso.

O ciúme assumia naquela alma solitária e cética o estado intolerável de uma dor fulgurante mas não intermitente; e o que o desgraçado sofria era horrível. A princípio contivera-se, reprimira, ocultara o seu mal, o demônio que lhe rola o coração; mas pouco a pouco ele foi surgindo aos olhos de Corina em toda a sua hediondez.

Ao fim de alguns meses era um inferno a vida dos dois. Lúcio ofendia-a e conspurcava-a com as suspeitas mais torpes e mais inverossímeis. Obrigava-a a dar-lhe conta de todos os seus atos; e ela nenhum podia ocultar-lhe, porque sabia que ele a seguia de longe espiando-lhos e informando-se habilmente de todos os seus passos por meios indiretos, com os amigos dele e as amigas dela; e no mais inocente encontrava motivo para fazer-lhe uma cena dolorosa ou violenta, em que se martirizava martirizando-a, cenas que estragavam todos os seus transportes de desejo, toda a sua convivência de amantes.

As vezes nem se beijavam. As duas ou três horas da entrevista eram gastas em recriminações, em disputas, acusações injuriosas de um lado, defesa desesperada do outro, soluços, suspiros, risos de ironia, gritos de revolta... às vezes ele reagia contra si mesmo, contra aquela anomalia fatal do seu espírito, e, por um esforço violento, recalca as suspeitas, as queixas, as recriminações e humilhava-se, rojava-se suplicante aos pés de Corina, beijava-os, lambia-os quase, como um rafeiro batido. Nesses dias eram deliciosas aquelas horas de pecado e mistério. Ele recuperava a sua doçura, ela a sua alegria. Mas era contar certo com um recrudescimento de ciúme na próxima entrevista.

Uma vida intolerável para ambos. Quem primeiro cansou e começou a rebelar-se contra ela foi Corina, que não podia compreender com que direito aquele homem, que era apenas seu amante, a magoava e ofendia com seus ciúmes injustos e brutais, quando seu marido, que era seu marido e não um simples amante, depositava nela a maior confiança, não suspeitando dela em caso nenhum. Era demais! Quis romper com o amante, brusca e definitivamente, mas teve medo.

Sabia-o um cavalheiro, incapaz de uma vilania, de uma traição. Mas a paixão cega enlouquece os mais sensatos, torna grosseiros e maus os mais delicados e bondosos. Resolveu, ainda por conselhos de Santinha, ir acabando com aquilo devagar, insensivelmente, espaçando as entrevistas, faltando a algumas, deixando de defender-se das acusações e das suspeitas renascentes do barão. Este, para o fim, já se ia tornando insuportável; já não podia vê-lo sem sentir-se irritada, nervosa, agressiva. Os seus afagos deixavam-na fria, as suas habituais ciumadas enervavam-na como picadas de alfinete continuadas, impertinentes, em vários pontos do corpo.

Depois, um novo capricho lhe nascera no espírito ocioso e doente, um novo desejo lhe perturbava o coração despuorado.

Corina conhecera, por ter-lhe sido apresentado em um sarau, um belo e guapo sujeito, português de nascimento, mas há alguns anos residente no Brasil, e que se dizia guarda-livros de uma casa comercial importante. Chamava-se Hugo da Silva Rosa. Robusto, espadaúdo, peitorais amplos, cabeça forte, cara larga, tez morena, faces gordas e coradas, bigodes cheios, de fios pretos e crespos; um soberbo exemplar de meridional. E depois que lábias, que maneiras, que tagatés e delicadezas para com as damas! Tinha fumaças literárias e não se fazia rogar para recitar ao piano, anediando a cabeleira trovadoresca, uns horrores rimados e meluriosos, que dava por de lavra própria e que produziam um efeito seguro sobre o auditório feminino. A voz redonda, cheia, veludosa, tinha modulações de infinita doçura, que o olhar quebrado, de ovelha morta, acentuava de modo irresistível.

Era a coqueluche das salas o guarda-livros poeta, o belo Hugo da Rosa — como ele assinava —, abreviando. A fama das suas aventuras amorosas tornava-o muito interessante e curioso para as senhoras de todas as idades, mas principalmente para as solteiras jovens, as viúvas sensuais e as casadas românticas; as primeiras viam nele um marido bonito, muito apresentável; as segundas, senão um substituto valente ao seu defunto esposo, um homem capaz de consolá-las da sua perda; e as terceiras um amante ideal, formoso como Romeu, cismarento como Hamlet, heróico como Orlando.

Vestia-se a rigor, mas com um gosto comum, *rastáquouère* gravatas flamejantes, colarinhos inverossímeis no talho e nas dimensões, *vestons* pretensiosos, bengalas formidáveis, ramalhetes grandes como repolhos, na botoeira. Há mulheres que morrem de amores por essa espécie de homens, que para elas reúnem as qualidades mais preciosas — força, audácia e brilhantismo.

Hugo da Rosa era o tipo comum e desprezível do *bellâtre*, do Adônis pelintra, todo roupas e jóias, mas vazio de cérebro e de coração. Geralmente a mulher pouco se importa com os dotes relativos a esses dois principais órgãos da vida — sobretudo ao primeiro.

Corina sentiu-se influenciada também por ele, e, dominada pelo seu prestígio poderoso, não teve forças para resistir à corte que ele apressou-se em fazer-lhe, desejoso de juntá-la à sua já bem fornida coleção de amantes, classe "burguesas finas". E o miserável tão habilmente lhe preparou a queda, que Corina não pôde evitá-la antes de romper com o barão, de modo que teve dois amantes simultâneos, enganando um com o outro e o marido com ambos.

Mas Lúcio soube sem demora dessa inconcebível baixez da amante e devia ter sofrido horrivelmente desse golpe no que ele tinha de mais delicado que o seu próprio amor — no seu amor-próprio, a julgar pela vingança que contra ela tomou, ele tão delicado e tão tímido...

No primeiro encontro com o barão a que foi Corina depois de ser amante do guarda-livros, e a que não quis faltar para evitar suspeitas da parte de Lúcio, não foi este quem a recebeu, à porta, como costumava, mas a velha criada francesa que tomava conta do chalezinho. Perguntou por Lúcio; a criada informou que o senhor barão estava no *boudoir* e lhe pedia o favor de lá ir. Corina entrou, abrindo as cortinas de guipura que o separavam da sala e estacou, apenas transpôs a porta, perplexa, imóvel, reduzida a estátua.

No elegante *boudoir*, formado no quarto de dormir por um lindo biombo chinês, que ocultava a cama, dividindo-o em dois, estava o barão sentado numa cadeira, a cavaleiro, com os braços cruzados sobre o espaldar, sério, pálido, vestido de preto, conversando ou fingindo-o, com uma mulher deitada, em frente dele, sobre uma *chaise-longue*, estofada de damasco. Era Madelon. Vestia apenas uma camiseta de seda cor de ouro velho, de cuja fímbria saíam as pernas, modeladas em meias pretas, e fumava uma cigarrilha negligentemente.

A surpresa das duas mulheres, encontrando-se, foi enorme. Corina empalideceu mortalmente e cerrou as pálpebras; a francesinha ergueu-se confusa, interrogando o barão com os olhos espantados. Mas o barão, sem se perturbar nem levantar-se, disse com um tom de irônica cerimônia, apresentando-as:

— Madeleine ou Madelon, como é mais conhecida, estrela do nosso *demimonde*, minha amante; madame Hugo da Rosa, estrela do nosso *grand-monde*, minha ex-amante.

Corina sentiu vergarem-se-lhe as pernas ante a afronta inesperada e crudelíssima; uma nuvem cobriu-lhe de sombras a vista; agarrou-se ao portal. Mas a necessidade de fugir daquele recinto era tão imperiosa que conseguiu, dominando a sua comoção, sair do *boudoir*, buscando, vacilante, atordoada, a porta da rua, através da sala. Mas o barão estava a seu lado, acompanhando-a, e dizia-lhe com um tom de voz estranho, cavernoso, assustador:

— O doutor Paulino, o seu primeiro amante, substituiu aquela cocote pela senhora; eu faço o contrário: substituo-a por aquela cocote. Passe bem.

E abriu a porta envidraçada que comunicava a sala com o jardim. Corina saiu sem uma palavra, sem um gesto, lenta, hirta, como uma sonâmbula.

Três dias depois partia o barão de Santa Lúcia para a Europa, sem deixar um cartão de despedida a ninguém.

CAPÍTULO II

UM MISERÁVEL

Fernando era decididamente um homem perdido para a família e para a sociedade. Fizera do jogo profissão: dele, por ele e para ele vivia. Deixara inteiramente de freqüentar os amigos: não fazia uma visita; não acompanhava a esposa a um divertimento; não lia um livro; não sabia dos acontecimentos políticos que agitavam a opinião senão pelos boatos ou comentários que lia ao acaso num jornal ou ouvia à mesa do jantar, no clube.

Só passava em casa os domingos e dias feriados, e bem aborridamente, valha a verdade. Faltava-lhe o seu meio cotidiano, vário, agitado, picante de vício. A própria companhia da mulher, sempre formosa, e que ele amava como dantes, entediava-o também. Enchia essas tardes mornas e longas, dando com ela estirados passeios pelo seu arrabalde, em roupas leves, boné e bengalinha, ou charutando entre bocejos mal contidos, estendido numa espreguiçadeira de vime das Ilhas, no jardim, enquanto a mulher dedilhava melancolicamente no seu Pleyel.

Quando o casal Viriato vinha jantar, o que era freqüente, passavam mais agradavelmente esses dias de inútil descanso. Os dois casais jogavam o pôquer renhidamente antes do jantar e à noite até 11 ou 12 horas.

Foi num desses dias que Hugo da Rosa, que já era amante de Corina desde três meses, visitando-a quase todas as noites, se introduziu oficialmente no mênage. Fernando já o conhecia do clube, que ele freqüentava ultimamente com bastante assiduidade. O Lovelace era cauteloso: antes de ir ocupar o lugar de Fernando no leito conjugal ia verificar se ele passaria a noite fora de casa. Fizera-se seu íntimo a ponto de atuarem-se; levava-o a patuscadas, apresentava-o a cocotes.

Tivera Hugo a engenhosa idéia de fazê-lo embeijar-se — para falar a gíria desses senhores — por uma atriz de opereta, pequenina e nariguda, mas petulante, viva, bem feitinha: a Bianchini. Está claro que havia sido amante de Hugo, que o era ainda um pouco, porque esses homens não rompem nunca com as suas amantes; gozam-nas, exploram-nas, maltratam-nas, abandonam-nas: mas, se novamente se encontram, é como se nada houvesse ocorrido: elas recebem-nos de novo a sua alcova, a sua mesa, senão com alegria, muitas vezes sem desagrado. Àquele sucedia isso freqüentemente. Estava na rua do Ouvidor, no seu grupozinho bem conhecido, porta do Cailtau ou do Braço de Ouro, quando passava uma das suas antigas vítimas...

— Olhem a Rita Mineira! Bravos! Mas está ainda bem boa!

E ia logo abordá-la; e era certo passar com ela a noite. E que elas sabem o que eles valem; que quando estão a tinir eles têm sempre um amigo apatacado para apresentar-lhes, ou um expediente seguro a aconselhar.

A atrizita, italiana de origem, apesar do muito que dele sofrera, durante o seu curto *collage*, não conseguira odiá-lo e, quando o capricho, mordendo-o, o levava de novo para ela não lhe vedava a porta de casa, se o amante fixo não estava, é claro, porque o Lopes, o cômico mais desengaçado dos dois hemisférios, não era para graças e tinha a mão pesada.

Hugo levou uma noite Fernando aos bastidores do Lucinda e apresentou-o a Bianchini, a quem Fernando enviava há uns dez dias, em todos os espetáculos, como preparativo, um belo ramo de violetas, acompanhado do seu cartão de visita, o que já havia rendido à pobre rapariga meia dúzia de bofetadas do seu Lopes terrível. Bianchini, já preparada também por Hugo, acolheu-o animadoramente; mas foi-lhe logo dizendo — antes que o seu homem viesse da cena, onde fazia rir a estalar a rapaziada das torrinhas, — que não a procurasse ali, mas em casa, depois do espetáculo: a noite, sim; de dia, nunca! É que o Lopes tinha mulher e filhos e, em meio da sua vida de desregramentos, cultivava a singular virtude de não dormir nunca fora de casa, o que o fazia adorar da esposa e admirar dos colegas, que o proclamavam um pai de família irrepreensível.

Hugo ia, pois, todas as noites ao clube verificar se Fernando lá estava e se passaria o resto da noite com a Bianchini; e depois tomava o bonde e vinha dormir

com a mulher do amigo, calmo e despreocupado como se fosse ele o marido. Maurícia, a confidente incorruptível, a serva fidelíssima, era quem o introduzia a desoras e fazia sair, pela madrugada, com mil cautelas, que a própria ama não conhecia. Mas o experimentado Hugo sentiu a necessidade, imposta pela prudência, de freqüentar ostensivamente a casa; o diabo era que Fernando, desabituaado completamente de receber e fazer visitas, não se lembrava de convidá-lo. Mas soldado velho não se aperta", diz o ditado. Hugo, por uma sábia combinação de ingenuidade e desfaçatez, que lhe dava um ar encantador, disse um dia a Fernando:

— Homem, você ainda não me apresentou a sua senhora! Nem mesmo outro dia no camarote do Lucinda, no benefício da Bianchini, o que me encalistrrou deveras....

Fernando ficou vexado, confessou o descuido, pediu muitas desculpas e acabou por convidá-lo a jantar no próximo domingo. Foi um encanto; o rapagão encheu a tarde e a noite contando anedotas, recitando poesias, cantando fados ao piano, fazendo sortes e passes de cartas, dizendo galanteios as senhoras, principalmente a Santinha, para desorientar Fernando. Ficou desde então comensal certo aos domingos.

A fonte em que hauria recursos para manter-se e ao seu luxo de mau tom era um mistério, mesmo para os que o conheciam de perto, porque Hugo da Rosa, confirmando-o velho prolóquio, era de uma infelicidade inclemente ao jogo, qualquer que ele fosse: roleta, trinta quarenta, dados, lasca, pôquer... perdia sempre. Desempregado de há muito, inteiramente no vago, sem fortuna pessoal e sem sorte ao jogo, tratava-se, entretanto, como um *grand seigneur*, gastando a larga, passando a tripa forra, não olhando a dinheiro.

Tais mistérios dificilmente se descobrem ou se explicam limpidamente. O que se pode afirmar é que a chave deles é a infâmia. Esses homens, aparentemente frívolos e inofensivos, são impenetráveis por mal dos outros: debaixo dessa camada leve e brilhante de mundanismo perfumado, de ociosidade egoísta, de vícios elegantes, há uma outra — dura, séria, pétrea, formada da textura compacta de mil complicados expedientes de mentira, de canalhice, de calote, de furto.

É uma vida trabalhosa e arriscada a desses cavalheiros... de indústria. Virem, como aranhas douradas e peçonhentas, envolvidos em uma teia delicada e complicadíssima, que tecem continuamente, em que caçam os papalvos e os confiantes, obrigados a refazer sem demora as malhas que se partem, ameaçados de afogar-se nos próprios fios. Prometem daqui, pedem dali, enganam dacolá; a uns ameaçam, a outros suplicam; Ora arrotam contos de réis, e projetam empresas de fabulosos proventos, ora confessam uma quebradeira absoluta, segundo tencionam apanhar capitais grossos ou apenas morder alguém em uma de X. Mas essa entrosagem, complexa como o maquinismo de um relógio, só pode funcionar oculta, secretamente. E nisso consiste o maior trabalho e a mais séria dificuldade. É preciso impossibilitar as vítimas de gritar e denunciar; não deixar vestígios; não ter cúmplices; não cair, em suma, nas garras da polícia, sob a alçada da junta correcional. E, para consegui-lo, esses desgraçados — sim, que o crime é o maior dos infortúnios! — trabalham tanto como um cavador ou como um banqueiro; e que trabalho! O da mentira, da intriga, da dissimulação, do dolo; o único trabalho que não alegra nem rubora, o único que não dá orgulho nem consolo.

Assombra ver como esses meliantes conseguem equilibrar-se por tão longo tempo no alto dessa pirâmide fragílissima e tão perigosa de tratantadas de toda

espécie; mas o que mais assombra é ver um dia desmanchar-se, ruir, estender-se em pedaços no solo a pirâmide, o ginasta da velhacada cair com ela, diante do público e... levantar-se novamente, lépido, risonho, incólume, construir outra coluna de contos do vigário e sobre ela novamente manter-se regalado, estimado dos homens, querido das mulheres, beijado da sorte, festejado de todos. Ah! Compreendo e justifico esses coitados que, começando honestos e bons a labuta da vida, desprotegidos da sorte, esquecidos de Deus, estafam-se na luta acérrima e, contemplando os outros, os tais a que me estou referindo, descrêem da virtude, cansam da honestidade, desesperam-se da Providência e acabam imitando-os e perdendo-se.

Salvo os casos que constituem as exceções necessárias à confirmação da regra, para vencer, para triunfar na vida, nesta aspérrima vida contemporânea, é preciso, mesmo aos honestos, uma boa dose, bem combinada, de audácia, de hipocrisia e de crueldade; nada temer, não dizer senão verdades úteis e nunca toda a verdade e não ter pena de ninguém sem proveito próprio. Se essas qualidades são bem dosadas e bem combinadas e se têm ao seu serviço uma inteligência clara e polida por alguma cultura, o êxito é seguro. O que a sociedade chama de pior a esses homens é "egoístas"; mas admira-os, inveja-os e respeita-os.

Hugo da Rosa não era, porém dessa classe, mas da outra, dos ingenuamente imorais, inteiramente falhos do precioso senso do bem abstrato, capazes de todas as ações necessárias à consecução do seu ideal no mundo — a fruição de todos os gozos. A alma desses homens, se fosse material, parece-me que devera revestir a forma desses estranhos zoófitos chamados medusas, conhecidos vulgarmente por "geleias do mar" ou "águas-vivas" — massas gelatinosas, brancas, visguentas, frias mas cáusticas, sem forma definida.

Poucos meses durava a ligação repugnante desse homem com a mulher de Fernando e já a pobre moça amargava e expiava, em sofrimentos jamais suspeitados sequer, essa falta e as que a precederam, todas as suas culpas de adúltera.

Os seus primeiros amantes eram dois perfeitos cavalheiros; e duas almas nobres — incapazes de uma vilania. É verdade que o barão de Santa Lúcia se vingara dela cruelmente, quase brutalmente; mas, em sua consciência, ela reconhecia que um homem daquele temperamento e amando-a de tal modo, ao saber-se traído com um biltre do jaez do Rosa, era natural procedesse como procedeu. Quando a desgraça viu de perto, nua, escancarada, a alma de Hugo, ficou, transida de horror, como a mãe que, ao acordar, encontra enroscada junto ao seio, entorpecida no sono haurido no seu leite, uma cobra ascorosa, em vez da cabecinha do filho amado. E teve imediatamente este pressentimento: "Estou perdida!" E ela somente conheceu a alma do miserável depois de dois ou três meses de ligação.

A principio os seus vícios requintados de alcova, a sua experiência consumada de gozador espantou-a, repugnando-lhe; mas a semente perniciosa encontrava terreno propício, bem preparado a recebê-la, e plantificou virente. Ao fim de algumas sessões a discípula quase igualava ao mestre. Corina podia ser recebida entre as 1400 sacerdotisas de Afrodite Astarté, no recinto sagrado do Didascalion, na cidade santa do amor físico, tão artisticamente descrita por Pierre Louys no seu famoso romance. A obra do impudor, da prostituição estava completa; Corina era uma cortesã, tornara-se a digna amiga de Santinha, a quem os seus progressos enchiam de pasmo como os seus dotes físicos de inveja.

Se Fernando vivesse ainda um pouco para ela, se não fosse quase um hóspede em sua própria casa, cem claros indícios o teriam advertido do acanhamento da mulher: toaletes; na escolha dos perfumes; nos penteadores e nas camisolas de levantar e deitar; nos livros eróticos, ornados de estampas grosseiramente obscenas, que andavam sobre os móveis do quarto e do boudoir; nos gestos; nas palavras.

Mas ele próprio era outro, inteiramente diverso do que fora, nos bons e rápidos dias em que viveu com o seu idolatrado amigo morto. Tornara-se um vicioso, um *viveur* sem distinção, um epicurista vulgar, com o senso moral quase embotado; nada via, nada compreendia, nada encontrava de terrivelmente denunciador em todos aqueles hábitos novos, nas mudanças operadas na mulher a partir de algum tempo.

Corina só viu, e sem véus, em todo o seu horrível cinismo a alma do amante, quando se convenceu que este procurava explorá-la na bolsa, extorquir-lhe dinheiro, viver à sua custa, como os *souteneurs* descritos nos livros imundos da Paris impura, da Paris-Cythèra, que havia lido com asco. Sim; aquele conquistador era um *souteneur*; se ela se não acautelasse, seria capaz de fazer dela a sua *marmite*.

Começou ele pedindo-lhe, com simulado acanhamento, que lhe arranjasse cem mil-réis, de que precisava com a maior urgência, para um "aperto danado".

Corina, surpreendida, mas sem desconfiança do que aquilo realmente significava, pediu no dia seguinte o dinheiro ao marido, "para comprar umas coisas", ele prontamente lho deu, tendo por costume satisfazer todos os pedidos e caprichos da mulher.

Hugo recebeu o dinheiro, murmurou um "obrigado" entre dois beijos grossos e não falou mais em tal. No espírito de Corina ficou um amarujo de desgosto, um ressaibo, a um tempo nauseante e amargo, como o que deixa a poaia na boca.

Poucas semanas depois, Hugo pediu-lhe mais duzentos mil— réis. Ela teve um calafrio. Calou-se, a princípio; como ele, porém, a inquirisse em silêncio, com o cenho carregado, o olhar sombrio, deitado de bruços sobre o colchão, ao seu lado, balbuciou alguns monossílabos confusos... Ele carregou ainda mais a catadura e limitou-se a perguntar-lhe, com impassível desfaçatez:

— Pensarás tu, por acaso, que eu não tenciono pagar esse dinheiro? Julgas-me capaz de viver à custa das minhas amantes? Responde.

E fuzilavam-lhe malvadamente os olhos.

Ela desculpou-se, negando com calor; e prometeu-lhe o dinheiro. Desta vez o marido perguntou-lhe para que precisava de duzentos mil-réis, se ainda na véspera havia ele pago contas de chapéus e vestidos que somavam em quase um conto de réis. Ela sentiu-se enleada; abaixou a cabeça para ocultar o rubor das faces e disse, por fim, que era para uma jóia, um bracelete que vira, muito bonito, na vitrina do Luís de Rezende. E Fernando deu-lhe o dinheiro.

No seguinte domingo, falando-se em jóias, em meio de conversação geral, Fernando, voltando-se para a mulher:

— E a propósito — perguntou-lhe: — compraste o bracelete para que me pediste aqueles duzentos mil-réis?

Corina, apanhada de improviso, corou tartamudeou:

— Ainda não, porque... o Luís de Rezende já o tinha vendido e não achei outro que me agradasse tanto.

— Ah! — limitou-se a responder Fernando, imediatamente distraído por uma exclamação jovial do seu amigo Hugo da Rosa a propósito de qualquer coisa. As faces de dona Sinhá chamejavam; a cara sadia e risonha do amante respirava uma tranqüilidade absoluta de consciência.

Era o inferno que principiava para a pobre moça. As exigências do infame foram sempre crescendo. Por último... batia-lhe! Sim, quando ela não podia arranjar o dinheiro que lhe exigia, brutalizava-a, magoava-lhe os pulsos delicados nos seus dedos grossos, ou fustigava-lhe com eles as faces, guardando ainda a bofetada, em cheio, de palma aberta, para mais tarde, como argumento supremo.

Corina emagrecia; empalidecera, tinha olheiras violáceas, respirava sofrimento e opressão. Fernando alarmou-se com o estado da mulher; fê-la examinar por um médico dos mais notáveis, o dr. Castro, que receitou tônicos, banhos de mar, distrações. Corina não melhorava, porém. Se a sua enfermidade era a alma! Tentou reagir; como, porém, reagir contra aquele sujeito, capaz de tudo? Teve medo. Ele tinha cartas dela, além de mimos e lembranças, conhecidas do marido. Ele podia perdê-la e fugir, ou provar a sua culpa, dela, sem se comprometer, pois as cartas não tinham o nome dele nem o dela; mas a letra era autêntica, nem mesmo estava disfarçada...

Negou-se a recebê-lo como a ir encontrar-se com ele em outra parte. Ele respondeu friamente que, se dentro de três dias o não recebesse à noite, como costumava, ele escreveria uma carta anônima ao marido "contando-lhe as passadas façanhas da sua virtuosa esposa com certo doutor falecido e certo barão ausente". E a existência torpíssima dos dois recontinuava, ainda mais torpe e mais torturante.

Nos domingos, entre risos e frases alegres, a infeliz, com a palidez mal disfarçada pelo pó de arroz cor-de-rosa, tossindo de quando em quando, acompanhava ao piano as cançonetas picarescas do belo e triunfante Hugo da Rosa, ostentando a indefectível flor do seu apelido na botoeira, e a face bem escanhoadada, radiante de bem-estar, sobre a alvura luzente do colarinho e a fulguração multicolor da gravata.

Quem poderia suspeitar o drama pungentíssimo que se ocultava naquele quadro burguês de felicidade? Quem suspeitaria as torturas indizíveis que alanceavam o coração daquela mulher calma, séria, simples, sentada ao lado do esposo, no remanso domingueiro do lar? Quem adivinharia que aquele simpático e bonito moço, que era a alegria dos seres daquela casa aos domingos, era apenas um bandido, que vivia do dinheiro que obrigava a amante a pedir ou a tirar do marido? Oh! Ninguém suspeita, nem pode sequer, dispor-se a aceitar a existência de tão grandes infâmias!

Santinha, somente ela, conhecia o inferno em que se debatia dona Sinhá; e, sua amiga sincera e dotada de uma alma boa e sensível, fez quanto pôde para defendê-la, ampará-la, consolá-la, chegando mesmo a vender parte de suas jóias para arranjar dinheiro com que lhe valesse. Tentou intimidar o bandido: ele ameaçou-a de contar a Viriato a história de "uma certa Messalina, casada com o melhor amigo do marido dela"; procurou comovê-lo: ele riu-lhe na cara. Tudo foi baldado.

Desesperada, Corina pensou um momento em prostrar-se aos pés do marido e contar-lhe tudo; mas durou só um rápido instante essa idéia: Fernando esmagá-la-ia e com o desprezo com que se esmaga um verme sob a sola da bota. Pensou depois em fugir... Mas para onde? Não tinha um parente, nem uma relação fora da capital, nem meios pecuniários para ir para muito longe...

E se matasse? Era a solução única, a única tábua de salvamento. Oh! A morte ser-lhe-ia doce! Se era libertação! Mas não tinha ainda coragem para matar-se. Era preciso sofrer mais... muito ou pouco? Não o sabia. Sabia só que o sofrimento atroz em que se debatia havia meses não lhe havia dado ainda à alma débil e covarde a validez, o ânimo, ou o desespero necessário para abandonar voluntariamente, pela violência, o miserável invólucro terreno.

— Que desgraçada, que miserável criatura sou eu! Já não tenho pudor, nem dignidade, nem sequer o brio necessário para deixar de sofrer, para libertar-me dos meus grilhões de lama! — exclamava soluçante, mordendo os punhos numa convulsão de raiva, miserável de impotência.

CAPÍTULO III

A DENÚNCIA

Naquela noite era grande a concorrência nas salas do Clube Brasileiro, de que eram associados Viriato e Fernando, e corria o jogo animadíssimo em ambos os tapetes da roleta.

O conselheiro Gomes Lobato é um dos homens mais conhecidos, mais célebres mesmo, do antigo regime, pela sua notável inteligência, não vulgar ilustração e inquebrantável firmeza política. Militou com fulgor na imprensa conservadora, distinguiu-se na campanha abolicionista, prestou longos e bons serviços ao funcionalismo. Com a queda do regime monárquico retirou-se, porém, completamente da vida política. Nunca mais disse nem escreveu uma palavra em público. Tivera sempre duas paixões — a astronomia e o jogo. A segunda venceu a primeira, como venceu nele todas as curiosidades científicas e literárias. Atolou-se no jogo até ao pescoço.

Dentro em pouco encheu a cidade a fama das suas incríveis audácias à roleta e ao dado, arriscando dezenas de contos, perdendo hoje uma fortuna, para readquiri-la amanhã e tornar a perdê-la no dia seguinte, sem trepidações nem queixumes. Era digna de ver-se a sua figura majestosa de primeiro-ministro, a barba cerrada e grisalha, a fronte escampa e vincada, os olhos calmos e graves, os gestos pausados, a frase comedida, manejando os cartões dos cheques de 50 e cem mil-réis, perseguindo uma *martingalle*, empilhando e desempilhando os cartões, espalhando-os sobre os números: em pleno, no esguicho, na rua, a cavalo, e no manque ou no passe, sem açodamento, com precisão, tendo ainda tempo de acender e sugar o cigarro, dar balanço à conta de lucros e perdas, trocar frases com os parceiros, fazer alguma observação seca mas cortês ao crupiè.

Parecia o próprio gênio do jogo e o deus Hermes em pessoa.

Tinha teorias muito originais, muito suas, acerca do jogo. Como não jogava para perder, arriscava dez contos para recuperar dez tostões perdidos: e uma vez recuperados, parava, não jogava mais nessa noite. Jogava com o cálculo das probabilidades, variando de números e de processo, graduando matematicamente as *mises*, limitando com prudência os prejuízos, como o próprio ganho. Não aceitava nem permitia conselhos de ninguém e só os dava a quem lho pedia ou provocava e emitia-os com voz grave, sonora, empregando as expressões mais atenciosas, numa dicção cuidadosamente correta.

Era um mestre da língua, e mal disfarçava a consciência e o garbo que disso tinha. A clientela da casa, composta na maioria de ignorantaços e frívolos, ouvia-o com religiosa atenção e profundo respeito, como a um oráculo, embora entendendo bem pouco o que ele dizia, com ares pontifícios. Todos lhe davam excelência, desde os sócios do estabelecimento, dos quais o principal era um conde russo, até aos últimos ficheiros. A mesa do jantar, numa das cabeceiras, enquanto serviam e passavam os saborosos acepipes, regados por vinhos excelentes, senão na qualidade, ao menos no gosto e no buquê, o conselheiro disqueteava com ironia, mordaz porém cortês, acerca dos últimos acontecimentos políticos, revivendo casos e anedotas dos passados tempos. Era um encanto impagável vê-lo contar a um *decavé* de ar espesso e olhos sumos, incapaz de compreendê-lo, um desses episódios político-históricos, com uma *vêrve* encantadora e uma correção puritana de linguagem, raríssimas de encontrar juntas:

— Vou contar-lhe, senhor Burlamaqui, um dos mais curiosos episódios do segundo reinado. O imperador, que, como o senhor bem sabe, aliava à virtude de Marco Aurélio a sagacidade de Luís XI, tinha por inveterado costume mostrar-se não sabedor daquilo que melhor sabia, para sondar os conhecimentos e as intenções dos seus ministros e conselheiros. Prática excelente, meu caro senhor Burlamaqui; prática excelente! Ora, aconteceu de uma feita que, sendo presidente do Conselho o visconde do Rio Branco, esse vulto venerando da política do império, primaz entre os primazes, maior entre os maiores, se avisasse o imperador de consultá-lo sobre...

E nesse tom magistral continuava, disserto, conceituoso, grave e gracioso a um tempo... Raros, entanto, lhe aproveitavam as pérolas.

Nunca houve entre ele e qualquer ponteiro, mesmo dos que a sorte maltratava ou dos que se exaltavam com algum excesso de álcool, o mínimo desaguisado, a mais leve alteração. Todos o respeitavam, todos lhe reconheciam a incontestável seriedade. Punha os incidentes mais ingratos do jogo — a retificação de uma soma de fichas ganhas numa parada, a contagem do dinheiro, a reclamação de um pagamento esquecido — um ar tão austero, uma tal gravidade, que aquilo nem parecia jogo, parecia missa! Dava à bola como se consagrasse a hóstia e o vinho; cantava o número como se regougesse o *Dominus vobiscum*. Jamais convidava alguém a jogar e aos novatos pintava o jogo com suas verdadeiras cores.

Em meio daquela sisudez e amabilidade inalteráveis, desenvolvia uma prodigiosa perspicácia e um maravilhoso poder de observação. Os seus olhinhos escuros e luzidios tinham uma penetração de verrumas de aço e furavam um crânio à procura do pensamento que lá se escondia em dois lampejos rápidos.

Um homem superior inegavelmente; e que o era provava-o o conseguir dominar com destaque o meio em que vivia. A verdade é que ele se distinguia daquela gente, como o azeite da água — por cima.

Não se confundia com eles, e percebia-se no apuro de polidez com que os tratava a preocupação de conservá-los a distância e no tom com que se lhes dirigia um leve matiz de altivo desdém.

Em volta dos dois tapetes, à direita e à esquerda do banqueiro, sentados uns, outros de pé, jogavam indivíduos de todas as classes — um senador, dois deputados, um dos quais o Gama, de bigode branco, que falava pouco e desabridamente; um coronel do Exército, magro, muito vermelho, praguejando como um... militar, berrando a cada bola perdida: "Ora p...! Ora m...!" com voz de comando; três ou quatro funcionários da policia em exercício; um velhote de suíças,

macambúzio, a quem uns chamavam almirante e outros "chefe"; um advogado famoso; um leiloeiro; um jornalista muito estimado, pontuando de excelentes pilhérias cada bola falha; dois ou três corretores; um famoso banqueiro boêmio, já velho, parando às duas ou três fichinhas de quinhentos réis num só tio Oró; e um ex-ministro da República a que chamavam o porta-pastas por ter ocupado três a um tempo; um padre, a secular, fazendo um jogo diabólico; um barão assinalado... por bons serviços à pátria e a quem o demônio do jogo jurou limpar eternamente os bolsos.

O resto — uns suspeitos e uns desgraçados, lívidos, despenteados, suarentos, vesgos de ambição, ofegantes de impaciência, reincidentes do vício, arriscando sem cálculo e sem calma os últimos mil-réis; alguns limpos já, olhando melancolicamente e jogando de cabeça para verificar se ganhariam se acaso jogassem deveras; outros que vão ao clube só para jantar e limitam-se a sapear durante meia hora pela razão de que "Quem não bebe na taberna folga nela".

De vez em quando soava uma campainha elétrica e ouviam-se vozes pedindo em diversos tons: "Um copo com água". "Um conhaque." "Um copo de cerveja." "Um charuto." "Fósforos." "Um *chartreuse*." Criados apressavam-se, servindo. E ouvia-se o ruído dos ancinhos de madeira arrecadando as fichas de várias cores, aos montões, e que os ficheiros iam rapidamente separando pelas cores e acumulando em colunas de 20.

— Trinta e cinco. Quatorze — ia dizendo a voz sonora e grave do conselheiro.

— Com mil bombas! Quatorze, o dobro de sete, e eu, que joguei no sete, não joguei no quatorze! Ora m...! — estourava o coronel.

— Duplo zero. Trinta e seis.

— Jogo do inferno! Dá o Alfa e logo depois o Omega. O diabo que o entenda! — comentava o jornalista.

— Eu tenho duas em pleno e uma na rua — reclamava o banqueiro.

— Oitenta e uma amarelas — acudia o crupiè, passando-lhe as fichas. O banqueiro recolheu-as, juntou-as as que tinha diante de si, contou-as e depois disse ao banqueiro:

— Fichas a troco.

— Quantas?

— Duzentas e quinze.

— Cento e sete mil e quinhentos réis voltou o banqueiro, passando-lhe 108 mil-réis, por ser praxe generosa da casa arredondar toda fração de mil-réis. O tio Orô meteu o dinheiro no bolso e ia saindo quando um magricela o segurou pelo paletó:

— Ó tio Orô, empresta-me dez mil-réis.

— Você pensa que eu ganhei? Perdi 50 mil-réis. Não posso ser mordido.

Adeus.

Fernando estava na pontaria, provavelmente feito com a banca para animar a parcerada ou para diminuir os prejuízos da banca, que na segunda hora estava perdendo. Acabava de ser cantado o número 13, em que ele havia parado justamente 13 fichas, quando o porteiro veio entregar-lhe uma carta.

— Foi um moleque que já se foi embora, dizendo não ter resposta.

— Está bem.

— Quatrocentos e cinqüenta e cinco pérolas! — gritou o crupiè, passando a Fernando quatro cartões e três pilhas de discos de madreperola.

Ele examinou a letra do sobrescrito: não a conhecia, tendo-lhe parecido feminina pelo caráter do talho. Meteu-a no bolso externo do paletó, para não interromper o jogo a lê-la, e fez nova parada.

De todos os ponteiros apenas dois ou três estavam ganhando e desses o de mais sorte era o Paes, um homem baixo, gorducho, de bigode preto, ar simpático, major da Guarda Nacional, roleteiro por gosto, hábito e profissão, que estava perdendo havia sete ou oito semanas somas consideráveis, que não se sabia onde achava para poder perdê-las. Naquela noite parecia querer voltar-lhe a chance; parava nos números da primeira dúzia, cercando-os e carregando-os de todos os modos e em cada três golpes um era de número inferior a 13, o que fazia irem se avolumando os maços de cheques de 50 mil-réis diante dele. O seu lucro era calculado já em cinco contos e tanto.

O barão assinalado, tendo perdido a última nota, saiu do seu lugar e veio falar baixo ao ouvido do major Paes. Este, sem interromper o trabalho de distribuir fichas e cartões, respondeu-lhe, em voz alta, sem voltar-se para ele:

— Ora, seu barão! Pelo amor de Deus! Sempre o supus menos caradura! Pois o senhor tem mesmo o topete de vir pedir-me cem mil-réis emprestados, o senhor que, não há ainda um mês, negou-me 50 mil-réis em noite em que estava de sorte, esquecido de que me devia, como me deve ainda, mais de trezentos, há dois anos! Já é coragem!

O barão curvou o busto ereto e elegante para falar de novo ao ouvido do major. Poucas pessoas mostravam-se impressionadas por aquela cena trivial, ao que parecia.

— O senhor pensava que eu tinha esquecido... ou que, por ser o senhor barão e alta patente militar e não sei mais o que, eu me calava, fingia ter-me esquecido da sua ingratidão e do seu desaforo? Pois enganou-se. Não preciso nem tenho medo do senhor, como de ninguém; fique sabendo.

— Onze! — gritou a voz pausada e grossa do conselheiro.

O major Paes ganhava, só nesse golpe, 1170 fichas. O barão, imperturbado, falava-lhe novamente ao ouvido, com animação. De repente, o Paes tirou dois cartões de 50 mil-réis de um dos maços e deu-os ao barão, dizendo-lhe, com um tom duro e desdenhoso:

— Tome lá; leve. E para que fique sabendo que sou mais generoso e mais delicado que o senhor. Não faço caso de dinheiro; o que não admito é que me maltrate quem me deve favores...

O barão voltou logo ao seu lugar, sem agradecer mais aquele que o major Paes acabava de fazer-lhe.

Mas Fernando, como começasse a perder forte, parou e deu as fichas a troco.

Tendo-se levantado, indo tirar o lenço de seda do bolso, encontrou a carta.

— Ah! A tal carta. Já me esquecia... Mas de quem será? — monologou a meia voz e, rasgando o invólucro, foi entrando para o salão luxuoso, fartamente iluminado, mas deserto. Desdobrou a folha de papel branco, de que se evaporou um cheiro forte de opopônax.

— Hum! É de mulher: conhece-se pelo cheiro e pela letra. Mas é anônima. Que será? — E pôs a lê-la com viva curiosidade.

Mal começada a leitura, as mãos, que sustinham o papel, entraram a tremer; empalideceu, cambaleou, caiu sobre uma cadeira. A carta, que, com esforço enorme e violento, leu até o fim, dizia o seguinte, em boa caligrafia e sem muitos erros ortográficos:

"Senhor Fernando Gomes. Enquanto o senhor passa a noite jogando e amando a insignificante Bianchini, sua mulher consola-se da sua ausência e da sua infidelidade com o seu amigo íntimo Hugo da Rosa, esse bandido, essa pústula. Todas as noites vai ele a esse clube verificar se o senhor aí está, depois do que vai ocupar-lhe a cama tranqüilamente. Corra a casa, apenas receber esta, entre sem rumor e há de ver um belo espetáculo, digno de figurar nos contos de Rabelais. Quem isto lhe escreve, sem mesmo ter a precaução de disfarçar a letra, é uma das muitas vítimas daquele miserável, que dele tem sofrido torturas. Depois de despojar-me de um resto de pudor e de ilusão, que eram a minha felicidade, despojou-me das minhas economias e das minhas jóias e agora esbordôa-me quando não lhe arranjo dinheiro. Eu era uma viúva honesta antes de conhecê-lo. Hoje sou uma desgraçada, que terá de acabar... sabe Deus onde. Resolvi denunciá-lo para libertar-me dele e vingar-me também, acreditando que o senhor terá coragem e brio bastantes para matar esse infame sedutor como se mata um cão danado. Será um serviço à humanidade. Se o senhor nada fizer, por ser anônima esta carta, irei procurá-lo em pessoa e há de então, diante das provas irrecusáveis que lhe darei, reconhecer toda a triste e imunda verdade. Pulso firme e... adeus".

Acabada a leitura, Fernando ergueu-se, esfregou os olhos, mediu a sala a passadas largas, agitadoíssimo. Releu a carta, com dobrada atenção, como se não a houvera compreendido. Depois foi ao gabinete, abriu um cofre, tirou dele um revólver, que verificou estar carregado; meteu-o no bolso respectivo; apalpou a faca de cabo de prata, que trazia sempre na cava esquerda do colete; fechou a burra; tomou do chapéu e desgalgou rápido as escadas.

Uma vez na rua, atirou-se para dentro de um dos tálburis estacionados à porta do clube, deu o endereço ao cocheiro e disse-lhe com voz cavernosa:

— A galope, a todo o galope!

CAPÍTULO IV

O CASTIGO

O tilbureiro fustigou com vivacidade, a golpes estalados do pingalim, a magra e sonolenta pileca, que disparou no seu melhor galope. Mas, por mais rápido que o veículo corresse, a Fernando se afigurava que ele mal se movia. A sua impaciência era atroz... doía-lhe como uma queimadura.

Nos 20 minutos que durou o trajeto não conseguiu formular um pensamento claro e completo, apesar de ter o seu pobre cérebro trabalhado incessantemente.

Sentia-se arder em febre; a cabeça escaldava-lhe, ao passo que as mãos suavam frio. Era horrível. Teve a intuição de que, se demorasse mais uma hora a chegar a casa, perderia a razão, ou morreria sufocado. Felizmente o tálburi entrava na rua do Bispo. Fê-lo parar duas casas antes da sua.

la pagar ao cocheiro, mas, de repente, mudou de aviso e mandou-lhe que esperasse.

Caminhou para o portãozinho de ferro. Ergueu o trinco e entrou. Deu volta ao jardim, em demanda da porta da sala de jantar, única de que tinha a chave. Espiando pelo buraco da fechadura, viu que um bico de gás estava aceso em lamparina. Naquele momento o relógio da sala batia meia-noite, vagarosamente.

Deu volta à chave, empurrou a porta, entrou; mas o seu primeiro passo encontrou um corpo estendido, o qual, com o contato, mexeu-se, levantou-se rápido.

Era Maurícia, que dormia ali sempre que o amante de sua ama estava no sobrado, no quarto dela, para poder avisá-la, no caso de acontecer, como aconteceu afinal naquela noite, que o amo chegasse de improviso, antes da hora habitual.

Estremunhada, apenas o reconheceu, espavoriram-se-lhe os olhos, abriu o boca para gritar, atadas as pernas pelo terror. Mas a mão de Fernando tapava-lhe a boca... A negra arrancou essa mão com as suas e emitiu o primeiro som de um grito:

— Si...— mas não acabou: uma coleira de ferro estrangulava-a.

— Cala-te, negra maldita!— regougava Fernando, apertando-lhe a garganta com furor.

Os olhos da preta saltaram, enormes, das órbitas; a língua estirou-se-lhe da garganta, de onde saía um estertor. Fernando abriu as mãos; mas teve de amparar o corpo da desgraçada, para impedir o estrondo da queda: estava morta. Sacrificara-se pela sua filha de criação, heroicamente, com sublime simplicidade.

— Diabo! Esta agora! — e depôs brandamente o cadáver sobre a esteira em que dormia Maurícia um minuto antes.

Descalçou-se, tirou o fraque para ter os movimentos mais livres, empunhou o revólver engatilhado e subiu sutilmente as escadas, frouxamente alumiadas por um bico mortíço de gás. A preta deixava um pouco de luz em todas as partes, para proteger e facilitar a fuga de Hugo num caso de surpresa. E como Corina contava absolutamente com a sua dedicação, não esperava que fosse chegado o dia terrível dessa surpresa fatal.

O quarto de dormir era precedido do escritório de Fernando e seguido do gabinete de toalete. O escritório estava às escuras; mas no dormitório havia luz abundante. Atravessou aquele cautelosamente, evitando encontrões nos móveis, e chegou à porta envidraçada. Infelizmente as cortinas de cassa branca, do lado interno, dobradas em pregas verticais, impediam a vista. Pelo buraco da fechadura nada distinguiu: tapava-o a chave.

Quedou-se a escutar, colando o ouvido à fechadura, mas foi-lhe difícil ouvir, porque eles falavam baixo, em frases curtas, rápidas. Pareceu-lhe ouvir beijos e que Corina dizia não, repetidas vezes. Mas uma frase chegou-lhe nítida, perfeita, dita por ela; foi esta: "Amo-te, sim, mas não posso dar-te as bichas de brilhantes: Fernando daria por falta!"...

— Ah! Miserável! — rouquejou o marido, apertando a coronha da arma.

E ouviu então, de novo, o som de beijos e uma voz que suplicava, e suspiros, gemidos curtos, risos abafados. Procurou, com desespero, na cassa das cortinas num orifício por onde pudesse devassar o aposento. Achou afinal um rasgão em forma de pequeno triângulo: ajustou o olho direito ao vidro no lugar correspondente ao rasgão, e o que viu fê-lo tremer todo da cabeça aos pés, como num acesso de malária.

— Oh! O imundo animal! O infame! O infame!

E pensou logo em entrar e exterminá-lo. Mas experimentou levemente a porta: estava fechada. Que fazer? Arrombá-la? Daria tempo ao bandido para sair pelo gabinete de toailete e, tomando o corredor lateral, escapar-se, talvez.

Que fazer? Teve então uma idéia: bater devagarinho, como bateria Maurícia. Foi o que fez. Bateu levemente sobre o vidro, uma pancada, duas, três. Não responderam logo, de dentro. Mas ao soar a última pancadinha das três dadas juntas, a voz de Corina disse:

— Espera, espera... Estão batendo... não ouves? Ouço, sim; quem será?

— Deve ser a Maurícia; é com certeza. Podes abrir.

Ouviu-se um ruído surdo de passos de homem descalço e uma das meias portas abriu para dentro.

A figura de Fernando, em colete, descoberto, sem botinas, com o revólver estendido na mão direita apareceu no vão da porta.

Tudo o que então se passou foi de uma rapidez prodigiosa, indescritível. Hugo, em menores, recuou espavorido, estendendo os braços, fitando aterrorizado, a arma. Corina, nua, sentada sobre a cama revolta, os olhos escancarados, soltou um grito estridente; mas ao mesmo tempo ouviu-se a detonação de um tiro e logo segunda e terceira...

Hugo da Rosa, ferido no peito, foi cair aos recuos sobre a cama, comprimindo o ponto ferido com as mãos; e o seu corpo, amparado num dos braços, enquanto o outro se agitava na direção de Fernando, atravessou-se sobre as pernas brancas da amante desacordada.

Fernando aproximou-se lívido, hirto, com o revólver apontado, pronto a disparar ainda. O ferido arquejava; seus lábios brancos murmuravam: "Perdão!" Mas Fernando estava alucinado; via tudo vermelho: só via sangue e queria mais sangue.

Meteu a arma no bolso e sacou da cava do colete a faca, cujo cabo, de prata lavrada, cintilava ao gás. E o que se seguiu foi medonho. Avançou para o moribundo, trepou-lhe sobre o corpo e crivou-o de golpes profundos, certos, repetidos, demorados, em toda parte,— no pescoço, no peito, no ventre, nos olhos, na boca. O sangue, ao primeiro golpe no pescoço, esguichou farto sobre os lençóis, sobre o corpo inerte de Corina; depois, parou de correr, quando os golpes se multiplicaram. As mangas e o peito da camisa do homicida estavam tintos de rubro e as mãos pareciam calçadas de luvas da mesma cor.

Enquanto feria incansavelmente, Fernando monologava com os dentes cerrados e a voz áspera, como se saísse triturada nos dentes: "Infame! Bandido! Toma! Toma! Roubavas-me tudo, então? A mulher e o dinheiro! Eu trabalhava pra ti, ladrão! E todas as noites, enquanto eu estava fora, tu vinhas tranqüilamente, tomavas conta da casa. Ceavas provavelmente. Depois entravas para o meu quarto com ela. Fazia-a despir-se como uma fêmea reles, e, à luz do gás, de charuto à

boca à frescata, gozavas do espetáculo da sua nudez! E ensinavas-lhe bandalheiras, mistérios de bordel! Toma! Toma! E quando a vias desfalecida de gozo sob as tuas carícias ignóbeis, pedias-lhe as jóias, extorquias-lhe dinheiro. Ah! Compreendo agora por que ela me pedia tantas vezes dinheiro, cujo emprego tão mal justificava! Era para o seu amante, era pra ti, safado, que o ias gastar provavelmente com outras. Era disso que vivias! Era com a honra dos maridos que fabricavas o teu luxo grosseiro. Fazias das esposas prostitutas e ladras! E eu a abraçar-te, a receber-te à minha mesa, a encher-te o bandulho, a chamar-te amigo! Toma! Toma! Ah! Só teres uma vida! Como a morte é castigo leve para tantos crimes!..."

Mas o corpo de Corina mexeu-se: despertava do delíquio. Sentou-se na cama e, como louca, com a alvura da sua carne moça salpicada, enlaivada de sangue purpúreo, esteve um momento imóvel, assistindo àquela cena pavorosa. Fernando, sentindo-a acordada, lembrou-se, e só então, também dela. Suspendeu o braço, que golpeava sempre, voltou para ela os olhos aloucados.

Foi um segundo de indizível horror. Ela juntou as mãos em súplica muda. Ele, com o punhal, tinto de rubro, erguido na destra, descavalgou o corpo miserável do morto, desceu ao chão, e com o próprio punhal chamou a mulher, sem uma palavra, Ela, despenteada, sujas de sangue as pernas e as mamas, trêmula, um terror sobre-humano decompondo-lhe as feições, obedeceu... Veio para ele como uma sonâmbula e ajoelhou-se-lhe aos pés, abraçando-os, de rastros. E soluçava, soluçava. Ele curvou o corpo sobre o dorso nu, encolhido, da infeliz e ia cravar-lhe a arma; porém a voz de Corina subiu-lhe dos pés, flébil, gemente, misérrima... "Fernando! Meu Fernando! Meu marido!"

Vinha tão cheia de fraqueza, de miserabilidade aquela voz!

Estava tão baixo, cosida com o pó, numa posição de cadela batida! E depois, ele que ia matá-la sem defesa, covardemente, não teria concorrido para o crime que estava ali castigando? Não passava ele quase todas as noites fora de casa, no jogo, na orgia? Não a abandonava, assim, a todas as tentações perigosas e torpes? Não tinha ele amantes? Fora sempre um bom marido? Dera-lhe sempre os carinhos, as honras, a proteção que lhe devia?

E o braço não golpeava e a voz da desgraçada, soluçando sem parar, como um fio d'água que sai aos gorgolejos de um tubo:

"Perdão! Sei que mereço a morte! Mas tenho-lhe tanto medo! Tanto medo! E se soubesse como tenho expiado o meu crime! Aquele homem fez-me sofrer torturas! Perdoa-me! Fernando, meu Fernando! Meu marido!"

Ele não respondia... Uma piedade imensa, invencível, invadia-lhe a alma amolecendo-a num fluxo de lágrimas, que rebentou, por fim. Atirou o punhal e, sentado sobre uma cadeira, com a face fechada nas mãos, chorou longamente, miseravelmente, em soluços hartos, convulsos. Corina, que vestira um penteador, chorava também de bruços, beijando-lhe os pés.

Quando a onda impetuosa do pranto passou, desarmando-lhe a cólera, desafogando-lhe a alma, lavando-lhe os olhos do sangue que os cegava, ergueu-se, empurrou silenciosamente de si com o pé o corpo da mulher, fechou a porta que dava para o gabinete de toailete, guardou a chave e saiu do quarto, deixando nele Corina com o morto. Depois fechou a porta por fora, desceu a escada, passou sobre o cadáver de Maurícia, e saiu para a rua.

O tálburi esperava-o. "Leve-me à estação policial mais próxima", disse ao cocheiro. Este, que dormia, acordou estremunhado, e não pôde reter uma exclamação de espanto quando viu o freguês naquele estado: sem paletó, nem

chapéu, nem botinas, lívido, desgrenhado, manchado de sangue. Quis negar-se a conduzi-lo, assustadíssimo. Mas viu brilhar o cano de um revólver e achou prudente obedecer.

O cavalo partiu a galope.

CAPÍTULO V

"O COMENDADOR"

A morte inopinada de Fernando Gomes, o Comendador, como lhe chamavam todos na Casa de Detenção, guardas e presos, causou grande sensação no estabelecimento, e foi para os detentos uma diversão excelente, que lhes ocupou as atenções ociosas por todo aquele dia tórrido de janeiro, 22 — se bem me lembro — de 189...

Fora o Barbas de Arame quem descobrira, às oito horas da manhã, que o Comendador era cadáver.

Dia estival, o sol começara cedo o seu giro de distribuição de luz e calor, e às seis horas já o cubículo 25 estava cheio de claridade, que entrava pela janela quadrada e alta, gradeada de ferro.

Era uma cela de quatro metros de comprimento sobre dois e meio de largura, apenas suficiente para um homem, e na qual entretanto, viviam cinco — favor, ainda assim, muito especial, conseguido da administração pelos amigos de Fernando; pois que em muitos outros cubículos, iguais àquele em tamanho, havia oito, dez e mais pessoas.

Nenhum móvel — nem tarimba, nem mesa, nem banco —, o assoalho nu, imundo, maculado de toda sorte de sujidades, luzidio de gordura e do atrito dos pés.

Fora, por sobre a porta baixa, de varões de ferro em xadrez, pintados de verde, havia um cartaz em que se lia: Abastados. Isso explicava que os detentos tivessem colchões, lençóis, cobertas e travesseiros — o que só se encontrava nos cubículos em que havia cartaz idêntico. Essa classe de presos tinha ainda, graças ao seu dinheiro, outras regalias, como não vestir a roupa da casa — camisa de algodão e calça de zuarte, e poder mandar vir a comida de fora.

Naquela manhã quem primeiro acordou foi o Macaroni; eram cinco e meia. Sentou-se na cama, coçou com as unhas sujas a cabeladura crespa do largo peito nu, esticou os braços, bocejou ruidosamente, acendeu um cigarro e quedou-se a fumar, com os joelhos unidos ao peito e os braços cingindo os joelhos; e assim, fumando e cuspinhando, olhava com atenção para os companheiros.

Barbas de Arame, embrulhado num lençol, que lhe acusava a ossatura angulosa e descarnada, todo esticado, com a sua cabeça admirável de caráter — a calva enorme, as barbas ralas e grisalhas de fios ásperos e longos, as faces lívidas e encovadas —, parecia um asceta, morto de jejuns e penitências.

Depois dele, sobre as tábuas, tendo durante o sono escapado da enxerga, estatelava-se o Maricas, todo nu, mas de meias pretas — não podia dormir sem elas —, com os braços abertos, o peito ofegante de calor, e uma serenidade risonha espalhada nos traços delicados do rosto quase imberbe.

Macaroni, ao observá-lo naquela postura cômica, sorriu-se e exclamou, como dirigindo-se ao dormente:

— *Fà caldo, non é vero, carino?*

E, depois, como para si mesmo:

— *Bravo ragazzo! Tanto buono!*

Haviam-lhe posto a alcunha de Maricas pela sua delicadeza corpórea e de maneiras, pelo tom efeminado de toda a sua pessoa e os cuidados escrupulosos com que a tratava. Tomava banho frio todas as manhãs, ensaboando-se com furor, como se quisesse arrancar da pele branca o cheiro nauseabundo e a poeira fina e negra do cubículo, e todas as semanas mandava-lhe a família uma pilha de roupa lavada e brunida.

Era abastada e conhecida a sua família, que nele tinha o primeiro criminoso — segundo ela própria afirmava, consternada.

Seu crime fora ter matado uma prostituta de alto bordo, em cuja casa pernoitara, com uma punhalada no coração, quando ela dormia; punhalada que fez seguir de mais 12 em vários pontos do corpo da desgraçada: no baixo ventre, nos seios, nas coxas.

Interrogado, quando preso, ao fim de alguns meses de pesquisas baldadas, confessou o delito, dando como explicação dele o ciúme. Que amava aquela mulher; que lhe propusera mancebia, primeiro, casamento, depois; como tudo ela recusasse, alegando querer conservar a liberdade de sua vontade e de seu corpo, resolvera matá-la para impedir que pertencesse a outros homens. E tinha confessado tudo isso com a tranquilidade de um justo.

Na Detenção todos o estimavam muito pelo seu trato afável e pelo seu gênio serviçal, pronto sempre a obsequiar os companheiros — ou lendo, ou escrevendo para eles, ou dando-lhes conselhos e animação.

Fora o chaveiro, o gordo Meireles, quem lhe pusera a alcunha de Maricas.

Era uma das vaidades do Meireles — ter um talento especial para "botar alcunhas." Com exceção dos hóspedes já célebres, que traziam crisma de fora, era ele quem os crismava a todos. No cubículo 25 só o Barbas de Arame lhe escapara, pela aludida razão: era um nome de guerra, antigo e glorioso, que não podia ser mudado.

Ao Fernando Gomes, não ousando, pela sua posição e respeitabilidade, botar uma alcunha humorística, e não se resignando a deixar de rotulá-lo, passou a chamar-lhe Comendador, com muito respeito, no que a vítima nada viu de extraordinário.

O assassino da hetaira não gostou a princípio do cognome com que o distinguira o Meireles, a quem, em represália, denominou Sancho Pança, e não sem alguma sorte, porque o nome ia pegando de cubículo em cubículo, aos poucos, mas em segredo, pelo receio que havia das iras do poderoso funcionário.

Perto da porta dormia vestido o Pulso de Ferro, um português alto e forte como uma torre, que, numa rixa com um patrício, o estendera morto com um formidável murro em uma das têmporas. Esperava-se que seria absolvido, por parecer bem provada a justificativa da legítima defesa, visto que se encontrara um revólver na mão do morto.

Por último, no ângulo direito do cubículo, encostado à parede e voltado para ela, estava Fernando Gomes, imóvel. No chão, ao lado da cama asseada, via-se um tinteiro, cigarros, uma caneta com pena, vários papéis esparsos e duas ou três brochuras.

Macaroni, tendo acabado o cigarro, atirou com a ponta para o meio do quarto, acompanhando-a com uma cusparada, que foi apagá-la. Depois ergueu-se,

sungou as ceroulas imundas e foi urinar na bacia do esgoto que estava ao canto esquerdo, descoberta, e da qual os presos se serviam uns à vista dos outros, num impudor ignóbil e numa imundícia sórdida. Na volta abaixou-se junto da cama de Fernando, apanhou rapidamente alguns cigarros e voltou para a sua, onde se deitou novamente.

Neste momento ouviu-se fora um toque de clarim, um brado rouco, perdido na distância, e os passos e trincojeos do chaveiro, no corredor de pedra que separava as duas filas de cubículos, de 20 cada uma. Uma voz elevou-se e entrou a berrar obscenidades. Imediatamente troou o vozeirão do Meireles ameaçando o desordeiro com a escura e uma dose de madeira.

Nesse momento apagou-se o gás do corredor. Ouviam-se, bocejos, suspiros, ventosidades, risadas cínicas, palavrões mastigados, sonidos de ferros.

O ar, quase irrespirável, era um misto de exalações nauseantes de fumo, de fezes, de suor, de mofo... Macaroni recomeçara a roncar, quando Maricas e Pulso de Ferro, que haviam despertado ao mesmo tempo, trocavam as saudações matinais.

— Bom dia, seu Jerônimo — disse aquele.

— Muito bons dias, sr. Pinheirinho — respondeu o português. Então como passou a noite?

— Pessimamente. O calor era tanto que me pus nu e o resultado foi rolar da cama e vir acabar de dormir no chão, com o corpo sobre estas tábuas imundas. Vou ensaboar-me hoje com dobrada força. Esta vida dá cabo de mim. Nunca imaginei que se sofresse tanto em uma prisão.

— E ainda nós estamos no cubículo dos avastados. Imagine o que irá por aí além, pelos que o não são! Nossa Senhora! Com licença.

E foi urinar na bacia.

Maricas havia vestido um *chambre* e fora esperar na porta a passagem do chaveiro, a fim de lhe pedir licença para ir ao banho.

Ouviu-se então uma gritaria cortada de risos agudos, casquinados, que parecia virem do andar superior.

— Lá está o doido a gritar. Começa cedo hoje — disse o Barbas de Arame, que acordara com o alarido. Pepinos! É uma patifaria admitirem malucos nestas casas. Isto aqui não é hospício de alienados! — acrescentou, impetuoso, com voz cavernosa, e entreou logo a tossir aflitadamente, como se o peito lhe estalasse ao esforço; oito horas só havia no cubículo Macaroni, Barbas de Arame e Fernando. Maricas fora para o banho, em chinelas, munido de pente, esponja e sabão, e Pulso de Ferro, que graças à simpatia que despertara a sua defesa corajosa e ao respeito que impunha a sua força hercúlea, gozava de certas regalias excepcionais, fora dar o seu passeio habitual no magro e triste jardim da prisão, já inundado de sol.

Barbas de Arame, que estava nu sob o lençol encardido, passeava pelo cubículo, arrastando-o, meio curvo, tossindo, com um ar de fantasma tísico.

Macaroni, que acordara definitivamente, rezava, de joelhos sobre a enxerga, com remexidos de lábios, a sua prece matinal à Madona da sua devoção, sem se preocupar com a indecorosidade de sua toailete, que só se compunha de umas ceroulas mal abotoadas.

De repente, Barbas de Arame parou junto de Fernando e disse em voz alta:

— Comendador, oh! Comendador! — e para si mesmo:
— Não responde. É esquisito que durma até tão tarde, ele que geralmente dorme tão pouco!

E alteando a voz:

— Comendador, oh! Comendador!

E empurrou o corpo com o pé; o corpo continuou imóvel, após o curto movimento que lhe imprimira aquela impulsão.

— Estará morto? — perguntou o italiano aproximando-se.
— Parece — respondeu o outro.

E, agachando-se, virou rapidamente o corpo do companheiro. Estava gelado e rígido. O rosto largo, de suíças loiras, estava cor de cera, as faces cavadas; a boca aberta, com os lábios roxos, arregaçados, exalava um cheiro acre, estonteante, e os olhos, que eram garços, vidrados agora, enormes, olhavam para cima, para o vácuo, para o nada, com uma fixidez de demência.

— *Per la Madonna! É morto! Poverino!*
— É verdade esticou o molambo; — rouquejou tranqüilamente o Barbas de Arame; e acrescentou:
— Pepinos! Isso é que é macaca: dar a casca quase na véspera de sair deste chiqueiro! Chamemos o Sancho Pança.
— Sim, *mà avanti*, fiquemos com o que ele tem. Olhe lá, *amico*; — e apontava a porta.

Enquanto o velhote espiava se vinha alguém, o italiano despojou o morto: cigarros, fósforos, 15 mil-réis em notas, uns níqueis. O resto não prestava. Depois do que foi chamado o Meireles.

Horas depois era o cadáver removido para o necrotério.

CAPÍTULO VI

UMA MISSÃO DELICADA

Fernando Gomes falecera durante a noite, mas seguramente depois das nove horas. As oito, ao toque de silêncio, a que se apagam todas as luzes e todos os rumores se extinguem nos cubículos, ele passeava e fumava, taciturno, agitado, silencioso, respondendo apenas por monossílabos ao que lhe perguntavam, e até às nove horas ouviram-no alguns companheiros mexer-se na cama, tossir, suspirar.

O Maricas pretendia ter-lhe ouvido o estertor da morte: um ruído de respiração difícil, aflitíssima, terminando em um suspiro profundo e longo; mas todos atribuíam isso à prosa do rapaz.

A esse respeito quem mais importantes revelações fornecia era o Meireles, chaveiro. Eis o que ele contava:

Naquele dia, às três e meia horas da tarde apresentara-se na Casa um senhor ainda moço, bem trajado o qual pediu ao administrador licença para visitar o

preso abastado de nome Fernando Gomes. Trazendo-lhe um guarda a ordem do administrador, Meireles entregara-lhe o preso requisitado.

Essa visita durou seguramente uma hora. Quando dela voltou trazia o Comendador na mão uma carta bastante volumosa e, tendo recusado o jantar que habitualmente recebia de uma casa de pasto da vizinhança, pediu-lhe licença para ir tomar ar no jardim. Uma vez ali, abriu com impaciência o invólucro da carta e entrou a ler as numerosas folhas de papel que a formavam.

Quando Meireles, dali a uma hora, veio chamá-lo para recolher-se à prisão, encontrou-o sentado com a cabeça escondida nas mãos e soluçando convulsivamente. Interrogado pelo chaveiro sobre o que tinha, se sentia doente, respondeu que não, que fora uma notícia má que recebeu que o incomodara, mas que estava acabado, nada mais tinha, sentia-se aliviado. Porém, apesar dessa afirmação, a sua fisionomia estava completamente alterada, coberta de uma lividez cadavérica e levava de quando em quando as mãos ao peito, como se sentisse ali uma grande opressão:

"Aquela visita, aquela carta... dali é que veio todo o mal. Foi aquilo que o matou. Não sei para que diabo é que se mandam más notícias aos outros. As boas ninguém tem pressa de dar;" concluía filosoficamente o claviculário, com uma expressão de profunda mágoa pela miséria humana.

E acertava sem o saber. Fora aquela visita, fora aquela carta que matara Fernando.

Quando ele entrou na triste e mal arranjada sala que serve de locutório da Detenção, no pátio interior, à direita da porta de entrada, para o fim de falar com a pessoa que por ele procurava, encontrou um cavalheiro vestido de preto, barba escura, mesclada de fios brancos, calva incipiente, óculos de ouro, tendo no dedo anular da mão esquerda um anel de médico. Vendo entrar Fernando acompanhado por um guarda, o desconhecido ergueu-se e, dirigindo-se cortesmente para ele, perguntou-lhe:

— O sr. Fernando Gomes?

— Um seu criado. Queira sentar-se e dizer-me a que devo a honra da sua visita.

O desconhecido sentou-se em uma das extremidades do velho sofá de mogno de palhinha encardida e rota em alguns pontos. Na outra extremidade um advogado, muito conhecido pela sua especialidade de defensor de gatunos e desordeiros, interrogava em segredo um deles sentado em uma cadeira próxima, alisando nas mãos com fingida humildade o boné muito sovado.

— Chamo-me João Itaparica, sou médico e clinico na cidade da Bahia, da qual cheguei ontem com o fim expresso e único de desempenhar-me junto de V.Sa. de uma missão reservada e delicadíssima — e, dizendo isto, tirou do bolso uma sobrecarta quadrada e volumosa, que conservou nas mãos, como se quisesse adiar o momento de entregá-la.

Fernando fitou sobre o médico com algum espanto os seus grandes olhos, em cujas pupilas claras parecia ver-se-lhe a lealdade da alma. E à interrogação muda mas instante desse olhar, o seu interlocutor respondeu:

— Sim, uma missão que considero sagrada e da qual somente hoje me posso desempenhar. Esta carta, que lhe vou entregar dentro de alguns instantes, foi-me remetida para este fim, há quase cinco anos pelo... — e a sua voz tremia um pouco — pelo meu saudoso colega e amigo dr. Paulino de Castro.

A fisionomia do preso demudou-se subitamente; as faces tornaram-se lívidas, os lábios tiveram um rápido tremor e um véu de lágrimas cobriu-lhe os olhos. A comoção era tal que não podia articular uma palavra.

— Sente-se mal?

— Não, obrigado. Isto passa já. Compreende... O dr. Paulino foi o meu maior, o meu melhor amigo. Considerava-o como meu filho. Nunca tive outro senão ele...

— Bem o sei. Mas julguei que o tempo houvesse cicatrizado completamente essa terrível ferida.

— Feridas há que nem o próprio tempo consegue cicatrizar. A que me abriu no coração a perda daquele amigo é desse número. E depois, daquela forma, suicidando-se, cortando a carótida com um golpe de bisturi! Moço, belo, ilustrado, com um futuro extra ordinário, estimado por quantos o conheciam! Oh! Foi para mim uma catástrofe. Se ele vivesse, a minha desgraça atual não me pesaria tanto. Que me importava ter matado um homem, perdido a mulher, o lar, a felicidade doméstica, se o tinha a ele, o meu Paulino, o meu amigo, o meu filho querido? Se fosse absolvido, partiria com ele para a Europa, viajaríamos o mundo inteiro e eu esqueceria, finalmente, o meu infortúnio. Mas sem ele que será de mim? Que farei da vida? É provável que o júri me absolva; matei o amante de minha mulher, tendo-os surpreendido em flagrante. Lavei com sangue a minha honra. Mas que encantos tem agora a vida para mim? Viver aqui para encontrá-la a cada passo, risonha, frívola, formosa, triunfante? Amei-a, amo-a, amo-a ainda, senhor doutor, amo-a ainda muito para poder vê-la outra vez. Viajar? Mas sozinho, sem um amigo íntimo que me distraia, que compreenda o estado do meu espírito e procure curá-lo... fora inútil. A vida pesa-me. Não me suicidarei, porém. Devia tê-lo feito naquele dia fatal; não o fiz: agora é tarde. Procurarei longe daqui alguma coisa a que dedique este resto curto de vida miserável sendo útil aos meus semelhantes.

E, tendo por alguns momentos fechado o rosto nas mãos trêmulas, voltou com voz firme:

— Agora estou calmo. Pode falar.

— O que tenho a dizer é bem pouco. Há cinco anos, pouco mais ou menos, recebi na Bahia uma carta escrita pelo dr. Paulino de Castro na véspera do dia em que se suicidou em São Paulo, carta que acompanhava esta, fechada e lacrada como agora está. Pedia-me o meu amigo, o nosso amigo, que guardasse esta carta em meu poder para só entregá-la ao seu destinatário se desse uma circunstância especial, realmente estranha...

— E qual?

— Essa circunstância era... — O médico hesitava; por fim, com um esforço visível — era ter V. Sa. algum dia provas inconcussas de que sua esposa o traía.

Fernando empalideceu tanto e seu corpo teve um sobressalto tão forte que o médico ergueu-se para ampará-lo.

Ele afastou-o brandamente, murmurando muito baixo, com a voz velada e sombria de um hipnotizado:

— É singular, é singular...

E de repente:

— Dê-me essa carta... Dê-ma!

O médico, sem se apressar a entregar-lha, observou-lhe muito calmo:

— Ignoro o conteúdo desta carta, nem o dr. Paulino me revelou qual fosse. Apenas me ordenou que só a entregasse naquela determinada circunstância e que o fizesse em pessoa, recomendando-me mais que tomasse as providências necessárias para o caso de eu falecer antes de tal circunstância realizar-se, de modo que a sua última vontade fosse cumprida. Obedeci com religioso escrúpulo às ordens do meu pobre amigo e...

— Mas por que não me fez entrega mais cedo desse documento? Há três meses que se realizou a condição tão singularmente prevista por ele e, entretanto, só hoje é que V. Sa. me honra com a sua visita.

— Estive doente, absolutamente impossibilitado de fazer esta viagem. Ora, como era indispensável que eu fizesse pessoalmente a entrega, tive de esperar o meu restabelecimento. Aqui tem a carta. Faço votos para que a sua leitura lhe traga um bálsamo às dores morais que o afligem e que o resultado do seu próximo julgamento seja, como é de justiça, a restituição à nossa sociedade de um dos seus mais belos ornamentos — concluiu o dr. Itaparica, com um ar prudhommesco, erguendo-se.

Apertou gravemente a mão de Fernando — estava fria e viscosa como a de um desmaiado.

O preso guardou a carta no bolso interno do paletó e, acompanhado novamente pelo guarda, pediu e obteve licença para ir passear no jardim da prisão.

A vegetação mesquinha e raquítica tinha um ar de cansaço e tristeza; as copas dos arvoredos estavam cobertas de poeira; o terreno estava seco, em torrões negros. Nenhuma viração agitava as folhas; nenhuma flor alegrava a vista. A atmosfera pesava e cheirava mal.

Mas o pobre detento não tinha a impressão consciente daquele meio desagradável e opressor, que, entretanto, devia acabrunhar-lhe o espírito, mau grado seu. Três ou quatro homens passeavam, fumando e conversando. Umas crianças riam e corriam descuidosamente, tentando empinar um papagaio, empresa que a falta de vento tornava impossível.

Fernando procurou um recanto isolado; aí sentou-se e abriu com as mãos trêmulas o sobrescrito misterioso, tirou de dentro algumas folhas de papel, e leu sofregamente o que nelas escrevera cinco anos antes o dr. Paulino de Castro.

CAPÍTULO VII

A CARTA

São Paulo,...de...de 189... Meia-noite.

Fernando.

Como e por onde principiar esta carta? Ah! Se eu pudesse deixar de escrevê-la! Mas não, ela é indispensável, custe-me este sacrifício embora muito mais que o da própria vida, que dentro de algumas horas vou fazer também.

Sim, é um moribundo quem te escreve, meu Fernando. Dentro de algumas horas terei deixado de existir; vou suicidar-me, e unicamente para isto foi que vim para São Paulo.

A verdadeira causa deste ato que a imprensa e o público hão de qualificar, como habitualmente, de ato de desespero ou de loucura, vou dizê-la nesta carta somente a ti. Ninguém mais no mundo a conhece nem conhecerá. Talvez tu mesmo fiques ignorando-a, porque esta carta pode ser que te não chegue às mãos. E oxalá que assim seja! Desejo-o ardentemente! Se eu acreditasse em Deus, suplicar-lhe-ia com fervor que arredasse de ti este cálice de fel, não menos terrível que o que apareceu a Jesus no Horto das Oliveiras.

Oh! Meu Fernando, o que tenho a dizer-te é por tal modo horrível que quase desfaleço; a coragem abandona-me, e é preciso um supremo esforço, é preciso evocar a imagem severa do dever para não despegar da pena e interromper estas linhas. O que me alenta, o que me dá forças para consumir este sacrifício tremendo é a esperança, a doce, a sempre verde, a eterna consoladora. Bendita sejas, boa amiga dos infelizes! E a esperança de que esta carta não seja lida nunca pelo seu destinatário e que, portanto, ele fique ignorando sempre a pavorosa verdade sobre o meu suicídio; é a esperança de que se não realize a circunstância, o fato de que depende receberes esta carta. Claro é que, se a leres, será por ter-se realizado aquela condição e portanto parecerá quase calinada tudo o que tenho estado escrevendo até aqui; bem o sei; quero, porém, que conheças os meus sentimentos, o desejo e os votos ardentes que faço para que tal fato não suceda, para que não leias nunca esta missiva assassina... digo assassina porque temo e quase pressinto que te matará.

Que situação atroz a minha! O dever ordena-me tudo dizer-te, sacrificar a própria honra do meu nome, em expiação do meu crime, ser leal e verdadeiro contigo à beira do túmulo, para te não usurpar um respeito, uma gratidão, uma saudade que não mereço, de que não sou digno... Mas a minha amizade por ti faz-me tremer pelo sofrimento que te vou causar, pelo golpe, talvez mortal, que te vou desfechar, certo ao coração... Ele, porém, não será o primeiro: teu coração já estará mortalmente ferido quando o segundo golpe o retalhar. Sem aquela primeira punhalada não receberás esta.

Oh! Deus, se existes, faze que seja assim! Afasta de meu pobre pai este cálice de morte! Sim, porque és meu pai, e eu o sei, e já o não esqueço... Devo-te tudo o que sou, ou antes tudo o que fui, porque é um extinto quem te fala. Educaste-me, fizeste-me alguém; deste-me com uma das mãos a bolsa e o coração com a outra. Deste-me a tua confiança, a tua amizade, a tua esperança, a tua alegria, tua alma inteira. Fizeste de mim um prolongamento do teu eu. Foste para comigo leal sempre, além de boníssimo. Merecias que te eu amasse como um filho de sangue e servisse como um escravo ilibertável.

Pois bem, eu... Oh! Como dizer-lho, minha alma? Dá-me forças, meu Deus! (Como Ele é necessário nestes momentos supre-mos da vida! Nestas crises para as quais não tem o mundo solução nem remédio!) Eu... traí-te, Fernando, traí-te como o mais vil dos vis, o mais miserável dos miseráveis... Apaixonei-me por tua mulher...

Mas nisso não houve culpa minha... Somos nós porventura senhores do nosso coração? Que vale dizer-lhe: "Não ames"? Ele não recebe ordens; não é escravo: é senhor e déspota. Mas o meu dever era afogá-lo no peito. Aquele amor era um crime: eu devia estrangulá-lo no nascedouro. Manda a verdade dizer que fiz esforços para isso; mas insuficientes, fracos... Eu devia ter abandonado a tua companhia, saído de tua casa, e dizer-te mesmo por que o fazia, lealmente: "Amo tua mulher como um louco e como sou teu amigo e homem de bem — deixo-te, fujo". Não o fiz. Fui... amante... de tua mulher; mas somente quando te ausentaste para o rio da Prata. Não permaneci um só instante sob o teu teto, contigo, depois de haver-te atraído; dou-te a minha palavra de honra!... De honra? Tenho-a eu ainda, porventura? Pode um desonrado invocar a honra? Dolorosa irrisão!

A minha confissão está feita. Todo o tempo que passaste fora, fui amante de Corina, gozei-a com ardor, com delírio, alucinadamente... Há apenas algumas horas, no trem de ferro, recapitulando todas as peripécias, todos os incidentes da nossa ligação culposa, numa análise rigorosa de autopsicose, concluí por convencer-me de que não a amava de verdadeiro amor, mas somente de paixão carnal...

Oh! Eu tinha necessidade de crê-lo para ter as forças necessárias ao cumprimento do meu dever; para não retroceder covardemente e ir viver com ela e contigo, em *ménage à trois*, como fazem tantos... Horrorizou-me a idéia de vivermos juntos, os três, sob o mesmo teto, como dantes, e por isso propus-lhe abandonar a casa e o marido à luz meridiana, para acompanhar-me.

Sim, propus-lhe essa infâmia... tanto a amava! Mas atende que ela é infinitamente menos vil que continuar teu hóspede, teu protegido, partilhando-te tudo — mesa e cama. Juro-te que a minha intenção era não me defender se me atacasses, era deixar matar-me indefeso: era aquele o teu direito e era este o meu dever. Ela, porém, não quis: não me amava. Quando se ama sorri-se ao perigo, arrosta-se a morte. Não me amava, acredita-o.

A idéia de ver-te novamente, de abraçar-te, de estreitar-te a mão leal era-me insuportável... Senti-me incapaz dessa baixaza e isso elevou-me moralmente um pouco aos meus próprios olhos. Resolvi matar-me, porém antes que novamente nos víssemos; não queria que teus olhos pousassem sobre os meus depois que a luz deles se maculara no lodo da traição: não mereciam aquela honra. Parti esta manhã na véspera da tua chegada.

Talvez, no entanto, hajas desembarcado hoje mesmo e a esta hora tenhas nos braços... tua mulher... e nos seus beijos não sintas ressábios dos meus... Ah! Fernando, este pensamento queima-me o cérebro como uma brasa viva... Tenho ciúmes, sim! Para que mentir-te... a dois passos da morte? Se já sabes tudo! E, entretanto, falas talvez em mim; estranhas e comentas a minha partida e ausência e isso turva-te a felicidade do regresso ao lar... enquanto eu, aqui, neste quarto de hospedaria, escrevo neste papel que... tenho ciúmes de ti! Monstruoso! Que imundícia — a vida!

Sabes que tua mulher te é infiel. Descobriste-o... (Falo transportando-me ao futuro.) Conhecendo-te como te conheço, tenho a pré-segurança de que mataste o homem com quem ela repartia suas carícias... Mataste-o; bem. Mas tua mulher? Que lhe fizeste? Tê-la-ias matado também? Receio-o muito e este receio inquieta-me. Espero, entretanto, que te hajas comiserado dela, que lhe tenhas perdoado.

A mulher é um ente moralmente inferior, irresponsável pelo mal que faz, pelos infortúnios que espalha em torno de si. Conheces as minhas teorias a este respeito, porque leste o meu livro, além de que inúmeras vezes conversamos de tais assuntos. Se mataste o amante de tua mulher, fizeste bem; mas se também a esta,

erraste e foste injusto, além de cruel. Se o homem fosse bom, seria a mulher má porventura? É o nosso egoísmo que as estraga e perverte. Só tendo em vista o gozo presente, sem atender aos males futuros, mentimos, fingimos, atraçoamos; depois de saciados, abandonamos a vítima e vamos além, em busca de outra novidade, fazer outra vítima. Abusamos da fraqueza da mulher, que é toda credulidade, confiança, vaidade, amor-próprio e volubilidade. Quantas vezes atraçoaste tua mulher? Muitas, não é verdade? Como há de, pois, o réu ser juiz?

Não: espero que te hajas lembrado do que de mim leste e ouviste a este respeito e lhe hajas poupado a vida. A vida te vingará contra ela como vai vingar-te contra mim pelas minhas próprias mãos, dentro de algumas horas apenas.

Vou terminar o nosso suplício: meu de escrever-te, teu de me leres. Não peço nem espero que me perdoes. Esta carta é, ao contrário, escrita para que me não guardes estima nem gratidão, para que me escarres na memória, para que me espezinhes a sepultura.

Mas peço-te e espero que perdoes a Corina. Fomos nós, tu, eu e o mundo que a fizemos má. Ela é uma alma encantadora, que foi angélica. Não soubeste cultivá-la... Lembras-te da minha carta de Paris a propósito dos abortos? Foi pessimamente educada. Tu, que a amavas, não soubeste corrigir os males dessa educação. E, por fim, eu, o filósofo, o psicologista, o forte, acabo a obra da sua perdição sucumbindo ridiculamente à paixão criminosa que me acenderam os seus encantos. Bem vê: castigá-la, fazê-la pagar culpas alheias, tuas e minhas, é mais que injustiça: é crueldade, é um novo crime. Não o hás de ter cometido, não hás de cometê-lo decerto.

Agora, adeus: adeus para sempre. Beijo-te as mãos, beijo-te os pés. Não te peço perdão: porque o não mereço, porque não deves dar-mo. Peço-te apenas permissão para chamar-te mais uma vez, a derradeira — "meu amigo, meu irmão, meu pai". Adeus, Fernando.

Aceita, recebe a alma inteira do teu desgraçado

Paulino.

CAPÍTULO VIII

FLOR DE SANGUE

Era a primeira de uma revista, feita por um dos mais aplaudidos escritores do gênero. O Recreio Dramático apanhara uma dessas enchentes colossais que não deixam vazio um lugar e transvasam gente até ao fundo do jardim. Jardim sem flores, de cimento, com três ou quatro arbustos tísicos, mal iluminado, borbórinhante, tristonho, apesar de tanta animação. Sem flores e sem claridade não há alegria.

Nos intervalos a onda grossa e variegada dos espectadores invadia-o, espalhando-se em todas as direções, dificultando o trânsito, desenvolvendo um calor enorme sob o céu caliginoso, ameaçador de borrasca. Todas as mesinhas de zinco, tanto do jardinete como do botequim, estavam ocupadas por homens e mulheres, bebendo e rindo com estrépito. Os criados corriam azafamados, servindo às pressas.

Era enorme a quantidade de cocotes, em grande gala muitas, algumas vestidas mui ligeiramente. Passeavam a duas e a três, braços engatados, insinuando-se às cotoveladas entre os homens, com ditos, gestos e risos descarados. Alguns beliscavam-nas ou apalpavam-nas, o que provocava uma

palavrada ou uma pancada de leque, em meio de gritos e gargalhadas. Garrafas de gasosas e champanha estouravam; tiniam copos. As brasas dos cigarros e charutos vermelhejavam, lembrando pirilampos no sombrio de uma alfombra de relva.

Em uma das mesas estavam três rapazes bebendo cerveja. Eram dos mais conhecidos na Rua do Ouvidor e nos teatros pela sua fama literária. Andavam quase sempre juntos; amigos inseparáveis. Um cronista, poeta o outro, romancista o terceiro. Discreteavam com ar de tédio, arrasando a peça e o autor, a quem chamavam de cretino para baixo, quando de repente o cronista, que conhecia todo o *demi-monde*, exclamou:

— Lá vai a Corina, a heroína da famosa tragédia do ano passado, na rua do Bispo.

— Onde? Qual? — perguntou curiosamente o romancista.

— Vês aquelas duas mulheres que pararam ali ao pé do lampião para falar com o Viana e o Paranhos? É a de vestido claro e chapéu de plumas; está de costas; voltou-se agora.

— Oh! Mas é formosa! Conheço toda a sua história. Daria de certo matéria para um romance de primeira ordem. Talvez que eu o escreva ainda.

Corina passou por eles nesse instante. Estava radiosa de frescura e graça. Engordara um pouco com a vida dissoluta que levava desde alguns meses. Adquirira esse *quid* especial, indefinível, da mulher que faz do amor profissão; mas, apesar disso, tinha ainda nos gestos, nas palavras, na fisionomia um resto de ar caseiro, do ar honesto da mulher que não ama para viver, por negócio.

— E sabes como eu intitularia esse romance? — perguntou o romancista. E acrescentou logo: — Chamar-lhe-ia *Flor de Sangue*. Sim, que é essa mulher senão uma flor brotada e desabrochada no sangue de dois homens? O seu batismo para o amor livre foi o sangue do terceiro amante na noite da tragédia. Lembras-te? Toda nua, desmaiada, borrifada por todo o corpo do sangue tépido, rubro, espumante que o marido fazia jorrar das veias do outro?

— Tens razão — observou o poeta. — Ficaré sendo conhecida por Flor de Sangue. É um belo nome de guerra.

FIM